

B.
KUCINSKI

**VOCÊ
VAI
VOLTAR
PRA
MIM**

E OUTROS
CONTOS

COM DOIS
CONTOS
EXTRAS

LEV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



B
KUCINSKI

VOZE

VII

VOLTAR

PRA

MIN

E OUTROS

CONTOS

POSFÁCIO

MARIA RITA KEHL

*Não quero falar de mim, mas seguir de perto o século,
o rumor e a germinação do tempo.*

Óssip Mandelstam, *O rumor do tempo*

[em tradução de Paulo Bezerra]

Caro Leitor:

As histórias desta coletânea fazem parte de um conjunto de 150 contos escritos entre junho de 2010 e junho de 2013, dos quais foram selecionados aqueles que se inspiram no clima de opressão reinante no nosso país nas décadas de 1960 e 1970 e suas sequelas.

Aos leitores familiarizados com aqueles tempos, os contos podem lembrar episódios e pessoas conhecidas. Mas não passam de invenções, criações literárias sem nenhuma obrigação de fidelidade a pessoas ou fatos que eventualmente os possam ter inspirado.

Aos leitores mais jovens, não familiarizados com aqueles tempos, acredito que essas narrativas de cunho literário permitirão sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar.

Versões preliminares de quatro dos contos desta coletânea foram publicadas na *Revista do Brasil*. São eles: “A mãe rezadeira”, “Um homem muito alto”, “O garoto de Liverpool” e “A instalação”.

B. Kucinski, outubro de 2013

Aos meus netos e a todos os netos.
À Fernandinha.

Maria Rita Kehl

Quando termina a escrita de um trauma? Quantos anos, ou décadas, são necessários para que um fato traumático se incorpore à memória social sem machucar nem se banalizar? Os sobreviventes, ou descendentes de sobreviventes do Holocausto, ainda não fecharam essa conta. Contrariando a impossibilidade, prevista por Adorno, de se escrever poesia / literatura depois de Auschwitz, o trauma da vida e da morte nos *lager* não cessou de produzir romances, poemas, memórias e autobiografias, nas sete décadas que nos separam do fim da Segunda Guerra Mundial. Passado um tempo subjetivo em que silêncio e estupor são as únicas reações possíveis ante o evento traumático, as vítimas e testemunhas se põem a falar. Ou a escrever. Não é um capricho: é uma necessidade. É preciso compartilhar o acontecido com o outro, os outros. O pesadelo recorrente de Primo Levi, de que ao voltar para casa ninguém acreditaria no seu testemunho, não pode se realizar. As vítimas de todas as experiências de terror sentem necessidade de incluir cada terrível fragmento do Real no campo coletivo da linguagem, como forma de diluir a dor individual na cadeia de sentido que recobre a vida social.

E qual o tempo necessário para se transformar o horror sem sentido em experiência estética compartilhada? A publicação de *K.*, primeiro romance do jornalista Bernardo Kucinski, fechou em 2011 a conta de quase quatro décadas desde o desaparecimento da irmã e do cunhado do autor, Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva, em 1974. Duas edições de *K.* esgotaram-se rapidamente e o livro foi publicado em vários países. A qualidade literária do romance prova que não há sofrimento, nem indignação, que não possam ser sublimados e transformados em arte.

Se Bernardo precisou de quatro décadas para transformar o Real em literatura, bastou este romance de estreia para virar o jornalista em escritor de ficção. E dos melhores, na apreciação de leitores que, assim como eu, costumam ler quase tudo o que se publica em matéria de memórias de vítimas da ditadura, desde meados dos anos 1970.

A matéria literária de *Você vai voltar pra mim e outros contos* é a mesma que inspirou a escrita de *K.*: o encontro do militante político com o

horror do sistema repressivo, oficial ou clandestino, criado para exterminar qualquer tentativa de oposição ao projeto da ditadura militar de 1964-85. A forma curta do conto permite ao autor novas liberdades em relação ao romance autobiográfico. Liberdade, por sinal, é palavra que define não apenas a escrita de Kucinski, mas sua atitude diante da vida política. Liberdade crítica, que o leva a rejeitar orientações dogmáticas e tentativas de limitar a expressão do pensamento, tão próprias de nossa cultura autoritária.

Liberdade na escrita das *Cartas ácidas* produzidas em sua passagem pelo primeiro governo Lula. Liberdade no trato com a matéria dolorida de K. - vale lembrar o depoimento, nem tão fictício assim, da amante do delegado Fleury. Ou o da faxineira da casa clandestina onde os cadáveres dos militantes seriam despedaçados e entregues aos cães.

Liberdade que se torna mais ousada nessa coletânea, a começar pelo manejo da ironia ao abordar alguns aspectos da experiência das vítimas do terror militar brasileiro. É o caso do título do conto que dá nome à coletânea, “Você vai voltar pra mim” - insinuação sedutora na boca de um personagem sinistro. Ou da fracassada tentativa de reconciliação entre o pai, ex-militante político, e o filho que se sentiu abandonado por ele, no conto “Terapia de família” - tema que se repete, invertido, na silenciosa reconciliação ao final de “Pais e filhos”.

Embora o autor não nos explique nada a respeito da veracidade, ou não, dos episódios, alguns deles são muito conhecidos das vítimas e dos estudiosos do período. Minha memória sugere que todos eles sejam, como se afirma nas legendas finais de alguns filmes, *inspirados em fatos reais*. Muitos da nossa geração hão de identificar o querido “homem muito alto”, personagem do conto de mesmo nome. Outros já ouviram a história do pai que, no fim da vida e já sem esperança de encontrar o filho desaparecido, convoca a família para o enterro simbólico do caixão com os pertences do rapaz. Mas a identificação da matriz histórica dos contos não lhes diminui o interesse; a força da literatura não está no que se conta, e sim no estilo em que é contado. Penso que a morte banal homenageada em “Kadish para um dirigente comunista” possa comover tanto os amigos do personagem morto como os leitores que nunca ouviram falar em Alberto Molina.

Por fim: nem tudo é elaboração da dor nos contos de *Você vai voltar pra mim*. Uma parte das narrativas aborda sem piedade o *febeapá* em que se transformou a vida brasileira sob o tacão militar, cujos efeitos ainda sentimos, trinta anos depois. O emburrecimento do país amedrontado (“A visita do inspetor-geral”). A proliferação das “baixas autoridades” e sua estupidez burocrática. O sem sentido das decisões vindas “de cima” (“A lista”). A propagação epidêmica da mesquinha. As diversas faces da

traição, do puxa-saquismo, da covardia. Ou então, do lado da militância de esquerda, os caminhos suspeitos do dinheiro que financiava nossos jornais independentes (“Dr. Carlão”). E como não poderia deixar de ser, a cega convicção do alto, médio e baixo escalões das organizações, no hilariante “O filósofo e o comissário” – conto pelo qual temo que a ironia de Kucinski dificilmente seja perdoada.

CONTOS

A história nos manteve mudos de espanto, exceto pela minha observação de que se tratava do único caso conhecido de comunicação extrassensorial nas prisões da ditadura. Surpreendia-nos também que uma história dessas, de telepatia e milagre, visões e adivinhações e até de manifestação dos orixás, viesse da boca de um declarado materialista.

Por tudo isso, avaliando que o assombroso relato não poderia faltar à crônica daqueles tempos, mas enfrentaria o ceticismo, para não dizer a incredulidade de futuros historiadores, pedi ao nosso convidado permissão para gravar. O que segue é a transcrição de sua fala, palavra por palavra, expurgada uma ou outra repetição e preenchidos alguns truncamentos.

Enquanto vocês recordavam companheiros nossos que morreram há pouco tempo, eu me lembrei da beata Vavá, que faleceu na Bahia no mês passado com cento e dois anos de idade. Não, ela não participou da luta armada, era católica fervorosa, jamais pegaria em armas. Mas fez mais contra a ditadura do que qualquer um de nós. Calma, vou chegar lá. Contudo, vocês podem ter uma ideia antecipada da importância da beata Vavá naqueles tempos difíceis pelas cenas do seu sepultamento em Salvador, ainda vivas dentro de mim. Estavam lá, além do cardeal arcebispo em pessoa, as principais mães de santo de Salvador, a mãe Jaci, a mãe Nair, ambas trajando seus paramentos mais ricos, o governador, o prefeito, o pessoal das comunidades; muitos ex-presos políticos, todos emocionados, inclusive o Talarico, que, como vocês sabem, virou casaca, o Durval, que veio de Recife, o Neno, de Belém. Quem passou pela medonha prisão de Salvador e soube a tempo da morte da beata Vavá fez questão de vir. Muitos deles atribuem a ela o fato de terem sobrevivido aos suplícios do coronel Araújo, que fazia da nossa vida um inferno. É possível. A beata Vavá não passava uma semana sem visitar os presos e houve ocasiões em que nos visitou dias quase seguidos, inclusive nesse episódio surpreendente da aparição, em que ela foi à cadeia numa segunda-feira, depois de lá ter estado no sábado. Na verdade foram duas as aparições recebidas pela beata Vavá. A primeira surgiu-lhe quando o filho ainda estava preso na Barão de Mesquita, isso em fins de 72. A beata Vavá rezava pelo Anésio todos os dias duas vezes, primeiro de manhã, na missa das sete, depois à tardezinha. Sempre na catedral e sempre na capela lateral perante a imagem de Jesus crucificado. Essa

primeira visão lhe veio numa reza da tarde; ela orava ajoelhada, de olhar fixo na imagem, quando percebeu que Jesus vertia sangue dos punhos, dos tornozelos, logo da boca, e se transmutou rapidamente na imagem de seu filho: viu o seu filho Anésio crucificado e vertendo sangue. O Anésio tinha apenas dezenove anos, era estudante de geologia e havia sido preso com um pessoal do MRT. O rosto era do Anésio, os olhos eram do Anésio, os cabelos, tudo. E ele sangrava como um animal no matadouro, desculpem a imagem grosseira, obviamente minha, não do relato dela. Imaginem a cena, o choque da beata Vavá. Se ela faleceu no mês passado com cento e dois anos, naquela ocasião deveria estar na casa dos sessenta. Mesmo assim, ergueu-se com a agilidade de uma mocinha, deu a volta na catedral e bateu nas portas da Cúria, insistindo em falar com o cardeal arcebispo. Todos a conheciam por sua devoção e dedicação às obras da Igreja, e pela amizade antiga com o cardeal, anterior ainda à sua elevação a arcebispo. Foi logo levada à presença da maior autoridade da Igreja de Salvador, que, como vocês sabem, é também o primaz da Igreja Católica no Brasil, prelado da nossa mais antiga arquidiocese. A beata Vavá relatou ao cardeal o milagre do sangue brotando da imagem de Cristo, convenceu-o de que seu filho corria perigo de vida, que esse era o sentido da visão que tivera, da mensagem que os céus lhe mandavam. Era um pedido de socorro de seu filho, que naquele mesmo momento estava sendo suplificado, e era de urgência urgentíssima arrancá-lo das mãos de seus algozes na Barão de Mesquita, esse mesmo lugar de onde, dois anos depois, como vocês sabem, retiraram presos para trucidá-los na casa de morte de Petrópolis.

Mas estou atropelando a cronologia dos fatos, isso na época ainda não era conhecido, caso contrário a beata Vavá não teria esperado a aparição sinistra do filho torturado para pedir a intervenção do arcebispo. O próprio general presidente havia dito na sua posse, naquele mesmo ano de 72, que não seriam admitidas torturas, e a beata Vavá naqueles dias ainda nutria uma ingênua crença nas autoridades, mesmo porque foi o que lhe assegurou o arcebispo quando ela o procurou aflita pela prisão recente do filho e pelo tratamento que lhe seria dado na cadeia. Tudo isso nos serve para entender melhor o espanto da beata Vavá ao ver diante de si, naquela tarde, a imagem de Jesus martirizado transfigurada na figura de seu filho. Pois bem, o arcebispo titubeou apenas alguns instantes. Comovido pelo pranto da beata Vavá e talvez para descanso da própria consciência, mesmo arriscando ser tomado por tolo, ligou

para o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, relatando, com a beata Vavá ao seu lado, o episódio da aparição, os temores da velha mãe, seu pressentimento sinistro de que iam matar o filho. Pediu a intervenção junto ao comandante do Primeiro Exército, que tinha autoridade sobre o quartel da Barão de Mesquita. Esse telefonema, e o mais que estou lhes contando, ouvi depois, da própria beata Vavá, numa tarde em que repassamos aquela época sombria. Pois bem, sucedeu que naquela mesma noite, como que por milagre, cessaram as torturas sobre o Anésio. Não apenas cessaram as torturas como ele foi transferido dias depois para a cadeia de Salvador. Só não o transferiram de pronto, depois se soube, para dar tempo de sumirem as marcas mais denunciadoras das torturas. Mesmo assim, o pobre rapaz deu entrada na cadeia de Salvador em frangalhos, de dentes quebrados e várias unhas arrancadas, além de sulcos profundos nos tornozelos e punhos, tudo isso registrado no livro de entrada da cadeia pelo nefando coronel Araújo, não por zelo humanitário, apenas para se resguardar ou, o que é mais provável, já pensando em ter como acobertar marcas de novos suplícios, dessa vez em suas mãos. Na primeira visita da mãe, no dia seguinte à sua chegada, Anésio confirmou que, se não tivessem intervindo, naquela noite mesmo seria morto. Cansados de torturá-lo sem que ele revelasse o que queriam, sua morte já estava decretada. Chegaram a mostrar a ele um comunicado oficial à imprensa em papel timbrado anunciando seu atropelamento ao fugir durante uma transferência da cadeia para uma audiência no fórum – tudo mentira.

Neste ponto do relato, embora estivéssemos ansiosos pelo desenrolar da história, pedi tempo a nosso conviva para trocar a fita do gravador. Também pedimos mais café. O filho de um companheiro, que seguia o depoimento com inusitado interesse, expressou surpresa não pelos fenômenos extrassensoriais, que aceitou com naturalidade, mas pela brutalidade das torturas que seu próprio pai, ali presente, teria sofrido, sem nunca lhe ter revelado detalhes. *Pensei que isso só acontecia na Idade Média*, balbuciou. Depois desse comentário e trocada a fita, nosso visitante retomou seu relato, que aqui segue:

Por toda Salvador espalhou-se a história dos sangramentos do Cristo crucificado e dos poderes da beata Vavá. Mães de santo a consideraram uma Yami-Ajé, a grande mãe dos orixás, protetora das mães e da fecundidade. A beata Vavá passou a receber visitas de

mães aflitas por seus filhos presos ou desaparecidos. A todas atendia, anotava os pleitos numa caderneta de capa preta e fazia com que se ajoelhassem e com ela orassem pelo ente querido. Em seguida procurava o arcebispo munida da caderneta, persuadindo-o a intervir. Sua fama de mãe salvadora fortificou-se, porque vários pedidos foram atendidos, ou assim pareceu aos olhos do povo. Nas visitas ao Anésio, todos os sábados, a beata Vavá trazia sempre um bolo assado por ela mesma e uma enorme cesta de quitutes também preparados por ela. Não os fazia apenas para o Anésio; era para todos os presos políticos, em algumas ocasiões mais de trinta. Acontece que o coronel Araújo, entre outras maldades, confiscava uma quarta parte de todos os alimentos e cigarros trazidos para os presos. Ele chamava esse roubo de pedágio e media a quantidade com precisão, numa balança, como se a exatidão do confisco transformasse em legítimo o que não passava de roubo. A beata Vavá descobriu que o coronel apreciava seus bolos, em especial o de chocolate. A tal ponto que na chegada da beata Vavá ele se esquecia da própria maldade. Quando incumbiam a beata Vavá de uma tarefa delicada, contrabandear algum medicamento ou levar para fora da cadeia os manifestos dos presos, ela preparava de antemão o bolo de chocolate, e o coronel baixava a guarda por completo. Passaram-se meses assim, um ano e meio, quase dois anos; as feridas do Anésio cicatrizaram e sua situação na cadeia ficou estabilizada. A dos demais presos também. A beata Vavá, todo sábado, os abastecia com seus bolos e quitutes. Então, houve aquela baita crise do petróleo e surgiram os primeiros sinais de fraqueza da ditadura, mas os militares, ao invés de entregar logo os pontos, enlouqueceram de vez, inclusive o coronel Araújo e seus asseclas. Multiplicaram-se os casos de sumiço de pessoas. Nesse cenário, a beata Vavá subitamente recebeu outro chamamento, esse na reza da manhã. De novo, a imagem verteu sangue e a fisionomia de Cristo foi se transfigurando na de seu filho Anésio. A beata Vavá ergueu-se de um salto e gritou tão alto que foi ouvida em toda a nave da catedral. Meu filho precisa de mim, meu filho precisa de mim, meu filho me chama. Imaginem a cena. A velhinha correu para a rua, parou um táxi na porta da catedral e mandou seguir para o presídio. Lá chegando, como fera enlouquecida, invadiu a portaria gritando, Meu filho está sendo torturado, quero ver meu filho. Seus gritos - e deles vários ex-presos, inclusive eu, lembram-se até hoje - atraíram o coronel Araújo, que simulou surpresa com a visita fora de hora. Perguntou do bolo, tentando disfarçar ou ganhar tempo, e a beata Vavá o interrompeu aos berros,

Não tem bolo, não tem nada, seu incrível - para ela, “incrêu” era o pior dos insultos -, quero ver meu filho já. Os gritos chegaram aos fundos, onde de fato estavam pendurando o Anésio de novo no pau de arara para tentar conferir uma informação que chegara de São Paulo. A tortura foi interrompida e o rapaz devolvido à cela. Nunca mais o levaram para o fundão.

Assim terminou o relato do nosso convidado. Iniciou-se então, na mesa, uma discussão exacerbada sobre a veracidade ou não da história, em especial sobre o fenômeno da comunicação extrassensorial entre a beata Vavá e seu filho Anésio. Nosso conviva revelou que, verdade ou não, a história virou lenda em Salvador, mexendo até com os torturadores. Disse que o coronel Araújo, por exemplo, foi tomado de tanto medo que, antes mesmo de acabar a ditadura, abandonou a farda e se converteu. *Hoje ele é pastor de uma Igreja evangélica; ao velório não veio, talvez temendo que o espírito da beata viesse puxá-lo pelas pernas, ele concluiu.*

1. Zuleika

Zuleika veio à praia a convite das amigas do prédio. Sábado é dia de folga, dia de voltar pra São Gonçalo, onde estão os filhos com a avó Fortunata, mas este sábado está demais de quente, o céu azul total. E a praia de Copacabana bem em frente. Quem resiste?

Zuleika tem dezoito anos e corpo de mulher madura. É uma negra formosa, do tipo azulona, como se diz quando a pele é preto puro, reluzente, do jeito que era na África, sangue de reis. Zuleika é vivida. Com catorze anos já estava na zona, depois foi catadora, passadora de droga, de novo na zona, quituteira, agora é babá. As outras duas são cozinheiras. Trabalham as três no mesmo prédio.

Zuleika está de biquíni branco. As duas amigas são mulatas de tez café com leite; uma está de biquíni azul, a outra de vermelho. Conversam animadas enquanto Zuleika cantarola uma canção que ouvira dias antes no apê dos patrões. É uma canção que fala de não esperar, de ir embora, não para fugir, para fazer e acontecer. É com ela mesma, Zuleika faz e acontece.

2. Percival

Percival veio à praia a convite de um figurão do prédio. Sábado é dia de clube. Percival prefere a piscina do clube porque não gosta de se misturar. No clube só tem gente fina, o pessoal do Jockey, os colegas da Câmara de Comércio; à praia vem qualquer um. Mas o figurão insistiu, deixa de ser fresco, vamos lá tomar umas e outras e apreciar o mulhério.

Com o figurão vieram mais dois. Um deles trouxe o isopor com as cervejas. Percival acompanha incomodado. Isso de trazer isopor é coisa de farofeiro. Percival é um solteirão de família ilustre, um Brito de Almeida, tem quarenta e dois anos, só veste roupa de grife e detesta povão. Hoje está de shorts Pierre Cardin, camiseta Lacoste e óculos Ray-Ban.

Percival percebe a negra Zuleika naquele grupinho de mulheres mais à frente. A areia da praia é toda branca, a praia é de brancos. Já irritado, diz: não sei o que essa negada vem fazer em Copacabana, por que é que eles não vão pra praia deles, lá na Boca ou na Cocota? Deixa de ser racista, Percival, a negra até que é bem-apanhada. Racista coisa alguma; escuta bem o que ela está cantando, é a música do Vandrê, essa crioula é comunista, veio provocar, é uma subversiva, vou dar uma lição nessa negra abusada. Percival pede licença, vai até o orelhão ali na calçada e

disca 190.

3. Freddy

Diligência mais louca, prender subversivo em praia, ainda mais mulher, onde já se viu, e num sábado desses, em vez de curtir umas caipirinhas e relaxar. Esse tenente não está com nada. Freddy dirige de má vontade, praguejando. Tem saudades de quando servia só na polícia; esses milicos ficam louquinhos quando falam em subversão. Freddy tem quarenta anos e dezoito de polícia, é magro, branquela e mantém um bigodinho aparado que considera irresistível às mulheres.

Encosta o carro e atravessa sem pressa a calçada. O cara disse que era defronte ao posto 6. Ele localiza a tal negra de biquíni branco no centro da praia; sente-se ridículo ao pisar na areia fofa no calorão, de calça jeans, andando em zigue-zague entre aquela gente toda pelada. Vamos acabar logo com isso. A senhora está presa por perturbar a ordem pública e tentativa de subversão. Pegue suas coisas e vamos andando.

Zuleika não se abala. Bem devagar, recolhe a saída de praia, as sandálias, coloca na sacola. Dá uma piscadela pras amigas e pergunta: vamos pra onde? Pra Barão de Mesquita. Zuleika repete a piscadela às amigas como quem diz, Registraram? Ergue-se com muita graça, enlaça o braço do policial e diz: estou pronta.

Freddy sente no braço o roçar dos seios da negra. No carro ele pergunta: você tem uma roupa? Tenha a saída de praia. Então veste. Zuleika coloca por cima da cabeça a saída de praia de tricô transparente e solta a parte superior do biquíni. Bem devagar, puxa para fora das pernas a calcinha do biquíni.

Como é que você se chama? Zuleika. Acho que já te conheço de algum lugar. Pode ser. Cê tava zoando na praia? Nada, foi cisma de algum filho da puta que mexeu comigo e eu não dei bola. Senta aqui. Freddy estaciona o carro e Zuleika passa para o banco da frente, encosta-se nele, repousa a mão esquerda na perna direita do policial. Na esquina, Freddy muda de rumo; dois quarteirões adiante, está em frente ao Xodó. Sobem a escada estreita do hotelzinho sem se falar.

4. Rodrigo

Todo sábado Freddy pega Zuleika na saída do prédio em Copacabana e a leva ao Xodó. Depois a deixa no barraco da avó Fortunata, em São Gonçalo. Na entrada do sétimo mês de barriga, Zuleika largou o serviço e ficou na avó Fortunata até o nenê nascer. Batizou de Rodrigo por causa de uma novela bacana que ela assistiu na Casa Maternal na semana em que deu à

luz.

Cada um dos três filhos que Zuleika teve antes do Rodrigo é de outro pai. O mais crescido está com cinco anos, é o Mário, taludo e esperto. Ninguém sabe quem é o pai. Depois, vêm as duas meninas, e só a menor tem pai conhecido, um caminhoneiro de nome Felipe, mas é como se não tivesse, porque ele sumiu.

Seis meses depois do nascimento do Rodrigo, Zuleika está de volta a Copacabana, trabalhando de doméstica num prédio vizinho ao das amigas, emprego arranjado por elas. Freddy ainda aparece de vez em quando e eles vão pro Xodó. Em São Gonçalo, toda segunda-feira às quatro da tarde, a avó Fortunata manda o Mário esperar na cerca. Logo o carro da polícia passa em marcha lenta e o Freddy atira pela janela duas latas de leite em pó.

Primeiro, preciso arrumar o quarto, era a desculpa sempre que aparecia um emprego. Emprego é modo de dizer; ocupações que o pai cavava junto a ex-companheiros de cadeia ou que a mãe pedia a amigos ou parentes, a quem tivesse um escritório ou empresa. Descravam seu desânimo. Vive trancado no quarto, diziam. Não mencionavam a maconha porque disso não se fala, fica subentendido.

Mais de uma vez, para arrancá-lo do maldito quarto, pagaram por fora a quem o aceitou. Pouco durava nos empregos. Logo se atritava com algum colega ou inventava um modo muito melhor, segundo ele, de fazer o serviço. Só que não dava certo. Então, sumia sem avisar, sem receber pelos poucos dias trabalhados.

A mãe insistia para ele procurar um psicanalista, dizendo que ele sofria de depressão. Ele se recusava, alegando que a psicanálise era um embuste. Estava com trinta e oito anos e nunca havia trabalhado um mês completo. Até os vinte e cinco anos, estudou. Estudou também é modo de dizer; saía de um curso, entrava em outro. Começou na arquitetura. Não presta, disse, os professores são medíocres e os alunos uns riquinhos alienados. Foi para a faculdade de direito. Depois de um ano trancou matrícula, taxando os professores de reacionários. Nas ciências sociais permaneceu dois anos. Gostava do ambiente, da maconha e até do assunto. Mas decidiu que os professores sabiam menos do que ele. Largou. Acabou no jornalismo, o mais fácil de todos os cursos, mas nem esse terminou. Alegou que não servia para nada.

Libertado na anistia política, o pai descobriu a farsa dos estudos, mantida em conluio com a mulher, que não o quis aborrecer na cadeia. Foi quando o rapaz passou a se fechar no quarto. Trancava-se dias seguidos, dizendo que precisava pôr ordem nos livros. Dormia até o meio-dia, quando saía para ir à privada; então, cruzava o corredor sem falar com ninguém, olhar fixo num horizonte inexistente, os cabelos que ele nunca aparava, amarrados com barbante. E voltava a se trancar.

A comida a mãe levava na bandeja. Percebia então no soalho, pelo vão da porta, a desordem no quarto que ele dissera estar arrumando. Roupas espalhadas, pilhas de livros e migalhas de pão. No dia seguinte, a mesma desordem e mais migalhas.

Passado um mês, o pai deu um ultimato. Ou trabalha ou sai de casa. O rapaz respondeu que depois de tantos anos tomando conta da casa,

enquanto o pai estava preso e a mãe no Paraná, a casa agora era dele. Chama-se direito de usucapião, disse ao pai estupefato. Ninguém o obrigaria a trabalhar nem a sair de casa. Além disso, ainda não havia terminado de arrumar o quarto.

Negociaram. Podia ficar se fizesse terapia. Não era o quarto que estava bagunçado, era a cabeça dele; então que pusesse a cabeça em ordem. Só se for terapia de família, ele disse. O problema não era ele, era o pai, a família toda. Então, tinha que ser terapia de família, incluindo a irmã casada, que morava na cidade vizinha. Percebendo a chance de finalmente levá-lo a se tratar, os pais cederam e convenceram a irmã a participar.

Na primeira sessão da terapia de família, só ele falou. Fez um histórico minucioso das negligências dos pais. Lembrou o dia em que foi descalço à escola porque o pai esquecera de pegar o sapato no sapateiro. As vezes em que perdeu a sessão de cinema com os amigos porque o pai não deu dinheiro. O dia em que quebrou o braço e o pai, apressado, disse que não era nada, estava só inchado, ia sarar sozinho. Naquela semana, a mãe tinha viajado. Dois dias depois a vizinha o levou ao pronto-socorro e engessaram seu braço.

- Se demorasse mais um dia, eu ia ficar aleijado pro resto da vida - ele disse, dirigindo-se ao terapeuta.

Falou da vida apertada enquanto o pai esteve preso; do tempão largado na casa da avó no Paraná; da mãe se esforçando, mas tudo o que ela fazia era pelo pai; o filho não contava, não era nada. E acusou o pai de nunca ter perguntado por ele nos seis anos de cadeia e de não saber sequer o que ele estudava na faculdade. Seis anos esperou em vão uma carta do pai, um bilhete, que nunca chegaram. Pra mãe, sim, o pai escrevia sempre, e pra filha de vez em quando.

- Foi quando eu passei a odiar meu pai e me desinteressei de tudo - ele disse ao terapeuta.

O pai contrapôs o exemplo da filha, que conseguiu terminar faculdade, organizar a vida.

Ele ironizou:

- Claro, pra ela você escrevia; pra ela nunca faltou nada.

A mãe, atarantada com o que ouvia, não conseguiu abrir a boca a sessão toda. A irmã, já cansada das justificativas dele, só pensava em voltar para casa.

O psicanalista, astutamente, propôs alternar sessões de família com sessões individuais. Primeiro o filho, depois a irmã, o pai e finalmente a mãe. Entre cada sessão individual, haveria uma de grupo. Disse que era muito importante ouvir o rapaz antes dos demais, porque ele demonstrara possuir uma visão elaborada de toda a questão. Lisonjeado, ele concordou.

Na sua primeira sessão individual, uma semana depois, ele virou a poltrona para a janela e sentou-se de costas para o terapeuta. Intrigado, o terapeuta esperou calado, decidido a não ser o primeiro a falar. Isso nunca lhe havia acontecido. Assim ficaram mais de meia hora.

Quase ao final da sessão, o rapaz levantou-se, desviou a poltrona, voltou a sentar-se e, encarando o terapeuta, disse:

- A arrumação do quarto é uma desculpa; eu passo as vinte e quatro horas do dia pensando em maneiras de destruir meu pai.

O terapeuta esperou inutilmente que ele continuasse. Então perguntou:

- É tanto ódio assim?

- Não é ódio; eu amo meu pai.

- E por que você quer destruí-lo?

- Porque ele me impede de ser eu mesmo, qualquer coisa que eu faça não vale nada; só ele existe, só ele foi preso político, só ele foi torturado.

- Vamos trabalhar essa questão...

- Eu não acredito em psicanálise, só vim aqui porque faz parte do acordo.

Levantou-se e foi embora, sem se despedir.

No dia seguinte, o pai telefonou para saber como tinha sido a sessão individual. O psicanalista precisou se conter para não explodir ao telefone. Disse que nunca tinha tido um caso como esse. E que nada mais poderia dizer por motivo de sigilo profissional.

A sessão seguinte foi da família toda, mas de novo só o filho falou. A todos surpreendeu sua linguagem elaborada. Acusou os pais de o empurrarem para trabalhar mesmo sabendo que as relações de trabalho no capitalismo eram criminosas e o próprio trabalho, alienante. Garantiu que não ia se humilhar a esse ponto; deixar que os patrões explorassem sua mais-valia. Depois acusou o psicanalista de violar a ética profissional ao conversar com os pais sobre ele. Em seguida, discorreu longamente sobre a psicanálise, que para ele não passava de charlatanice. É um instrumento de controle social, disse, categórico. Uma forma de domesticação das pessoas para aceitarem o trabalho como um imperativo. Falou sem deixar que o interrompessem. Acusou Freud de impostor e de agente do sistema. Disse que ele inventou a psicanálise para as pessoas se inculparem, quando a causa de tudo eram o capitalismo e a repressão sexual. Disse que de todos o único que prestava era Wilhelm Reich. O pai a tudo escutava, impressionado, quase embevecido.

Por fim, enfiando o dedo no nariz do terapeuta, disse que ele devia ter vergonha de viver à custa das neuroses que o capitalismo produz e de outras que eles mesmos inventavam para ganhar dinheiro. E mais: o que ele cobrava por sessão era um assalto.

O psicanalista, que até então havia permanecido em silêncio, ergueu-se lentamente, em poucos passos chegou à porta e a abriu. Pediu educadamente que todos saíssem e não voltassem mais.

Maria Cristina Barros da Silveira decidiu vender o jogo de chá. São vinte e duas peças de porcelana de Sagres pintadas à mão, com alças, travessas e peneirinhas de prata filigranada. Deve valer muito, ela pensa. Depois hesita, tomada por reminiscências. Uma pena, ninguém em Brasília serve chá como eu. Mas há quanto tempo não recebo para o chá? Cinco anos, seis? A última vez foi na visita do Souza Lima; uma lástima ele também ter sido preterido, até me senti responsável por ter pedido a ele que me acompanhasse ao velório; ele disse que teria ido de qualquer jeito, que eu estava me culpando sem motivo. Disse que guardava do Juscelino boas lembranças, além da gratidão pela nomeação para a embaixada em Roma, de forma que nunca deixaria de ir ao enterro dele, não importava o clima, a pressão. Acho que ele também teve a aposentadoria reduzida a quase metade, mas nunca se refere a isso, é um cavalheiro, um *gentleman*. Também, quem poderia imaginar que eles iriam punir pessoas por irem a um simples velório? Além de tudo, são grosseiros esses militares, gente sem sensibilidade, e vingativos, maus; ou eles achavam que ia haver uma demonstração política? Pode ser, vai ver que é isso. Mas não houve nada, tudo transcorreu de modo até discreto; mesmo assim, puniram todos, um por um, devem ter fotografado ou mandaram os esbirros listarem quem estava lá, eu, a Cristina, a Valéria, todos que foram perderam o cargo em comissão, e quem não era do quadro regular foi demitido; o Clodoaldo, por exemplo, a Vanessa, o Barbosa. Não puderam rebaixar o Souza Lima, mas ele foi posto na geladeira; ele é que, pela ordem, deveria ficar com a secretaria-geral ou com a embaixada em Washington. É verdade que nunca esqueceram o que ele fez em Vichy, concedendo tantos vistos, tentando salvar tanta gente; fez o que qualquer cônsul decente faria, mas contrariou ordens. Sinto mais por ele do que por mim. É uma pena vender esse serviço de chá, as filhas não vão gostar, elas sabem que é patrimônio, que vem dos tempos do barão, mas que alternativa eu tenho? Elas por acaso me perguntam se eu preciso de alguma coisa? E nem que perguntassem, Deus me livre pedir alguma coisa a elas, que também já passaram por muita coisa; a Laura com os seis anos de exílio, a Eunice com aquele marido alcoólatra. Mas elas podiam perguntar, Mãe, você está precisando de alguma coisa? Eu queria que elas ao menos perguntassem, eu ia dizer que não, de modo algum, mas ia ficar contente. A Laura eu relevo, cotada, sofreu demais tendo que fugir duas vezes, e ainda foi parar na

Argélia, lugar mais desgraçado. Mas a Eunice sofre porque quer. Quando ficou claro que o meu Jorge tinha se tornado alcoólatra, dei o ultimato, ou se interna ou acabou, é o divórcio; findou o prazo e nada dele se tratar, me separei; não tive dúvidas. Alcoolismo é grosseria, vulgaridade, falta de compostura, não suporto. Lembro quando o vovô nos deu o jogo de chá no casamento e fez aquele discurso de advertência ao Jorge sobre os Rocha Barros. Já lá se vai um tempão, uma vida, deixe ver... se casei com vinte e dois e estou com oitenta e dois, faz sessenta anos que tenho comigo esse serviço de chá. O melhor era não me desfazer dele. Se o Planejamento fosse mais ágil com o meu caso, talvez desse para aguentar; eles dizem que são centenas de casos como o meu, que é preciso ter um pouco mais de paciência; mas, afinal, quantos anos mais vou viver? Dois? Cinco? São tão poucos anos que me restam e falta tão pouco para completar o orçamento, que dá pena ter que vender o jogo de chá. O pior é que eu nem sei como se faz isso.

- É da casa da Imaculata?

Senti hesitação do outro lado da linha.

- ... Sim... quem é?

- Meu nome é Rui, gostaria de falar com ela. Rui de Almeida. Eu a conheci na faculdade...

- A Imaculata não fala ao telefone.

Resposta seca, como quem já disse isso vezes demais. Eu sabia vagamente o que havia acontecido com aquela garota desprendida que queria acabar com as maldades do mundo, como ela gostava de dizer. Resolvi me abrir.

- Na verdade estive preso na mesma época que ela, no mesmo presídio, só que na ala masculina. Nós nos conhecemos na faculdade, mas estou telefonando por causa da prisão. Na segunda-feira termina o prazo para pedir indenização e fiquei sabendo que ela não entrou com o pedido.

- É melhor o senhor falar com o advogado, ela não fala com ninguém, está muito doente.

Não imaginava que Imaculata tivesse chegado a este ponto de não poder falar ao telefone.

- A senhora tem o número do advogado?

- Me dê o seu, que nós o avisaremos.

Dei a ela o número e o endereço do meu consultório. Expliquei que havia pressa.

Na mesma tarde o advogado ligou. Voz firme, apresentou-se e marcou para a manhã seguinte. Disse se chamar Eliseu Rezende.

Passei a tarde perturbado, a lembrança de Imaculata irrompendo a todo instante no meio das sessões. Isso nunca havia acontecido. Um dos pacientes reclamou, aborrecido, que eu tinha cochilado enquanto ele falava. Eu não tinha. Havia fechado os olhos por um momento, tentando me concentrar.

A imagem de Imaculata permaneceu indo e vindo, como um luminoso piscando na minha retina. Maria Imaculata, delicada, miudinha, cabelos louros encaracolados, óculos de aros finos, fala suave, sempre alegre e disponível para meia hora de conversa; pelo menos era assim comigo, ali mesmo, no pátio da faculdade.

Lembrei-me súbito daquela tarde, quando ficamos até quase o

anoitecer. Eu não deveria conversar com ela regularmente, essas eram as regras de segurança; ela era uma simples simpatizante, ajudava em tarefas leves, eu sabia disso, ela é que não sabia que eu também pertencia à organização. Eu era de um grupo de ação armada, não deveria conversar à toa com ela.

Falávamos de cinema, literatura, filosofia. A última aula era de filosofia, e quase sempre a conversa começava pelo tema da aula. Lembro que naquela tarde o papo foi sobre a natureza do ser humano. O homem nasce bom e se torna malvado com o tempo ou já nasce com maus instintos? É o homem de Hobbes ou de Rousseau? Havia muita empatia entre nós. Naquela tarde ela já estava sendo observada. Eles não sabiam quem eu era, mas nos fotografaram conversando.

Nos separamos ao pé da escadaria, cada qual para um lado, eu em direção à moradia estudantil, ela para o ponto do ônibus. Foi quando percebi que estava sendo seguido. Ainda tentei de algum modo alertá-la, mas ela já havia pegado o ônibus. Depois soube que eram dois; um subiu no ônibus atrás dela, o outro ficou na minha cola.

Desvencilhei-me dele misturando-me aos alunos que chegavam para o turno da noite, já sem o boné azul, que usava justamente para isso. Entrei sorrateiramente no prédio contíguo à biblioteca e vi quando o agente, depois de titubear um pouco, pegou a direção da lanchonete.

Não esperei o tira voltar. Despi-me da malha cinza e, com ela e o boné na pasta, já de visual transformado, saí da biblioteca tentando controlar o nervosismo e peguei o primeiro ônibus para o centro. Uma hora depois, já caminhava no calçadão ao lado do meu contato de emergência. Alguém levara os tiras à Maria Imaculata e dela chegaram a mim.

Depois soube que ela foi agarrada assim que desceu do ônibus e que a torturaram incessantemente. Quando exibiram à Maria Imaculata as fotos do nosso encontro, ela ainda teve forças para dizer que éramos apenas colegas de curso e que conversávamos muito sobre cinema. Mas isso bastou para que me identificassem com a ajuda das fotos nas fichas de inscrição do curso. Ao se darem conta de que eu não ia mais às aulas, me colocaram na lista dos procurados.

Naquela semana começou minha vida de clandestinidade total. Outro visual, outro nome, documentos forjados. Como precaução adicional, me transferiram de cidade. Mas as quedas continuaram, e seis meses depois fui capturado. Foi quando reencontrei Imaculata na cadeia, muito machucada. Ela passava horas imóvel, sentada, de olhos fixos na parede à sua frente. As companheiras a conduziam ao pátio, de volta ao corredor, à cela. Apática, não participava das reuniões do coletivo nem das aulas. Era como se estivesse se autoapagando. Assim permaneceu por três anos,

parecendo embotada, sem reagir a nada, sem demonstrar afeto, desgosto ou o que fosse. Até a chegada da anistia, quando fomos todos soltos no mesmo dia.

Meus pais vieram do interior me buscar. Eles se revezavam nas visitas, mas nesse dia vieram os dois. Companheiros se despediam na calçada, aturdidos pela súbita reentrada num mundo sem grades; a percepção imediata de que tudo o que ficara já não valia, e de que o grito de “a luta continua” era apenas um subterfúgio de sobrevivência. Ainda vislumbrei, do outro lado da rua, o casal de meia-idade que levava Imaculata, amparando-a de ambos os lados. Ela de repente olhou para trás e sorriu para mim, um meio sorriso, suave.

Eu rememorava esse sorriso, quando o advogado chegou. Expliquei a ele rapidamente os procedimentos para o pedido de indenização, quantos depoimentos eram necessários, a papelada exigida, e entreguei-lhe os formulários. Para ganhar tempo, ali mesmo dei meu depoimento, que ele gravou em fita. Ficou de mandar a transcrição no fim da tarde para eu assinar. Só então pedi:

- Doutor Eliseu, conte-me o que aconteceu com a Imaculata depois que saímos da cadeia.

E ele contou. Em tom neutro, frio, não como quem pouco se importa; ao contrário, como quem já cansou de se comover.

- Nas duas primeiras semanas, Maria Imaculata foi muito torturada. A equipe que a interrogava foi de uma selvageria sem limites. Depois a trancaram numa solitária. Então, mudou a equipe e pegavam mais leve, vez ou outra. Mas a expectativa de ser torturada de novo e de novo fez mais estragos nela do que a tortura física. A Imaculata se apagou, ficou abúlica.

- Isso tudo eu sei, eu estava lá, na ala masculina. E depois?

- Depois foi pior. Logo que ela saiu da prisão, recuperou um pouco de vivacidade, como se tivesse acordado de um pesadelo. Mas esses momentos eram raros e foram se tornando cada vez mais curtos, como se ela estivesse regredindo. Até que um dia ela se apagou por completo, não se movia para nada, passava todo o tempo dentro do quarto, em desalinho. Tiveram que alimentá-la à força. Mas ela urinava e defecava na própria roupa. E por duas vezes entrou em convulsão. Decidiram interná-la para tratamento. Estava sofrendo de um transtorno psíquico muito severo e perigoso, disse o médico. Levaram a Imaculata para aquele hospital psiquiátrico do sus no Jardim Botânico, um hospital moderno, novo, não muito grande. Acharam que ali ela teria uma chance de se recuperar. Mas aconteceu que a Imaculata foi violentada repetidas vezes por dois pacientes. Eles se revezavam. Um a agarrava e tapava sua boca, o outro a esturpava. Isso

durou meses. Ela não conseguia dizer nada, ficava em estado catatônico. Até que engravidou. Só então descobriram o que estava acontecendo. Quando a criança nasceu, um menino, ela sofreu um novo transtorno de personalidade, uma ruptura mental. Ora acalentava a criança, dava de mamar, trocava a fralda e banhava, ora a agredia. Tiveram que separá-la do filho. Diagnosticaram esquizofrenia. Os pais levaram o neto para casa e pediram um novo diagnóstico, de comprovação, para que a pudessem tratar. Hoje ela se medica com antipsicóticos, vive com os pais, embora sem nenhuma atividade, desligada do mundo. A família se mudou para uma chácara, assim ela tem mais espaço e também não fica exposta a vizinhos. Mas não deixam que ela tenha acesso a ferramentas, facas, essas coisas.

- E o menino?

- O garoto está com quatro anos, é esperto, diz que a mãe ficou doente por causa de uns homens do mal que a maltrataram e que quando crescer vai comprar uma espada bem grande e matar todos eles.

Um enterro especial requer um caixão especial. O velho Antunes escolheu o modelo mais bonito. Um ataúde de imbuia maciça munido de braçadeiras e fechos de bronze, com acabamento em laca da Índia. Para o velório, encomendou quatro velas grandes em castiçais de prata sobre colunas de alabastro. E uma coroa de flores com faixa de seda azul e branca na qual mandou escrever: “Ao Roberto, dos seus pais, tios e irmãs, que nunca te esqueceram”.

Na parede dos fundos da sala, transformada em câmara mortuária, um pouco acima da altura do caixão, Antunes mandou pendurar um retrato do filho tirado na sua formatura, no qual ele está ligeiramente de lado, de modo a ressaltar seu perfil anguloso. O filho tinha olhos negros como os do pai, cabelos ondulados, lábios grossos e queixo saliente. Puxou o pai, o velho não se cansou de repetir esses anos todos.

Era uma fotografia pequena que ele pediu ao japonês da loja Kodak para ampliar. Preferiu essa a outro retrato, bem maior, do filho com toda a turma de formandos, por causa da beca e do destaque aos traços enérgicos. O Kazuo precisou refotografar, porque não havia negativo. Roberto era o filho mais velho. Formara-se em engenharia civil.

Antunes acabou de completar noventa anos. A família é longeva. Sua irmã Hermínia, que chegou cedo e ajudou a montar o velório, está com oitenta e sete anos; as outras duas irmãs têm uma oitenta e quatro e a outra oitenta e um anos. O irmão mais velho morreu no ano passado com noventa e três. Foi quando ele decidiu fazer o enterro do filho. Pensou: nosso limite é entre noventa e noventa e três. Meu irmão, Deus já levou. Logo será minha vez. Não quero morrer sem enterrar o meu Roberto.

Explicou a ideia à patroa. Devota, dona Rita foi consultar o padre Gonçalves, que não disse nem sim nem não; pediu tempo para poder consultar o bispo. Na semana seguinte, o padre explicou que, nas circunstâncias, não oficiaria missa de corpo presente nem de sétimo dia, mas levaria conforto à família no velório e no sepultamento.

Ao contrário do marido, que se tornou um homem seco e calado, dona Rita ainda chora quase todas as noites a ausência do filho. Também por isso o velho Antunes decidiu fazer o enterro. Pela sua Rita, pelas irmãs do Roberto, pela família toda. Os mortos têm que ser enterrados.

As vizinhas também vieram cedo. As irmãs Mercedes, do lado de baixo da rua, e a Diva, do lado de cima, ajudaram na preparação dos salgadinhos e sanduíches. As Mercedes são solteironas e vivem sós. No começo

focaram sobre o sumiço do Roberto, depois não. A Rita diz que não foi por maldade. A Diva sofreu como se fosse parente; a filha dela, a Cristina, era ligada ao Roberto. Fizeram o grupo escolar na mesma classe, depois o ginásio. Iam juntos, voltavam juntos. Não chegaram a namorar, talvez até porque fossem próximos demais, quase irmãos.

Às dez horas chegaram de Campinas as filhas, Célia e Celina, com os genros e os netos pequenos. Vieram em dois carros, em caravana. Duas horas de viagem. No caminho entraram na chácara das flores e compraram ramalhetes de rosas vermelhas. Elas eram adolescentes quando o irmão desapareceu; tiveram muita dificuldade em entender o que se passava, principalmente Célia, a menor. Os pais não explicavam. Criou-se um segredo de família. No telefone, só falavam aos cochichos.

Primeiro, não queriam que elas soubessem. Depois, quando elas viram a pequena notícia no jornal, pediram que nunca tocassem no assunto com as amigas, com os vizinhos, com ninguém. Diziam que era para o bem delas e de todos. Esse segredo as tornou ainda mais ligadas. Só muito tempo depois é que os pais contaram o pouco que sabiam. Os velhos nunca voltaram a ser como antes, viraram outras pessoas, distantes, tristes. Nos últimos anos, com a vinda dos netos, voltaram a sorrir.

Logo chegam mais moradores da ladeira, com seus filhos e netos. Crianças correm pela casa toda. Deixa correr, diz o velho Antunes. Quero um velório alegre, como era o Roberto. Mas velório é sempre solene. Os homens formam rodas austeras e conversam a meia voz. As mulheres ocupam as cadeiras ao longo das paredes e falam aos cochichos.

As irmãs Mercedes circulam as bandejas com os salgados, os sanduíches e copos de guaraná. Aos poucos as conversas se tornam mais animadas. Alguém critica a devassidão nos programas de televisão. A Maria bordadeira, do outro lado da rua, comenta a decisão da Prefeitura de trazer o asfalto até o bairro. Diva trouxe um álbum de fotografias em que aparecem o Roberto, a filha dela e outros rapazes e moças. Sucedem-se comentários e lembranças sobre esse e aquele.

Às onze e pouco chega o Teixeira, cunhado do Antunes, irmão mais velho da Rita, alto e gordo. Veio de Bauru com a mulher, dona Isaura, uma senhora quieta que se mostra sempre submissa. Teixeira é abonado, dono de fazenda. Uma ocasião recusou um pedido de empréstimo do Antunes para cobrir um ano de safra ruim. Era ninharia. Ficaram dez anos sem se falar. Mas quando o Beto desapareceu o Teixeira se mexeu mais que ninguém. Era gamado no Roberto, seu primeiro sobrinho. Chegou a ir para Brasília falar com uns homens que ele conhecia. Não adiantou.

Teixeira dá um abraço no Antunes, outro na Rita; por alguns minutos o vovô dele domina o velório. Depois se aproxima de onde está montado o

caixão, permanece um tempão olhando o retrato do Roberto na parede. Balança a cabeça, inconformado. Isaurinha conversa com Rita na cozinha. As duas se fitam por um longo minuto. Depois se abraçam. Ambas são mais novas que os maridos, mas parecem mais velhas.

Às duas da tarde a casa está cheia e o povo transborda pela calçada, para cima e para baixo da ladeira. O sepultamento está marcado para as quatro, antes da chuva. Circulam mais bandejas com sanduíches, broa de milho e cuscuz de sardinha. É quando chega o Dino violeiro, amigo de infância do Beto, acompanhado de outros dois, um de nome Alcides e o outro, Mário. O Dino fez até o colegial. Jogou muito futebol com o Beto. Iam juntos à matinê. No sábado à noite paqueravam as moças em torno do coreto. Quando o Beto foi para São Paulo fazer faculdade, Dino ficou no armazém ajudando o pai. Depois formou esse conjuntinho de violeiros.

Os músicos entram para cumprimentar o velho Antunes e dona Rita. Depois se aproximam do ataúde, tiram os chapelões de palha, respeitosos. Fitam a fotografia na parede, depois saem dando passadas cuidadosas, cumprimentando as outras pessoas à direita e à esquerda com um menear de cabeça. Lá fora, depois de algum tempo, tocam uma toada triste com um refrão que diz “Nossa vida passa, é como fumaça...”.

Lá dentro os convidados comentam acontecimentos. Quem casou, quem descasou. Quem teve filho. O farmacêutico Diogo conta mais um de seus causos. A Diva continua circulando o álbum de fotografias. Do quintal emana um aroma de churrasco. É o Alcebiades, da banca de jornal, churrasqueiro fanático. Os violeiros agora vão para o quintal, onde há mais espaço. O velho Antunes manda que cantem música alegre e eles respondem com o samba da fita amarela: Quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela. Aparecem duas senhoras com jarras de refresco de limão e abacaxi. Alguém distribui picolés à garotada.

Às três da tarde tem-se a impressão de que todos os viventes da cidade estão no velório do Roberto, inclusive os cachorros e os gatos. Comentam que nunca houve um velório tão concorrido. Não se vê ninguém nas outras ruas, na praça da matriz, na rodoviária. Virou cidade fantasma. É quando surge lá longe, no topo da ladeira, meio esfumaçado como se fosse assombração, o Chevrolet preto da Prefeitura. O carro se aproxima lentamente e para um pouco antes do terraço dos Antunes. Descem o prefeito Belisário, o delegado de polícia, dr. Costa, e o padre Gonçalves.

À chegada das autoridades, o povo abre espaço. Os novos visitantes entram, o prefeito à frente; acenam para uns, inclinam a cabeça para outros. Um de cada vez, oferecem condolências ao velho Antunes, depois se dirigem ao ataúde. Fitam a fotografia do Roberto longamente em postura

de reverência. Conversam um pouco entre si em voz baixa. Dona Rita vem da cozinha e cumprimenta o prefeito e os demais, agradece a visita, pede bênção ao padre. Alguém oferece refresco de limão às autoridades.

Padre Gonçalves ergue o braço, pedindo silêncio, e sem esperar dá início a uma oração pelos mortos: “Pai santo, Deus eterno e Todo-Poderoso, nós Vos pedimos por Roberto Antunes, que chamastes deste mundo. Dai-lhe a felicidade, a luz e a paz... que sua alma nada sofra...”. Algumas vozes acompanham, hesitantes, a oração não muito conhecida. “Perdoai-lhe os pecados para que alcance junto a Vós a vida imortal no reino eterno. Por Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.”

Às quatro em ponto tem início o saimento. À frente do cortejo, o ataúde é sustentado pelo tio Teixeira, pelo prefeito, pelo Dino violeiro e pelo farmacêutico Diogo. O velho Antunes acompanha, com a mão direita sobre o caixão. Faz força para caminhar ereto e com passadas firmes. Sente-se exausto mas feliz. Seu sonho de tantos anos finalmente se realiza; já pode morrer em paz. E toda a cidade compreendeu. Isso foi o mais importante. Toda a cidade. Até o padre Gonçalves, que primeiro lavou as mãos, depois deu a bênção.

É tanta gente que os últimos do cortejo só alcançam a cova dez minutos depois dos primeiros. No céu, bem acima do cemitério, as nuvens engrossam. As duas irmãs do Roberto, Célia e Celina, sobem numa pedra e pedem silêncio para dar início à cerimônia. Passam então a ler uma memória sobre Roberto. Celina lê um parágrafo e passa para Célia, que lê o seguinte. Falam de como ele era quando menino, de suas travessuras, depois de seus sonhos de adolescência, do drama do vestibular, da alegria de ter passado, da colação de grau. Algumas pessoas soluçam. Falam brevemente do sofrimento da família. Depois, em uníssono, agradecem: muito obrigada pela presença de todos vocês.

A um sinal de Antunes, o caixão é baixado à sepultura e padre Gonçalves repete a oração pelos mortos. Pessoas passam rente à cova e atiram punhados de terra, mulheres jogam as rosas vermelhas trazidas pelas irmãs. O coveiro João assume, despejando muito depressa com a pá quantidades robustas de terra. O tio Teixeira de Bauru pega outra pá e apressa o sepultamento. As pessoas começam a dispersar. Caem os primeiros pingos de chuva. O caixão está enterrado. Dentro dele estão um paletó e um par de sapatos do Roberto. Seu corpo nunca foi encontrado.

Observem aquela mulher de lenço preto na cabeça, caminhando na calçada. Concordam comigo que parece uma pessoa comum? Que só chama a atenção por vagar sozinha tarde da noite, sendo idosa? Pois saibam que há uma história por trás das peregrinações dessa mulher. Sim, suas andanças na madrugada fria são verdadeiras peregrinações.

Ela se chama Joana e mora aqui perto. Passa por esta rua a caminho do centro da cidade, onde dormem muitos moradores de rua. É a eles que ela busca. Vejam também, um pouco adiante, o vulto estirado debaixo da marquise. Aquele é o Chico, um apanhador de papel. Como tantos moradores de rua, ele é alcoólatra. Quando fica sóbrio, some; depois recai e volta ao nosso quarteirão.

Notem como ela vai se aproximar do Chico, abaixar-se e cumprimentá-lo. Às vezes ela lhe dá uma moeda. Agora estão trocando algumas palavras. O Chico faz que não com a cabeça. É como ele sempre responde. Mas Joana não desiste. Pronto, ela já se ergueu e retomou a caminhada em direção ao centro, como eu previa.

Vocês nunca conhecerão a história dessa mulher, se eu não a contar, pois só sabem dela os indigentes, com quem vocês certamente não conversam e, no outro extremo social, alguns príncipes da Igreja e advogados ilustres, os quais vocês também não frequentam. Eu conheço a história dela porque fui um dos seus advogados, embora não tão ilustre.

Não pensem que ela seja uma louca. Nada disso. É uma mulher normal, um pouco maltratada pela vida, como toda mulher pobre, mas rija, de cabeça boa, com dois filhos e quatro netos, todos saudáveis. Joana recebe uma pensão do Estado por tudo o que aconteceu. Foi justamente dos trâmites desse processo que eu tratei. Mas faz questão de trabalhar. Além de cuidar dos netos, é atendente de uma floricultura por meio período.

O começo da sua história é trágico, mas não incomum. Aconteceu a ela o mesmo que a outras famílias naquele tempo. O que torna seu caso especial é seu comportamento único, sua perseverança, suas peregrinações noturnas. Ela faz isso há mais de duas décadas. Deixe ver... se o marido foi preso em 1969 e estamos em 1995, ela faz isso há vinte e seis anos.

O marido era metalúrgico e se chamava Raimundo. Católico praticante como ela. Vieram do Nordeste em busca de uma vida um pouco melhor em São Paulo. Já tinham então os dois filhos. Aqui Raimundo se ligou a um grupo da Ação Popular que organizava operários nas fábricas.

Um dia, bem cedo, a polícia foi à casa deles e levou Raimundo. Sem mandado de prisão, sem nada. Soube-se depois que ele foi espancado de

modo tão brutal que morreu no mesmo dia. Seus gritos eram ouvidos em outras celas. Para ocultar o homicídio, no caso doloso e qualificado, pois acompanhado do crime acessório de abuso de autoridade, a polícia cometeu outro crime, o de ocultamento de cadáver. Sumiram com o corpo de Raimundo.

Tudo isso foi comprovado, depois que acabou a ditadura, por documentos e depoimentos em várias comissões. Só não se sabe, nunca se soube, para onde levaram o corpo e como se desfizeram dele. Se foi enterrado como indigente ou incinerado, ou disposto de outra forma. Isso nenhuma das diligências conseguiu elucidar. Foi um dos casos mais impenetráveis de desaparecimento, um caso em que nenhuma pista surgiu.

Embora o próprio cardeal tenha assegurado a Joana que o marido foi espancado até não restar nele sopro de vida, ela não aceitou que ele tivesse morrido. Cadê o corpo?, ela perguntou. E sempre pergunta. Diz que só vai se considerar viúva no dia em que trouxerem o atestado de óbito de Raimundo e mostrarem sua sepultura.

Ela acredita que os espancamentos deixaram Raimundo desmemoriado, talvez até cego ou aleijado, e que desde então ele perambula pelas ruas, perdido, sem saber como voltar para casa. Não aceita como prova da morte o atestado de óbito fornecido pelo Governo, que não diz em que dia ele morreu nem onde, nem a *causa mortis*. De fato é um pseudoatestado, só serve para a família cuidar do inventário e seguir a vida. E Joana segue a vida, mas a seu modo.

Uma ou duas noites por semana, ela junta algumas moedas e sai envolta em seu xale. Exibe a fotografia de Raimundo aos moradores de rua, pergunta se apareceu algum andarilho ou indigente desconhecido de mais idade e de tez branca. Se dizem que sim, ela quer saber debaixo de qual marquise ou em qual abrigo da Prefeitura ele está e vai atrás dele. No caminho vai deixando uma moeda aqui, outra ali.

É como se uma força superior a fizesse se levantar automaticamente e sair errante pelas ruas à procura do marido. Quase como uma sonâmbula. Ou como se estivesse pagando uma promessa. Não sei definir, sou advogado, e não psicólogo, só sei dizer que é uma necessidade psíquica dela que todos respeitamos. Inclusive os filhos.

Joana era jovem quando assassinaram Raimundo. Eu não a conheci nessa época. Dizem que era muito bonita e nunca quis outro homem. Sim, pensando bem, acho que essa é sobretudo uma história de amor, um desses amores intensos que nem o tempo nem a ditadura conseguiram extinguir.

1. O boato

Um mês antes da chegada do inspetor-geral à pequena Guariba, a notícia de sua vinda já corria de boca em boca. Mas só dois dos seus trinta mil habitantes conheciam a verdadeira natureza de sua missão: o Melo, que foi gerente da agência do Banco do Brasil de Guariba praticamente a vida toda, até se aposentar havia seis anos, e seu filho Vicente.

De que forma pai e filho ficaram sabendo é justamente o que vou contar. Adianto que o boato não partiu deles. Nunca se descobriu sua origem, se foi na farmácia do Teixeira, no armazém do Antunes, na barbearia do Moisés, os três locais mais prováveis, ou em algum outro lugar.

Como todo boato, a informação era confusa. Uns diziam que o inspetor-geral vinha investigar desvio de dinheiro. É o que assegurava o Antunes, que além do armazém na rua da Estação tinha um sítio de dez alqueires herdado do tio-avô e não havia conseguido renovar o financiamento do amendoim.

Na farmácia do Teixeira prevalecia a tese de que o caso não era de desvio de dinheiro, e sim de favorecimento: empréstimos exagerados a pessoas influentes, sem as garantias de praxe. Não ousavam mencionar nomes, mas obviamente se referiam ao dr. Murta, dono da usina do Rio das Pedras, que havia dois anos, com a queda do preço do açúcar, tivera que empenhar suas terras.

Já na barbearia do Moisés especulava-se de modo mais abusado, inventando histórias sobre as quais é mais prudente calar, uma delas envolvendo a Terezinha Brandão, a única funcionária mulher da agência, por sinal solteira e muito bonita. A Terezinha estudara em São Paulo, onde morou com uma tia; e fora a primeira colocada no concurso do Banco do Brasil, deixando muito marmanjo de Guariba resabiado.

Na agência do banco as hipóteses eram apenas sussurradas, tal o nervosismo. Inspetor-geral é letra I, a segunda posição mais alta na hierarquia, quatro acima do gerente, o dr. Dorival, que, apesar de bacharel em direito, era letra E. Sendo a agência modesta e única da cidade, os oito funcionários mexiam com quase tudo, de modo que todos se sentiam ameaçados, fosse qual fosse o alvo da inspeção.

Preocupado com essa paranoia, Dorival consultou o velho Melo, quando seu antecessor na gerência foi sacar sua aposentadoria. Melo ainda era a referência da cidade para questões bancárias e de financiamento agrícola. Ele disse ao Dorival que não se preocupasse. Prometeu dar algum conselho

se a vinda do inspetor fosse confirmada.

Passada uma semana, o assunto subitamente morreu, talvez pelo esgotamento natural de todo anunciado que demora a acontecer. Guariba voltou à rotina e a barbearia do Moisés às suas fofocas libidinosas e comentários de futebol. O gerente Dorival concluiu que tudo não passava de balela, fuxico, talvez espalhado por quem tentara financiar o mesmo amendoim duas vezes.

2. As aulas

Por insistência do pai, Vicente também prestara concurso para o Banco do Brasil, apesar de, na época, mal ter completado dezessete anos. A idade mínima para tomar posse era de dezoito anos. O resultado vale por dois anos, dissera-lhe o velho, e não vai ter outro concurso nos próximos cinco. Você faz agora, garante a vaga e aos dezoito assume. É emprego seguro pelo resto da vida, e de prestígio, enfatizara o velho.

Assim fez Vicente. Inteligente e aplicado, pegou o segundo lugar no concurso, realizado em Araraquara com mais de duzentos candidatos, gente de toda a Noroeste e alguns da Sorocabana. Quando completasse dezoito anos, a nomeação era certa, ainda mais com o pai que tinha, respeitadíssimo no banco.

Mas o destino não quis assim. Eram tempos tumultuosos e até na modorrenta Guariba, que só possuía um cinema, o Eldorado, e uma pracinha central, o largo do Rosário, havia agitação, como uma corrente d'água movendo-se por baixo de uma superfície aparentemente calma. Entre os ferroviários, havia um grupo dos onze que acompanhava pelo rádio os discursos de Leonel Brizola em favor das reformas de base. Falava-se também que alguns velhos comunistas reuniam-se de vez em quando não se sabia onde.

Vicente dava aulas de alfabetização de adultos por um método do Ministério da Educação, considerado revolucionário. Todos os domingos, ele mais quatro amigos do colégio reuniam uns caboclos no salão paroquial para ensiná-los a ler e escrever. A cartilha que o Governo havia mandado usava palavras da vida das pessoas, como ti-jo-lo, ja-ne-la, ma-cha-do; assim ensinavam e conscientizavam ao mesmo tempo. Essa era a teoria.

3. O golpe

Sucedeu então o movimento militar que destituiu o presidente da República, fechou o Congresso Nacional e prendeu muita gente, entre os quais o ministro da Educação, que lançara o programa de alfabetização. Os jornais de São Paulo e de Araraquara denunciaram que tal método era uma

invenção do comunismo internacional para subverter os brasileiros.

Em Guariba não havia guarnição do Exército e ninguém foi preso. O delegado de polícia, o dr. Sérgio Costa, da família dos Costa lá de Jaboticabal, homem de índole mansa, deu um susto nos ferroviários e eles pararam de se reunir. Isso bastou. Nos comunistas não mexeu, porque nem sabia quem eles eram; até duvidava que existissem. No sindicato rural também não mexeu, apesar da instrução recebida de São Paulo, porque o dr. Murta, da Usina Rio das Pedras, garantiu que a diretoria era de sua confiança.

Num encontro em Araraquara para decidir o rumo do programa de alfabetização, um bancário disse ao Vicente que o inspetor-geral tinha passado pela cidade e de lá fora para não se sabia onde, talvez para Matão. Disse que, de São Paulo, o tal inspetor trouxera fichas, que conferira com o delegado de polícia, com o bispo e com diretores de colégios, e entrevistara os funcionários, um por um, para saber dos pais, dos amigos e o que eles pensavam da política.

De volta a Guariba, Vicente contou isso tudo ao pai. Combinaram manter segredo para não assustar o pessoal. Talvez o inspetor-geral só estivesse visitando as cidades maiores, e de Araraquara tivesse ido direto para Ribeirão Preto. Além disso, o velho Melo sabia que nenhum funcionário do banco estava metido em política; não era preciso prevenir ninguém. Quem estava metido em política era seu filho, isso sim, o Vicente, por causa desse programa de alfabetização de adultos, que agora todo mundo dizia que era subversivo.

4. A visita

Foi com espanto e preocupação que, uma semana depois da conversa com Melo, o gerente Dorival recebeu pelo malote esta mensagem:

Senhor gerente
Banco do Brasil
Agência Guariba, sp
Confidencial

Dando sequência ao nosso programa de modernização, chegará a essa cidade, no próximo dia 23, nosso Inspetor-Geral para o Estado de S. Paulo-Interior, Dr. Geraldo de Siqueira Mattos, que, além de suas atribuições normais, terá o encargo de adequar a agência às novas diretrizes de Segurança Nacional do Governo Federal. Pedimos sua colaboração, e que reserve desde já apartamento no melhor hotel da cidade para a data supracitada, por três dias.

Sem mais,

Adalberto Ramos, Diretor-Geral, São Paulo (DG).

Luiz Cláudio da Silveira, Diretor de Segurança e Informação (DSI).

O que fazer? O memorando pedia sigilo. Dorival prometera avisar o velho Melo. Também queria saber dele o que fazer. Como não dava para esperar o velho vir à agência, foi à casa dele à noitinha, sorrateiro, para não chamar a atenção.

Os termos do memorando confirmaram ao Melo o que o filho ouvira em Araraquara. Tinha perseguição política, coisa que ele nunca vira em trinta anos de gerência em nenhuma visita de um inspetor-geral. Nem na Revolução de 32, que ele chegara a pegar. Mas havia uma notícia boa: o inspetor-geral era o Geraldão, seu antigo colega dos primeiros tempos de banco, colega mesmo, de farream juntos, de pescaria, de serenata, aventuras... Tinham feito concurso juntos e começaram ao mesmo tempo em Catanduva, como auxiliares. Lá ficaram mais de três anos; só depois é que cada um tinha ido para um lado. Deixa comigo, ele disse ao Dorival. E não conte a ninguém.

Dois dias depois, já se sabia até a data de chegada do inspetor-geral, confirmada pelo Nunes, o dono do Grande Hotel Majestic, quando ele foi cortar o cabelo: dia 23, a sexta-feira da semana seguinte.

A chegada do inspetor numa sexta-feira inspirou o velho Melo. O Geraldão vai desembarcar ao meio-dia, que é o horário do primeiro trem, vai se instalar, tirar o pó da viagem, antes da uma eu pego ele no Majestic pra gente almoçar com muita calma; não vai sobrar tempo pra ele fazer quase nada na sexta. No sábado, marcamos uma pescaria lá pros lados da represa da Promissão. Levamos muita pinga, pão e mortadela. Domingo o Costa vai pra Jaboticabal ver a família e só reabre a delegacia na segunda. O Geraldão, de ressaca, vai se esticar na rede.

O problema é a segunda-feira, matutou Melo. Pensou, pensou. Sorte é que eu conheço as fraquezas do Geraldão. E decidiu. Chamou seu filho menor, o Reinaldo, e deu as ordens: vá ao sítio do tio Rocha e diga pra ele carnear um bezerro na outra segunda, que nós vamos lá mais uns amigos. Na volta, passa no Mathias e diz pra ele mais o Nazareno prepararem as violas pra um improviso. O Geraldão é grande apreciador da viola de pinho, mais ainda do desafio. Mathias foi duas vezes campeão dos repentistas da Noroeste.

E assim foi feito. Passaram a segunda-feira no sítio do Rocha, refestelados, tomando pinga ao som da viola caipira até o sol se pôr. Na terça o inspetor-geral embarcou para a agência seguinte, a de Catanduva, no mesmo trem do meio-dia que vinha de Araraquara e seguia para o interior. Ele só teve tempo para umas poucas entrevistas.

5. Epílogo

Muitos meses depois da passagem do inspetor-geral por Guariba, transferiram a bela Terezinha para uma agência do Mato Grosso contra a vontade dela. Até hoje não se sabe se foi coisa do Geraldão ou da rotina do banco. Só se sabe que a Terezinha não se metia em política, apenas certa vez testemunhou a favor de um vizinho, cortador de cana, que havia sido destrutado pelo dr. Murta na frente dela.

O jovem Vicente nunca tomou posse no Banco do Brasil, apesar da pescaria, do torneio de viola e do bezerro carneado para o Geraldão. Sucedeu que ele mais dois monitores do programa de alfabetização, revoltados por tudo aquilo ter acabado, aderiram a uma turma da pesada de Bauru que queria fazer uma revolução. Não adiantou o velho Melo e sua mulher Letícia tentarem dissuadir o filho. Certa manhã Vicente meteu umas mudas de roupa na pequena maleta de cartão encerado, deu um abraço apertado no pai e na mãe e sumiu sem dizer para onde ia.

- Veja bem o que você vai dizer, não esqueça que depois você volta pra cá; você volta pra mim - ele repetiu.

E riu. Bateu a porta do camburão e riu.

Filho da puta, ela disse a si mesma. Sentiu um calafrio.

Era a primeira audiência do seu processo. Depois que foi marcada, não penduraram mais, deixaram entrar comida, pomadas, roupa. Hoje está de blusa nova, saia também. Todos a querem bem-apresentada. Ia dar tudo certo, garantiram. Só precisava manter o controle. Não dizer nada, apenas negar as acusações do indiciamento. Ficar nisso.

Estava só ela no camburão. Só ela, de tantos companheiros, ainda viva e indo para uma audiência na Justiça Militar. Se não fosse aquela notícia da sua prisão, já estava morta. Ela mesma pediu, mais de uma vez, me matem, me matem. E o filho da puta dizia eu vou te matar, sim, mas quando eu quiser.

Agora não podem. Tem processo.

A audiência foi curta. Um coronel leu o indiciamento. Ela se declarou inocente de todas as acusações, menos da guarida ao estudante, por dever humanitário, não tinha nada a ver com o que ele fazia. Respondeu como o advogado havia recomendado. O juiz auditor a interrompeu.

- Não é o que esta na confissão que a senhora assinou, tomada a termo pelo delegado.

Foi então que ela perdeu o controle e gritou:

- Assinei sob tortura! Esse delegado filho da puta me pendurou sete vezes.

Faz-se um silêncio estranho. Sete vezes, sete vezes, as palavras pareciam dar a volta na sala do tribunal. Sete vezes, nem uma nem duas, sete vezes. O juiz suspendeu a sessão e convocou todos à sua sala.

No recesso do gabinete, ela disse tudo. Não conseguia parar de falar. Mostrou os hematomas nos braços e nos tornozelos, falou das palmadas, dos choques nos seios e na vagina, da ameaça de estupro, da simulação de fuzilamento, dos afogamentos, dos onze dias na solitária.

Por fim, falou da advertência do torturador. Disse que para lá não voltava, preferia morrer. Se a levarem de volta se mata, se atira pela primeira janela; se não tiver janela, se mata batendo a cabeça na parede; se não tiver parede, corta os pulsos; se não tiver com que cortar; morde com

os dentes; se não der certo, faz greve de fome até morrer.

Juiz, procurador e advogado negociaram longamente. Por fim, o juiz emitiu um alvará, ordenando que ela seja transferida para o presídio feminino. Não voltará para o Dops. Assinou na frente de todos. Só então ela se acalmou e concordou em ser conduzida para o camburão.

De novo está só no camburão. Percebe que é o mesmo que a trouxe e se inquieta. Passa a observar o trajeto pela grade de ventilação. Vê, aterrorizada, entrarem pelo mesmo portão através do qual haviam saído para o tribunal.

O camburão para, a porta se abre.

O torturador diz, sorrindo:

- Eu disse que você ia voltar pra mim, não disse? Vem, benzinho, vamos brincar um pouco.

Ele a agarra pelas canelas e a arrasta para fora.

Os outros em volta riem.

1. Agenor

O agente penitenciário Agenor passa a informação a meia voz, junto com a caneca de café e o pão. Sequestraram um cônsul, estão pedindo vinte em troca. E mais não diz. Segue com o carrinho do rancho, mais rápido que de hábito, para não dar chance de perguntarem. Sabe que o Reinaldo avisará os outros.

Antes do carrinho alcançar a metade do trajeto, a notícia já deu a volta no pavilhão. Em todas as cabeças a mesma interrogação: será que eu estou entre os vinte? Tentam disfarçar fazendo outras perguntas. Turquinho, que cônsul? Turquinho, que organização? Turquinho, deu na tevê? Turquinho, você viu a lista? Agenor, que todos chamam de Turquinho, não responde, faz que não ouve.

Ele também especula: o que será que vai acontecer? A ordem é cela trancada, ninguém sai nem pra enfermaria, não tem ligação de advogado, não tem jornal, não tem banho de sol, não tem coletivo, não tem artesanato, não tem porra nenhuma. Fechou o tempo, pensa. Retorna recolhendo as canecas bem depressa, sem se deter.

Agenor detesta quebras da rotina. Atrapalham seus negócios, que melhoraram com esses presos tão diferentes dos outros. A maioria tem pai rico ou remediado, a revista é relaxada, tranquila, não tem isso de droga escondida na boceta, estilete nos cabelos, não tem confusão. Agenor passa tudo: bilhete, roupa, remédio, cigarro, comida. Anota num caderno e de sábado em sábado acerta as contas. É o território dele, a freguesia dele, os melhores clientes que já teve.

Não posso desertar deles numa hora dessas, pensa Agenor. Hesita. Entrego ou não entrego a lista? Tem pena, a lista está em tudo que é jornal, só os coitados é que não sabem. Depois repensa: não pode facilitar, o chefe alertou; os milicos estão muito putos. E os presos também já estão eriçados. Numa hora dessas, qualquer um pode fazer uma besteira. Vai ser um dia de cão, melhor ficar na minha.

2. Reinaldo

Reinaldo avalia a situação. O Turquinho sabe quem está na lista, mas não quer falar. Decerto proibiram. Reinaldo só sabe que seu grupo não está metido no sequestro. É a única certeza que tem. Há um ano optaram pela autodissolução: só entram em mutirão de ajuda, mesmo assim como ex-companheiros, não como organização. Decisão inteligente, da qual os outros

não gostaram. Isso reduz a probabilidade dele estar na lista, conclui aliviado. Depois pensa o contrário: sempre incluem presos de prestígio, como é o caso dele, que não entregou ninguém. Até a imprensa estrangeira falou dele, das sequelas que ficaram para sempre, do descontrole das mãos e da surdez no ouvido direito. A Anistia Internacional fez campanha.

Cursava o terceiro ano de letras quando se engajou. Caiu logo no começo. E logo no começo concluiu que a luta estava perdida. Na cadeia faz poesia, sonha com o dia em que vai ser solto e pensa nos pais idosos, lá longe, no Nordeste, mais na mãe do que no pai. A família é abastada, tem empresa de importação-exportação e fazenda de cacau na Bahia. A mãe já não pode se mover, por isso nunca o visitou; reza e faz promessa para que o soltem. O pai, severo e conservador, só apareceu quatro meses depois. Ainda lembra a pergunta idiota do velho: sabe por que eu vim? Como se um pai precisasse de motivo. Vim porque eu soube que você não abriu o bico. Como quem diz: continuo em desacordo, mas respeito a macheza.

Reinaldo tenta se imaginar de repente num país estranho, exilado. Não quer. Torce para não estar na lista. O exílio é a continuação, só que em vez da prisão de cimento é a prisão dos compromissos, da dependência, da moradia de favor, do emprego de favor, e por tempo indeterminado. Sabe-se lá quantos anos? A mãe já tão velhinha. Melhor completar o pouco que falta e ficar livre de vez. É só um ano. Já tivemos nosso momento de loucura, não pode a loucura ser pra sempre, ele pensa. Reinaldo tem alma de poeta, quer ser escritor como o tio. Acha que sua poesia é boa; não mostra aos companheiros por pudor e receio da cobrança ideológica, que muitos ainda fazem.

Participa dos coletivos, compartilha o que recebe pelo correio e da irmã que mora em São Paulo, mas se opôs à última greve de fome, por sugestão do seu pessoal. Argumentaram, com razão, que não tinha sentido criar confrontos na cadeia se a luta lá fora já estava perdida. Aceitou a orientação e a defendeu durante a votação, porque percebeu que a proposta de greve veio de fora, os de fora usando os de dentro. A luta na cadeia é outra, é pela dignidade da pessoa. Não pode misturar.

Reinaldo percebe que já passa das dez da manhã, e nada de abrirem as celas. Sinal que a coisa é séria, pensa. Melhor a gente se cuidar. É uma incógnita a reação dos milicos. No primeiro sequestro, bobeamos; podíamos ter exigido a soltura de todos. No último, deixaram a negociação se arrastar e os milicos se aproveitaram. O pior de tudo é o medo de ser levado de novo pro fundão. Reinaldo conta quantas vezes o arrastaram: cinco. Todos fazem essa contabilidade macabra. Cada vez é como se fosse a primeira, tentando adivinhar o que vão fazer e ao mesmo tempo tentando não pensar no que vão fazer, buscando um derivativo, um pensamento que os

torne insensíveis à dor. Depois a dor; depois nada.

Podem vir a qualquer momento, basta uma nova queda falar dele. Uma das piores surras não aconteceu dois anos depois da sua prisão, quando acharam na Susana os papéis que ele tinha escondido na capa do long-play? Eles não esquecem nada. Podem passar meses, anos. Vão juntando as pecinhas, como num quebra-cabeça. Com esse sequestro, devem estar revendo tudo, passando um pente-fino para tentar descobrir o aparelho onde está o cônsul.

Seu pensamento agora se volta para o ano que falta cumprir. Quem está fora não sabe o que é cadeia; cada dia na cadeia é mais longo que o dia anterior; pior de tudo é a falta de mulher, ter que se masturbar. Mas eu aguento; viver cada dia como um dia. Pra quem já aguentou quatro anos, mais um ano é suportável. E tenho meu poema pra terminar. Se depender de mim, fico, cumpro mais este ano e começo outra vida. Só que não perguntam. Querem me libertar, mas não me perguntam se eu quero esse tipo de liberdade. Não quero. A liberdade que eu quero é outra.

3. Celso

Celso avalia a situação. Compartilha a cela com Reinaldo e ainda não sabe o que dizer a ele. Pensa primeiro na mãe, que vem todo sábado de Dracena visitá-lo, sete horas de viagem, sempre chorosa. Há anos só vê a mãe em lágrimas. Se sair, esse sacrifício acaba. A choradeira também. A mãe vai poder visitá-lo no exílio, pelo menos uma vez por ano, talvez duas. O pai espalhou que ele está na Bélgica, estudando medicina. A mãe, que nunca mentiu, teve que inventar um tratamento em São Paulo, para explicar as viagens aos vizinhos. O que será que o velho vai dizer quando os jornais publicarem a lista? Sorri, pensando nas gozações em cima do pai; com a falta de assunto no interior, isso vai durar mais de ano.

Quer muito ir para Cuba; sonha com Cuba, com um curso de medicina. Divide o tempo entre um manual de medicina e outro de marxismo. Já decorou os nomes de todos os ossos da cabeça, do tronco e dos membros superiores, só faltam os dos membros inferiores. A cadeia inverte tudo. Na cadeia estudar não é chato. Se sair agora, ainda há tempo, tem só vinte e dois anos. A medicina de Cuba é a melhor do mundo. Se tiver que cumprir mais seis anos, vai estar muito velho. Contava com o sequestro múltiplo, que ia soltar todo mundo, até que a queda do velho fodeu o esquema. Esta talvez seja sua última chance.

Tinha terminado o primeiro ano de medicina quando se engajou; seis meses depois teve que abandonar e cair na clandestinidade. Foi muito azar a troca de tiros. Pegou uma das penas mais longas. Quer continuar na luta pelos companheiros que morreram, embora tenha algumas dúvidas; em

todo caso fazer medicina em Cuba é uma certeza. Sobre a medicina e sobre Cuba, nunca teve nenhuma dúvida. Se foi o meu grupo que sequestrou, tenho uma boa chance de entrar na lista. Além disso, sempre escolhem os que têm pena mais longa.

Se o mandarem voltar clandestino para prosseguir a luta, é até capaz de aceitar. Mas prefere não voltar. Pensa no medo permanente de ser pego, de como caminhava encolhido pelos becos para não ser reconhecido, de como ia para os pontos com o cu na mão. E essas quedas sucessivas dos que voltaram? Na última atualização do quedômetro, ficou claro que teve infiltração. Garantiram a ele que o traidor já tinha sido identificado. No rancho do almoço, o Turquinho deve trazer mais notícias. Torce para estar na lista.

4. Diálogo

- Reinaldo, você tá sabendo da lista?
- Não, o Turquinho não abriu.
- Você acha que vão ceder? Ou vai depender dos nomes?
- Eles sempre cedem, mas tem que ser rápido, não pode dar tempo de sumirem com alguém ou de vetarem. Tem que ser na base do susto.
- É uma merda a gente não saber de nada. E se a gente zoar, pra eles abrirem as celas?
- Melhor não dar pretexto.
- Porra, você é mesmo um bundão.
- Não enche o saco, Celso! Faz quatro anos que você só me enche o saco: eu digo sim, você diz não; eu digo não, você diz sim... parece criança, só quer contrariar.

Antes da prisão eles já viviam às turras no jornal, o grupo do Reinaldo mandava na editoria de cultura e o do Celso na de política. Na cadeia a antipatia mútua se acentuou. A cadeia embrutece, afia as arestas.

- Bundão, sim, nem na greve de fome você quis entrar.
- Esse assunto de novo? Você sabe que a ideia dessa greve veio de fora, não foi como as outras, não tinha nada a ver com as nossas demandas. Sabe de uma coisa, Celso, você continua o fanático de sempre. Estou torcendo pra incluírem você na troca, pra tirarem você daqui.
- Eu também.
- E pra te mandarem pra bem longe, de preferência pra Cuba, de onde ninguém sai se o partido não deixar.
- É isso mesmo o que eu quero. Quero estudar medicina em Cuba, lá tem a melhor medicina do mundo, até os putos dos capitalistas reconhecem.
- Mas quem disse que vão te deixar estudar? Você vai ter que se

enquadrar. Sem o aval do comando você não entra em universidade nenhuma em Cuba; se te mandarem pra Argélia, também vai ser difícil, lá o partido é quem manda.

- Posso ir pra França...

- Na França talvez... mas eles não deportam pra França, você teria que romper com a organização pra ir pra França. E como? Com que passaporte? Eles te jogam no avião sem passaporte, sem nada. Você vai ser um merda de um exilado, sem lenço e sem documento, vai continuar dependendo da tua organização, sem direito de ter o teu projeto de vida...

- Não é bem assim, você tá exagerando como sempre. Eu confio nos companheiros, não somos como vocês, que largaram tudo. Esse sequestro prova que a luta continua, que existe solidariedade entre nós...

- Continua pra quê, porra? Pra soltar as pessoas e depois elas serem mortas? Você é cego? Não vê o que anda acontecendo com quem tá voltando? Abatidos um a um, assim que chegam. Voltam pra ser mortos. Estamos mais seguros aqui do que lá fora.

- Você diz isso só pra me aporrinhar, é um derrotista.

- Não é nada disso; é pra te advertir. Em vez de estudar medicina, vão te mandar pro treinamento, isso sim, e depois vão te mandar de volta, clandestino, pra continuar a luta aqui. Que eu saiba, a ordem é essa.

- Ninguém é obrigado, nossa organização não força, tem alternativas pra quem não quer voltar.

- Mas o cara fica estigmatizado; tem que justificar muito bem e mesmo assim fica marcado. Você não me chama de bundão? Pois é como vão te chamar.

- Chamo de pirraça; eles respeitam quem já passou por tudo isso que nós passamos.

- Quem já passou por tudo isso... Tá vendo como você também acha que já chega? Só não tem coragem de admitir; inventou essa história de ter vocação pra médico, mas o que você quer mesmo é uma vida nova, colocar um ponto-final nisto tudo, com medicina ou sem medicina, como eu também quero. Só que eu falo e você não. Você sempre foi um dissimulado, desde os tempos do jornal.

- E você, que fica se fazendo de poeta? Um poeta sem musa. Cadê a tua poesia que você não mostra pra ninguém?

- Melhor fazer poesia do que fingir que estuda marxismo.

- Vá à merda.

- Vá à merda você.

5. A troca

Depois do rancho do almoço, a tensão atinge nível de explosão. Os presos

continuam sem notícias. O agente Agenor, mudo. Alguns batem nas grades, exigindo o banho de sol. Mas o que querem mesmo é a lista. Começam a gritar, a lista, a lista. Não querem ser pegos de surpresa, querem deliberar, fazer arranjos, dizer adeus à família, consultar advogado, saber se devem exigir algum atestado, uma declaração de que estão sendo levados à força.

No fim da tarde, Agenor vem buscar os dois presos da cela 1: Celso e Reinaldo. Ainda sem dizer nada, leva-os para o chuveiro. Uma hora depois, são trazidos de volta, escanhoados e de cabelo aparado, trajando terno e calçando sapatos novos. Assim o pavilhão fica sabendo que os dois estão na lista. Só os dois, os demais devem ser do presídio do Hipódromo ou do pavilhão 5, ou de outros estados. À medida que Reinaldo e Celso atravessam o pavilhão, são aplaudidos.

No começo da noite, levam Reinaldo algemado para a base aérea, sem dizer nada. De lá, ele e mais quatro são embarcados para o Rio, sempre algemados. Pousam às duas da manhã. Às seis, com o sol nascendo, dezenove presos políticos estão alinhados no pátio do aeroporto do Galeão para a fotografia oficial. Decolam sem saber o destino.

Os milicos conseguiram impor um veto a Celso, alegando que fora condenado por crime de morte. Foi devolvido à cela sem terno, descalço.

De quando em quando eu me reunia com amigos para lembrar nossos tempos de universidade e nossas investidas contra a ditadura. Sempre na casa do Alberto e sempre os mesmos cinco: além dele, eu, o Nilo, o Ferreira e o Piauí. Deles ouvi, pela primeira vez, o nome Dodora.

Eu ignorava algumas histórias que eles contavam porque morei poucas semanas na residência estudantil, ao passo que eles ali viveram todos os anos de faculdade, até o Exército invadir o conjunto e os expulsar. A residência foi para eles a escola da vida. Ali fumaram o primeiro cigarro de maconha, tiveram o primeiro amor e o primeiro porre. Ali entraram na política e na revolução.

Recordavam com nostalgia profunda cada nome, cada episódio daqueles tempos. As manias desse ou daquele, as batalhas ideológicas. As perdas. Falaram de quando explodiu o fusquinha, matando três companheiros, de quando caiu fulano num assalto a banco, de quando cicrano bandeou para outro grupo levando o jipe da organização. E falaram da Dodora.

Sempre falavam da Dodora. Da firmeza de suas convicções, da sua coragem nas ações. Ela é que tinha colhões, diziam brincando, pois era a única mulher a participar das ações armadas. Percebi que, invariavelmente, após algumas reminiscências a conversa estancava. Logo se calavam, compungidos, como se súbito se lembrassem de algo inominável. Mudavam de assunto.

Fiquei muito curioso. Por que de repente se fechavam? O que de tão terrível acontecera para provocar esse silêncio? Será que essa Dodora havia sido torturada, talvez estuprada ou esquartejada? Será que foi desaparecida pela ditadura?

Eu havia notado que era o Alberto quem mais trazia a lembrança de Dodora. No último encontro, esperei que todos se fossem, inventei uma desculpa para ficar e pedi que ele me contasse a história da Dodora. E ele contou.

O nome dela, ele disse, era Maria Auxiliadora. Estudava filosofia e vinha de uma família de velhos comunistas do interior de São Paulo. Já chegou politizada e logo se engajou na organização. Participava de ações de expropriação sem pestanejar. Parecia querer vingar o pai, que, já idoso, ainda sofria de sequelas da prisão na ditadura do Getúlio. Era uma garota robusta e destemida. Mas tinha outro lado muito sensível e um tanto instável. Chegava a chorar ao ler relatos de presos supliciados. Também não percebemos, contou o Alberto, que tomava uma pílula, ou não demos importância. O fato é que, passado algum tempo, a Dodora foi

demonstrando um nervosismo crescente e o cacoete de olhar para trás e para os lados o tempo todo, como se temesse estar sendo seguida. Isso tudo, disse o Alberto, só foi lembrado depois, quando tentaram entender o que aconteceu naquela madrugada.

A ação em si fora de pouco risco. Dodora e alguns outros estavam pichando Abaixo a Ditadura, quando dois carros trombaram na esquina próxima e um deles incendiou-se. Obviamente veio polícia, corpo de bombeiros, ambulância. Deu a maior confusão. Dodora podia simplesmente ter se mandado, como fizeram os outros; a polícia estava ligada no desastre, não nas pichações. Mas, em vez de cair fora, ela se enfiou num dos carros da polícia e ali ficou. Os policiais acharam que era uma doida qualquer e mandaram que saísse. Mas ela se recusou a deixar o carro. Disse que tinha algo muito importante para revelar. Tanto insistiu que foi levada à delegacia. Na delegacia, confessou ao atônito delegado de plantão que fazia parte de um grupo que assaltava bancos para financiar a revolução. Foi transferida na mesma noite para o Dops. Lá descreveu calmamente todas as ações das quais participou e, o que é pior, entregou todos os nomes que conhecia, um por um, com endereços, telefones, pontos e outros detalhes que sabia. Só então se convenceram de que ela falava a verdade. Os dados batiam com o que eles sabiam. Disseram que ela ainda teve o cuidado de pedir um escrivão e foi ditando tudo bem devagar, para que nenhuma informação se perdesse, ou para que não precisassem perguntar depois. A organização foi dizimada. Muitos caíram, alguns foram mortos. Poucos escaparam.

Perguntei ao Alberto se a organização não tomara alguma medida contra ela. Ele disse que não. Espalharam que ela havia enlouquecido e que a família a tinha internado para tratamento. Tudo teria acontecido porque naquele dia ela não se medicara. Muito tempo depois, surgiria outra versão, negando que ela tivesse esquecido o remédio e que tivesse sido internada. Disseram que, ao contrário, subitamente todos os seus cacoetes sumiram e ela sentira um enorme alívio.

O Alberto acha que foi um caso extremo de síndrome da tortura, comum na época. Disse que os relatos que chegavam à residência estudantil, e talvez outros da época de seu pai, devem ter criado nela tamanho pavor, que Dodora precisou se antecipar e entregar tudo voluntariamente, eliminando, com isso, a necessidade de ser torturada. Perguntei ao Alberto se ela estava viva, o que fora feito dela. Ele contou que Dodora vivia no interior, casou-se, teve filhos e hoje é avó.

À Paula S.

Disse ao telefone que era uma estudante fazendo um trabalho escolar. Pediu muito que as três irmãs estivessem presentes. Ao chegar, explicou a ideia do seu projeto. Era uma garota miudinha de olhos brilhantes e gestos rápidos. Muito educada, pediu licença para filmar, armou o tripé com a câmera e começou a entrevista pela irmã mais velha.

- Você lembra o dia em que aconteceu?

- Lembro muito bem, lembro até a hora; foi quando eu vi meu nome na lista dos aprovados no vestibular. Era hora do almoço, não tinha ninguém no departamento, só eu, sozinha no corredor. A lista estava colada na porta. Quando topei com o meu nome, inteirinho, nome e sobrenome, Maria Helena Mariano, logo pensei nele, em como ele ficaria contente de eu ter entrado na usp, e lamentei ele não estar vivo para eu ir correndo contar. Assumi pela primeira vez que ele estava morto. Naquela hora eu matei meu pai.

- Você ficou triste, sentiu-se culpada?

- Não, eu estava excitada demais para ficar triste. Imaginei as aulas, os professores, os novos colegas; só naquele momento percebi a importância que passar no vestibular tinha para mim. Desde aquele instante, tudo mudou. Coincidiu que no dia seguinte tinha uma reunião dos familiares de desaparecidos e eu não fui. Chega, pensei. Não fui de caso pensado. Era o que o meu pai gostaria que eu fizesse, que eu vivesse minha própria vida. Lembro que nesse dia, sim, eu senti um pouquinho de culpa, mas foi coisa passageira, alguns segundos.

As duas irmãs mais jovens escutam, tensas, de olhar cravado na mais velha, como que hipnotizadas. A estudante sentiu a gravidade do momento. Sua ideia original de argumento para o trabalho de conclusão de curso tomava rumo inesperado. Pensava se deveria ou não prosseguir, e de que forma, quando a irmã do meio interpelou a mais velha:

- Você nunca falou disso. Por quê?

- Porque não falar disso faz parte. A mamãe também nunca falou disso; você também nunca disse nada. Mas eu lembro bem do dia em que você decretou a morte do papai, muito antes de mim, do dia em que você inventou de fazer aquela arrumação, jogou fora um monte de coisas, e no lugar do retrato do papai você colocou essa aquarela sem graça que está aí até hoje.

- Eu não suportava mais aquele rosto bonito me encarando sempre que eu entrava no apartamento.

- Eu já tinha percebido. A arrumação foi pretexto, você sempre quis tirar aquele retrato da parede, mas não tinha coragem. O que aconteceu naquele dia que te deu coragem?

- Não aconteceu nada de importante, eu estava irritada, só isso. Tinha saído outra reportagem sobre ele, falando dos que lutaram contra a ditadura, e eu me enchi de ouvir, de novo, os caras elogiando um pai que nos abandonou.

- Eu não sinto que ele me abandonou.

- Claro, você já era crescida, estava no ginásio, tinha as tuas amigas, nem precisava mais de pai. Mas eu só tinha seis anos quando ele sumiu; não entendia nada e ninguém me explicava. Tentava não pegar no sono, esperando ele voltar para me contar uma história, mas ele chegava tarde demais; de manhã, quando eu acordava, ele já tinha saído. Você sempre achou que ele foi um herói, eu via como você falava nas reuniões, como você se orgulhava dele, mas para mim ele não passava de um irresponsável que trocou a família pela política.

- Você sempre pensou assim?

- Sempre, mas só assumi no dia da arrumação. Você está certa, naquele dia eu decidi que para mim ele estava morto, definitivo, que não ia mais voltar; e eu nem queria mais que ele voltasse.

- Que horror... você não sente nem um pouquinho de orgulho por nosso pai ter tido a coragem de se rebelar contra a ditadura?

- Não. Sinto raiva, isso sim, muita raiva. Acho que a vida são as pessoas, as amizades, a família, o amor; o resto é enganação. Nosso pai foi um herói? Tudo bem. Mas não pra mim. Para mim ele foi o pai que eu amava e que me deixou quando eu mais precisava dele, bem quando eu entrei no grupo e todas as minhas amigas falavam do que o pai delas fez no domingo ou deixou de fazer, e eu não tinha nada pra contar. Não podia nem dizer que o meu pai tinha me abandonado.

- Ele não abandonou a gente porque quis.

- Como você sabe? Antes mesmo de desaparecerem com ele, ele já tinha desaparecido da nossa família. Ou você não lembra, a mamãe sozinha, ele sempre na política? Muitas vezes ele nem dormia em casa. Você nem era tão ligada nele; era mais chegada na mamãe; eu é que era grudada no papai. Me agarrava nele, pulava no pescoço dele, sentava no colo dele. Ele foi meu herói, sim, mas só até os cinco anos. Depois, ficou a frustração, a raiva por ele ter deixado a gente.

Segue-se um silêncio interminável. A estudante sente-se desorientada.

- E você? - ela finalmente pergunta, ainda hesitante, à mais nova das

três irmãs, que nada falara até aquele momento. - Você se lembra do dia em que considerou seu pai morto?

A resposta demora; passam-se dez segundos, quinze, então a mais jovem balbucia:

- Eu não tive esse dia porque nem tive pai... minha mãe estava grávida de mim quando ele foi preso... sou como esses bebês de profeta que não têm pai. Nem sei como é ter pai... acho tudo isso muito triste.

Depois, com a voz mais firme:

- E esse retrato que vocês duas discutem tanto nunca significou nada para mim. Era como um desses retratos de professores ilustres que a gente vê enfileirados nos corredores das faculdades. Um desconhecido que vocês diziam ter sido meu pai.

A estudante desliga o gravador. Suas mãos tremem um pouco. Não sabe mais o que perguntar.

O dr. Nicolau Junqueira, médico-cirurgião de prestígio, aplaudiu o golpe que derrubou o presidente João Goulart, acusado pelos militares de querer implantar o comunismo no Brasil. Foi dos primeiros daquele bairro de palacetes em São Paulo a doar uma joia da família à campanha do ouro para o bem do Brasil. Fez questão de dar o exemplo. Contra o comunismo faria tudo.

Quando o jornal publicou o nome de seu filho Augusto como suspeito de participação num atentado, ficou possesso. Junto ao nome Augusto Junqueira, como para não deixar dúvidas, estava o de Ernesto Del Rio, o melhor amigo de faculdade do filho, rapaz franzino de uma família do interior, que frequentemente almoçava com eles.

A custo localizou-os escondidos na tia Laura, a quem Augusto era muito apegado. Pai e filho brigaram feio, a pior das rixas que vinham se tornando frequentes entre os dois. Os rapazes negaram participação no atentado. O pai acusou o filho de molecagem e desrespeito à família. Ordenou que se apresentasse à polícia dizendo-se arrependido de pertencer a uma organização que praticava a violência e que não tinha nada a ver com o atentado. Disse para contarem tudo o que sabiam. Quando o filho alegou que na polícia torturavam os presos, ele respondeu, peremptório, que isso era mentira, calúnia dos comunistas.

Nossos militares, disse ele ao Augusto e ao Ernesto, têm formação cívica, inspirada na filosofia positivista. Aqui não se tortura, ao contrário do que fazem em Cuba, disse convicto. Lá, sim, é que se prende, se tortura; lá não há habeas corpus, nenhum respeito aos direitos da pessoa. O dr. Junqueira era turrão; não admitia contestação às suas ideias. Na juventude, simpatizara com o fascismo. Acreditava que cada um se faz por seu valor pessoal, como ele, que se tornara médico pelo próprio esforço. O Augusto, seu filho favorito, virar comunista era totalmente inaceitável - i-n-a-c-e-i-t-á-v-e-l - repetiu. Sujava o nome de toda a família.

Vá imediatamente à polícia, ele insistiu, antes que a polícia venha a você. Apresente-se, diga que você foi enganado pelos comunistas, que você é filho do cirurgião doutor Nicolau Junqueira, que você está arrependido e que seu pai o aconselhou a se entregar. Vá, meu filho, vá que eu garanto que você vai ser tratado com respeito.

Pouco depois da exortação do pai, uma tragédia faria a história tomar rumo diferente de outros conflitos da época entre pais conservadores e

filhos contestadores: dois dirigentes da célula revolucionária do Augusto morreram ao explodir uma bomba que transportavam num carro.

Após alguns dias, Augusto foi convocado a um encontro com os chefes da organização. Foi levado de olhos vendados e deram muitas voltas de modo a desorientá-lo. Ou, quem sabe, queriam impressioná-lo. Ao chegar, foi convidado - intimado seria a palavra mais adequada - a entrar para o núcleo dirigente da organização.

Os revolucionários eram inteligentes. Mas Augusto tinha uma qualidade a mais: enquanto muitos de seus companheiros deixavam que o espírito da rebeldia afetasse seu tirocínio, ele sempre mantinha a lucidez. Sopesou três fatos: primeiro, a explosão que matara tragicamente os dois dirigentes; segundo, o fato de ele, Augusto, não possuir preparo ideológico nem experiência suficientes para pertencer ao comando da organização; terceiro, o convite para fazer parte da direção. Concluiu que a organização estava desfalcada e seus dirigentes desesperados; a explosão do carro desencadeara uma caçada aos membros da organização, e a queda, ele avaliou, era inevitável.

O que fazer? Seguir o conselho do pai? Nunca. Ele conhecia nomes demais para se arriscar a entregá-los sob tortura. Decidiu fugir. Tinha os documentos em dia e uma rota de fuga para o Chile. Pediu um dinheiro à mãe, e sem lhe dizer por que nem para onde, mas dando-lhe um significativo beijo na testa, sumiu de casa com apenas uma maleta de roupas.

O dr. Nicolau Junqueira enfureceu-se ao receber à noite o relato da mulher, dona Clotilde. Ele tinha é que se entregar, gritava, eu garanti que seria bem tratado e que se poria um ponto-final em tudo isso. Tinha que se entregar, acabar com essa molecagem, repetia, ora gritando com a mulher, ora em surdina, para si mesmo.

O dr. Junqueira não sabia que o companheiro de célula de Augusto, o Ernesto Del Rio, fora preso naquela noite. Aos poucos se acalmou e à uma da manhã conseguiu fechar os olhos.

Estava imerso em sono profundo, assaltado por imagens confusas de um quase pesadelo, quando souo a campainha. Esfregando os olhos, fitou o despertador: quatro horas da manhã. Estranhou. Se o chamado fosse do hospital, seria por telefone.

De roupão sobre o pijama, saiu silenciosamente do quarto, para não acordar a mulher, e desceu tateando a longa escada em espiral que leva ao hall de entrada; só então acendeu a lâmpada do pórtico do palacete. Ao abrir a porta, deparou com um homem corpulento e mal-encarado, agarrando pelo braço um rapazinho que parecia estar nu, envolto apenas em uma espécie de capa.

Logo reconheceu o sujeito alto e forte: era o delegado Fleury, que aparecia muito nos jornais, acusado de ter chefiado um esquadrão da morte. Custou a reconhecer o rapazinho seminu, porque ele tremia muito, tinha os cabelos em desordem e os olhos pareciam mergulhados em sangue. Era Ernesto Del Rio, o amigo de seu filho, e ele parecia muito assustado.

- Ele é o pai do Augusto? É aqui que o Augusto mora? - o Fleury perguntou ao rapazinho, apontando para o dr. Junqueira e ao mesmo tempo dando um tabefe pesado no ouvido do rapaz.

Ernesto cambaleou, sacudido pela violência do bofetão, com o que se abriu a manta que o cobria parcialmente, deixando à mostra, no peito, o que pareciam ser marcas de queimaduras de cigarros e sulcos profundos e avermelhados nos pulsos, no pescoço e na barriga. Conseguiu apenas balbuciar um tímido “é...”

Fleury dirigiu-se ao médico:

- O seu filho Augusto está em casa?

- Não.

- E onde é que ele está?

- Não sei e, se soubesse, não lhe diria - respondeu com firmeza o dr.

Junqueira, encarando o delegado Fleury, ao mesmo tempo que registrava com olhar clínico de médico o que haviam feito ao menino Ernesto.

Um ano se passou. Augusto fez chegar à mãe, por portador, seu endereço em Santiago do Chile, com a recomendação de que o decorasse e depois destruísse o papel. Contudo, três anos transcorreram sem ele receber uma única carta do pai; da mãe, recebia cartas de tempos em tempos.

Ao se completarem quatro anos de exílio, o dr. Junqueira disse à mulher que queria visitar o filho. No Brasil, os militares haviam fechado de novo o Congresso e extinguido o direito a habeas corpus. Na escola de medicina, haviam demitido catedráticos ilustres, entre eles dois que foram mestres do dr. Junqueira e pelos quais ele tinha admiração.

Assim que recebeu a carta da mãe anunciando a visita dos pais, Augusto se apressou em preparar o único quartinho vago no pequeno apartamento em que ele vivia com dois casais de exilados; o quartinho que servia de despensa. Ali conseguiu enfiar um estrado e um colchão. Também promoveu uma faxina extra e colocou um vaso com flores na pequena mesa da cozinha, que era também copa e sala de jantar.

Augusto foi recebê-los no aeroporto com sua melhor roupa. Trocaram poucas palavras no percurso até o apartamento. Estavam todos muito emocionados. Augusto só perguntou dos irmãos. O casal Junqueira subiu sem dificuldade a estreita escada que levava ao apartamento do terceiro andar, mas Augusto achou que nos últimos cinco anos seus pais pareciam ter envelhecido dez.

Sentaram-se no único sofá, o olhar do casal Junqueira comparando a pequenez tocante do apartamento em que viviam aqueles exilados, entre eles seu filho Augusto, com o luxo do palacete da família no Pacaembu. Augusto serviu vinho para comemorarem o reencontro. Bebericaram por alguns minutos. Súbito, o dr. Junqueira disse: Augusto, vamos dar uma volta no quarteirão. Dona Clotilde achou boa a ideia e começou a se levantar. Não, Clotilde, fique para não se cansar, disse o médico. Eu vou esticar um pouco as pernas com o Augusto.

Já na rua, o velho médico colocou o braço em torno do ombro do filho, e assim caminharam, lado a lado, abraçados, por muitos e muitos quarteirões, sem trocar uma única palavra.

- Não me venham com bobagem; eu também estou convencido de que erramos feio, não há dúvida, mas daí a concluir que nós o levamos à loucura é demais. Uma pessoa assim já nasce de parafuso solto, vive num equilíbrio instável, basta uma tensão súbita e o sujeito desaba, o equilíbrio se rompe. Além disso, pelo que vocês estão dizendo, o diagnóstico foi feito agora, e já se passaram oito anos desde que tudo aconteceu.

O grupo pequeno e compacto escuta atentamente o homem alto de cabelos grisalhos que lhes fala da porta da sala em tom de autoridade incontestável. Sua voz é forte e de timbre grave. Estão todos de pé e parecem nervosos. Um deles faz uma pergunta que mal se ouve. O homem alto responde.

- Eu discordo. Em primeiro lugar, oito anos é muito tempo. Por que agora e não antes? Muita coisa deve ter acontecido com ele nesses oito anos. Em segundo lugar, a tensão que havia era da época, não foi uma tensão provocada por nós. As coisas foram acontecendo quase sem a gente perceber, ninguém combinou nada. Quando ele se aproximava a gente só mudava de conversa, sem nenhuma agressão, nenhuma acusação.

- Começou por causa daquele sorriso enigmático dele - diz alguém da roda.

- Exatamente, um sorriso idiota; prestava atenção nas conversas e não falava nada, só sorria; podia ser até notícia ruim. Aliás, era só notícia ruim: prisão, cassação. Mesmo assim, ele parecia achar graça. Um escárnio. Se alguém lhe dirigia o olhar, mostrava ainda mais os dentes. Pensem bem: nunca opinava, nunca se soube o que ele pensava daquilo tudo. Mas ele estava sempre ali, ouvindo. Como é que não se ia desconfiar de um cara assim?

Silêncio. Ninguém diz nada. Passam-se cinco segundos, dez. O homem alto volta a falar.

- Também nunca se soube de onde ele veio. Vocês estão dizendo que ele foi internado em Santos, que a família é de lá. Mas para nós, naquele tempo, ele era um cara sem passado, sem referências. É verdade que nunca perguntamos diretamente. Mas quando os rumores começaram, tentamos mapear, investigar um pouco aqui e ali. Nem o Mário, que dividia o alojamento com ele, sabia de onde ele era, em que cidade tinha nascido, quem eram os pais dele. Era um tipo soturno, não tinha amigos, não tinha mulher. Tirando o Nestor, quem andava com ele? Ninguém. E o Nestor era mais um parceiro de pesquisa do que propriamente amigo.

- O que o Nestor dizia dele? - pergunta alguém.
- Que ele era mais um esquisitão, dos tantos gênios e disléxicos que pululam aqui na física, e que ele era crânio em analítica.
- Então quem foi que lançou a suspeita?
- Eu sei lá quem foi! Pode ter sido qualquer um de vocês. Eu é que não fui. Nem eu nem o Nestor. Alguém o teria visto entrando na sala do tal de Vítor, o cara do sni que se instalou na reitoria. Ou saindo da sala. E daí? Ele pode ter entrado na sala errada ou pode ter sido chamado por algum motivo justificável. Ou pode nem ter sido ele, a informação não era categórica. Foi assim que começou: como um rumor Mas o motivo mesmo foi o sorriso bobo. Foi como se, de repente, o rumor explicasse o sorriso que até então ninguém conseguia entender. De repente tudo se encaixou: ele era um informante.

Alguém diz:

- O Nestor explicou que ele tinha medo de falar porque só entendia de ciência. E que o sorriso forçado dele era uma defesa quando o assunto era outro.

- E sempre era outro, não é mesmo? Ninguém fica discutindo ciência em rodinha de corredor; discute num seminário, e só as pessoas daquela área, não na hora do cafezinho.

- Demorou para ele perceber o gelo? - pergunta um rapaz da roda que parece mais jovem que os demais.

- Demorou. Até nisso ele era devagar. Ele foi se afastando aos poucos, até que passou a só conversar com o Nestor. Mesmo assim, pouco.

- O Mário disse que ele começou a beber. Primeiro, uns tragos à noite, depois de modo descontrolado. Então teve aquele episódio da convulsão e ele parou de beber; foi quando pediu a transferência.

- Uma perda, sem dúvida. Eu li os trabalhos dele, tem uma cabeça boa demais para ficar enfiado naquele campus avançado, no meio do nada.

- Tem, não; tinha... um esquizofrênico não tem uma cabeça, tem duas...

Novo silêncio. Continuam todos de pé, parecem petrificados. Passados quinze segundos de absoluto silêncio, o homem alto e grisalho volta a falar, agora em tom ainda mais peremptório.

- Já admiti que cometemos uma grande injustiça. Foi um comportamento de grupo, talvez nos tenha faltado maturidade, discernimento, ouvir melhor o Nestor. Mas a culpa mesmo foi da situação, do clima, do medo; a gente se fechava, cada grupinho era um gueto. E do sorriso cretino dele. Foi uma espécie de efeito colateral da ditadura. É como diz o filósofo: o homem e suas circunstâncias. O sorriso era do homem, o DNA da loucura também já estava nele e as circunstâncias foram da ditadura. E ponto final.

Passava da meia-noite quando o telefone tocou.

- Davi, aqui é o Sílvio. Estou ligando a esta hora porque o Alberto morreu.

O rabino mal pegara no sono.

- Que horror, o Alberto... Não é possível, ainda outro dia ele estava tão bem...

- Foi repentino.

- Acidente de carro?

- Não, câncer no fígado, descobriram há menos de um mês. Tão avançado que não deu tempo de operar, estourou antes de tentarem a cirurgia.

- Mas logo o Alberto, que quase não bebia, o grande Alberto Molina... tão forte...

- Os companheiros querem que você officie o sepultamento amanhã, às dez, no cemitério israelita do Butantã. Podemos contar com você?

- Claro, claro, estarei lá.

O rabino voltou a se deitar. Mas não conseguiu dormir. A mulher, de sono pesado, não despertara com o telefonema e ele não tinha com quem compartilhar o que sentia.

Cruzou os braços debaixo da nuca e se pôs a recordar, olhos abertos fitando o teto. O Alberto Molina sempre animado por alguma nova ideia, e sempre ideias grandes, alguma utopia. Da última vez que o vira, estava metido na busca da paz na Palestina, militava no movimento Paz Agora. Disse que se sentia de volta aos seus tempos de juventude comunista, de Conselho Mundial da Paz, quando conheceu Ilya Ehrenburg, Picasso, Neruda.

Súbito as recordações do rabino saltaram para as discussões no bar do Alemão. Ele defendendo a primazia do espírito sobre a razão, e o Alberto retrucando com a razão dialética. Ele propondo o autoconhecimento como pré-requisito para entender o mundo, o Alberto dizendo que o indivíduo não importa, que o sujeito da história não é uma pessoa, é uma classe, a classe operária. E quando ele dissera ao Alberto que o aparente sempre contém algo oculto, ele o acusou de ocultista, mas numa boa, rindo.

Nos oito anos em que militou no partido, Alberto fora seu companheiro mais chegado, o único que compreendia suas oscilações de ânimo, seus “achaques obscurantistas”, como ele dizia, brincando. Alberto se divertia

com suas comparações entre a cabala e o marxismo. Também era o único dirigente que conhecia um pouco de sua história familiar.

O Alberto sabia que ele herdara a paixão pela cabala do avô, a figura dominante da família. As ideias socialistas vieram depois, do pai. A cabala é um sistema de perguntas, ele dizia a Alberto, ao passo que o materialismo histórico já tem todas as respostas. E provocava: onde é que está o dogma? Na cabala ou no marxismo? Alberto, que era formado em filosofia, apenas sorria.

E quando ele foi preso, torturado e depois condenado a quatro anos de prisão, quem o visitou na cadeia? O Alberto, arriscando ser reconhecido, contrariando as normas de segurança do partido. E sua mãe, claro. O partido o censurara por ter se metido com o pessoal da luta armada. A resolução do comitê central havia sido clara, mas o Alberto, mesmo sendo da direção, fora vê-lo mais de uma vez na cadeia, levando cigarros e livros. Ele nunca disse ao Alberto que foi na cadeia que recebeu a visita de Deus. Foi o cárcere que decidiu entre a cabala e o marxismo, não o bar do Alemão.

Depois de se afastar do partido, mantiveram contato. Alberto era solteiro, quase sem família, sempre tinha tempo para um papo. Os pais dele vieram da Turquia para o Brasil lá pelos 1900 e pico, e já haviam morrido. E o cara descobre um câncer e não fala nada, decerto para não afligi-lo. Típico do grande Alberto Molina.

Lembrou-se então do último encontro deles, assim que voltara dos estudos rabínicos no Brooklin. Lá mesmo, no bar do Alemão. Encontro de amigos, sem cobranças, o Alberto querendo saber como era aquilo de ser rabino. Nesse dia lembraram o exame a que o próprio Alberto o submetera, para ele ser aceito no partido: a última pergunta fora se ele acreditava em Deus, e ele, um rapazinho, engolindo em seco, respondera sem convicção que era agnóstico.

Alberto havia perguntado se sua conversão rabínica tinha sido resultado de uma crise ideológica, do vazio depois da queda do muro, e ele explicara que não, que mantinha suas convicções. Não havia abandonado a esperança no advento do socialismo; havia abandonado seus dogmas, isso sim. Foi quando revelou seu entusiasmo pelo Joshua, o rabino que o acolhera no Brooklin. O sujeito propugna o socialismo, apoia os movimentos sociais e sai às ruas em protesto contra a guerra do Vietnã, lembra de ter dito a Alberto, que ainda comentara: se os católicos têm o Casaldáliga, vocês podem ter esse tal de Joshua, por que não?

E assim, imerso em reminiscências, o rabino finalmente adormeceu.

Na manhã seguinte, às oito e meia, estava no cemitério. O rito da tahará, a purificação do corpo, havia terminado. As pessoas se moviam inquietas,

sem saber o que fazer, entre a sala onde estava exposto o corpo do dirigente comunista e o corredor do velório. Havia muita gente do partido, alguns dos quais ele conhecia: o Marco Aurélio, a Rosa, o Vladmir, dirigentes importantes. Os familiares de Alberto eram poucos: o irmão, a cunhada e dois sobrinhos. Devido aos longos anos de clandestinidade, Alberto fizera poucos amigos fora do partido; o rabino reconheceu alguns antigos colegas do Sholem, o colégio judaico.

Os comunistas não escondiam o desconforto com o rito religioso. Ainda mais dirigido a alguém como Alberto, que costumava se declarar “comunista até a alma”. E aquela coisa de ter que cobrir a cabeça com uma rodelinha de pano? O rabino via na ironia da situação mais uma prova de que há sempre algo oculto no que é aparente: o sujeito se proclama ateu e materialista a vida toda, mas ao morrer é para um cemitério judaico que o levam. Passa pelo rito da tahará e é encomendado a Deus com o kadish, a milenar oração judaica pelos mortos.

Começa o cortejo. Um carro fúnebre transporta o caixão até a quadra designada, não muito distante. Todos seguem a pé em pequenos grupos. Logo o caixão é baixado à cova. O rito judaico de sepultamento é breve, como se houvesse urgência em acatar o destino. Tudo se resume e se concentra no kadish.

À medida que o irmão de Alberto, ajudado pelo rabino, lê a prece em hebraico, lentamente, com muita dificuldade e engolindo sílabas, cresce o desconforto dos dirigentes comunistas. Alguns se mantêm de cabeça baixa, em um silêncio constrangido, outros se afastam, como se não quisessem ouvir a reza. Os mais impacientes se distraem fitando com certa insolência o céu ou a paisagem distante.

O rabino a tudo observa. Não vai permitir tamanha desconsideração com o companheiro Alberto Molina, dirigente do partido, seu melhor amigo antes e depois da conversão. Toma uma decisão.

Assim que termina o kadish, começa a cantar em tom firme e sereno o primeiro verso da “Internacional”, o hino do movimento comunista.

De pé, ó vítimas da fome, de pé, famélicos da terra!

Os comunistas se retesam, surpreendidos. Aos poucos, outras vozes se juntam à do rabino, primeiro Marco Aurélio, depois Rosa entoam solenes, respeitosa, os versos seguintes.

Da ideia a chama já consome, a crosta bruta que a soterra...

Agora todos cantam, convictos e firmes:

Se nada somos neste mundo,

Bem unidos travemos

Nossa batalha final...

Só então o rabino percebe que, por trás de seu aparente triunfalismo, a

“Internacional” é perfeitamente adequada a um sepultamento, ao falar que nada somos neste mundo, ao falar de uma luta final, ao falar de uma libertação final. A morte não deixa de ser uma libertação final.

Terminado o hino, o grupo se dissolve, todos caminham para seus carros, já não indiferentes, e sim comovidos. Foi uma cerimônia bonita. Uma bela homenagem ao Molina, comentam os dirigentes comunistas.

Ele detestava viajar de ônibus porque suas pernas não cabiam entre os assentos e, de pé, tinha que curvar a cabeça para não bater no teto. Nos cinemas, escolhia a última fileira para não atrapalhar ninguém. Fora essas situações, sua altura desmesurada sempre o beneficiou. Ainda criança, era tão alto que nenhum amiguinho se atrevia a desafiá-lo. Com dez anos, media um metro e sessenta e ganhou o apelido de Pernalonga. Todos os moleques da rua queriam ser seus amigos. E ele foi se agigantando. Com catorze anos virou goleiro festejado no time juvenil; dificilmente a bola entrava. Alcançava então um metro e oitenta e passou a ser chamado de King Kong. Não que fosse feio, e sim por sua compleição. Além de taludo, tinha garbo e cabelos encaracolados. As garotas o disputavam. Foi quando passou a encomendar roupas de alfaiates, tornando-se também muito elegante – antes, bastava comprar roupas de tamanhos grandes.

Com dezoito anos, tornou-se estrela do time de basquete. Não precisava atirar a bola para encestar, bastava erguê-la com a mão. Tinha então dois metros e oito centímetros de altura, e ganhou novo apelido: Golias. Ainda crescería um pouco, atingindo dois metros e treze centímetros, sua altura de adulto. Já então, cursava engenharia eletrônica. Trocava muito de namorada, todas tão mais baixas que provocavam risos quando saíam de mãos dadas, mais parecendo pai e filha. Até encontrar Regiane, mulher robusta por quem se apaixonou e que o levou para uma organização política clandestina. Lá, ele se destacou por seu talento organizacional.

Tempos depois, foi escalado para um comando de ação criado para assaltar bancos com o objetivo de financiar a luta contra a ditadura. Regiane afastou-se por discordar desse método. Discutiram. Ela o alertou. Era insensatez colocar alguém tão alto, tão fácil de identificar, num grupo de ação. Ele teimou. O namoro acabou. Regiane foi profética: no segundo assalto, os serviços secretos o singularizaram por sua altura anormal e em poucos dias os informantes infiltrados na universidade já sabiam quem era aquele homem muito alto.

Começou, então, a caça impiedosa ao Jamanta, codinome dado a ele pelos serviços secretos, e a etapa de sua vida em que ele amaldiçoou seu tamanho. Antes mesmo de cair prisioneiro da repressão, tornou-se prisioneiro do próprio corpo. Outros membros da organização podiam usar disfarces, deixar crescer a barba ou o bigode, ou fazer o contrário, ou mesmo tingir o cabelo, mas com ele nada disso adiantava: a altura fora do

comum o entregava. Também não podia se valer dos esquemas de fuga para o exterior com papéis falsos porque seus dois metros e treze centímetros o denunciariam em qualquer aeroporto ou posto de fronteira. A organização possuía esconderijos, casas e apartamentos alugados em diversas cidades, ele podia ficar num deles, mas se precisasse se transferir para outro, como acontecia tantas vezes, perigava ser preso. Bastava pôr os pés na rua. Estava antecipadamente condenado. Cair era apenas questão de tempo.

E assim aconteceu: foi preso num subúrbio do Rio de Janeiro, ao sair para comprar cigarros. Levado a julgamento em São Paulo, foi condenado a dezessete anos de cadeia, uma das penas mais longas para casos como o dele, em que não houve mortes nem feridos. Uma pena tão descomunal quanto sua altura.

À Sue

- Você diz que foram os melhores anos da tua vida... pra mim foram os piores.

- É que eu nunca trepei tanto, nem antes nem depois.

- Foi a pílula, lembra? A bendita pílula derrubou o tabu da virgindade.

- Mas o casarão facilitava.

- E como...

Ambos riram. Havia trombado na saída do cinema. Fazia vinte anos que não se viam. Ou mais. Mal se reconheceram. Abraçados, entraram no primeiro boteco com mesa, sentaram e pediram uma Original. Era uma tarde de sábado. Não tinham pressa. Puseram-se a recordar.

- Você sempre filosofando, buscando a explicação sociológica. Pois eu acho que não foi a pílula coisa nenhuma, foi a merda da ditadura, não saber o que ia acontecer no dia seguinte. É como na guerra. Aproveitar enquanto está vivo.

- Pode ser, uma coisa não exclui a outra.

E riram de novo.

Observavam-se mutuamente.

- Por que você disse que foram os piores anos?

- Acho que isso eu elaborei depois, por causa de tudo o que aconteceu.

- Você pensa demais, sempre pensou demais.

- Penso nas loucuras que fazíamos...

- Hoje parece loucura, mas naquela época era a coisa mais natural do mundo. Que outra coisa se podia fazer?

- Quando eu penso no Jair saindo com uma maletinha na mão pro ponto que ia levar ele ao Che...

- Essa maletinha na mão você também elaborou depois, porque ele saiu sem nada.

- Ele tinha escondido a maletinha do lado de fora, a memória está te traindo.

- Pode ser. Lembro que eu e a Malu estávamos no maior amasso. Ele disse que ia comprar cigarros e nós nem demos bola.

- Eu sabia que ele tinha aquele ponto.

- Será que você sabia mesmo? Ou ficou sabendo depois? Você, com toda a tua filosofia, sempre foi o ingênuo do casarão.

- Por que você diz isso?
- Por tudo. Começa que você achou que a ideia do casarão era só pra dividir o aluguel.
- E não era?
- Nada disso. Desde o começo o Zé Eduardo e o Jair escolheram o casarão de caso pensado. Encoberto por aquele matagal, num canto do bairro sem trânsito, sem ninguém nas ruas.
- Bem que eu não gostei do lugar. Preferia uma casa menor, colada numa padaria ou num mercadinho.
- Você só concordou porque o aluguel era uma mixaria.
- E porque estavam pra estourar o apê da Maria Antônia. Achei que não tinha dado tempo pro Zé Eduardo encontrar um lugar melhor.
- Ingenuidade tua. Ele estava de olho no casarão fazia tempo. Era herança de um colega dele do colégio, um playboy que vivia na Europa torrando o dinheiro do pai.
- A minha ingenuidade era defesa. Eu nunca sabia quem era de uma organização, quem era de outra. Outra defesa era a camiseta de jornalista.
- Você e a Brenda.
- É verdade, e a Brenda também era uma ingênua. Mais ainda do que eu.
- É que além de jornalista ela tinha cidadania britânica. Dava a ela uma sensação de segurança que a gente não tinha.
- Ah, a Brenda... saudades da Brenda.
- Puta mulher, não teve um que não caiu por ela.
- Eu, não. Mulher bonita demais me intimida. Ainda mais do tipo da Brenda, com aquele corpo de Vênus de Milo.
- Não vai me dizer que você viu a Brenda pelada!
- Acho que até vi, uma ou duas vezes; do jeito que a gente vivia no casarão, não dava pra não ver. Mas não é isso, falei da Vênus de Milo como metáfora.
- Também foi de caso pensado que o Zé Eduardo trouxe a Brenda. Disse que era bom ter uma jornalista estrangeira, dava segurança. Ainda mais que ela era ligada nos direitos humanos.
- Eu não queria por causa da Mary.
- Eu também não. Criança chorando é um saco.
- O Zé insistiu tanto que eu achei que ele tinha um caso com ela.
- Claro que não, porra, como você era desligado. Começa que a Brenda e o Richard eram casados, tinham a filhinha. O caso do Zé era com a Maria Aparecida.
- Você quer dizer a Mazé?
- Ela mesma.

- Por falar em criança, e aquela argentina apavorada que apareceu com uma criança, sem dinheiro, sem roupa, sem nada?

- A bela Dolores, que a Brenda encontrou no consulado britânico. Muito gostosa ela.

- Lembro que nenhuma delas tinha documento.

- E a menininha só berrava, estava histérica.

- A Brenda disse que ela tinha ficado dois dias num quarto com três montoneros mortos, e um deles era o pai dela, a casa toda cercada.

- Você acreditou nessa história?

- Acreditei quando a Dolores tentou se matar.

- Isso foi uma semana depois.

- Como é que foi mesmo?

- Eu estava sozinho no quarto de cima. A Brenda tinha saído pra tentar de novo arrumar algum documento para a mulher e a filha. De repente ouvi os gritos. Era a Brenda, que tinha voltado e encontrado a Dolores nua, caída na escada, sangue escorrendo dos punhos, a menina berrando. Ficamos apavorados. Imagina se a mulher morre no casarão? Fodia com tudo.

- E depois?

- O Zé Eduardo trouxe aquele médico amigo dele. O cara fez uns curativos no punho dela e tascou uma injeção de calmante que derrubou a mulher. Mas ela só sossegou mesmo quando a Brenda veio com os documentos. Eu até fiquei com ela um tempo. Em estado normal era uma mulher carinhosa.

- Você soube como a Brenda conseguiu os documentos?

- Não. A Brenda conseguia tudo. A Brenda era foda.

- E quando ela cismou de fazer aquela reportagem sobre os quilombos da Amazônia, lembra?

- Claro que lembro. Foi outra ideia louca dela no meio daquela situação, mais de cinco mil soldados em Marabá. Tinha que ser presa mesmo.

- E a gente não sabia de quase nada.

- Você é que não sabia. O Zé Eduardo sabia. Eu sabia.

- Só soltaram a Brenda quando o embaixador inglês garantiu que ela era da bbc.

- Imagine o perigo se viessem até o casarão. O Zé Eduardo não deu chance, caiu fora ele mais a Malu, e só voltou depois que a Brenda telefonou de novo.

- Teve um outro cara que também precisou sair, um que ficou só uns dias, acho que era ex-VPR.

- Era o Pedro Japa, ficou mais de um mês. Outro dia encontrei o Pedro. É professor de filosofia no colegial.

- Logo depois a Bia veio do Chile, a prima do Zé Eduardo.
- Outra que voltou às pressas, sem saber se podia desembarcar ou não.
- Mulher forte, a Bia.
- E gostosa. Corpo de violão. Boa de cama, liberada.
- Você fala como se ela fosse promíscua.
- Nada disso, maior respeito.
- A Bia é a que escapou de ser presa no aeroporto de Santiago porque no último minuto entrou em pânico e cancelou a reserva?
- Ela mesma. Os esbirros estavam no portão de embarque. Veio na semana seguinte num voo complicado, via Buenos Aires.
- Lembro que ela chegou muito nervosa.
- Isso mesmo. Estava à beira de um colapso. Eu é que acalmei a Bia. Fiquei umas duas horas segurando as mãos dela sem falar nada. Depois acarinhei ela um tempão. No dia seguinte, trepamos. A cura pelo sexo, esse é meu método.
- Lá vem você de novo, fazendo o gênero obsceno, fescenino. Até parece que você transava com todas elas.
- Todas não, com algumas.
- Os dois riram de novo.
- Naquela altura a Brenda já conhecia as bocas de fumo e começamos o ritual da pinguinha e do baseado. É por essas que eu digo que foram os melhores anos da minha vida.
- Era pra organizar a rotina, conferir se tinha alguma notícia ruim, se tinha alguma coisa pra fazer.
- Puro pretexto, meu velho, o que interessava mesmo era a curtição. Ainda bem. A Baixinha também trazia um baseado de vez em quando.
- A Baixinha é aquela que veio pra ficar só uns dias, mas foi ficando, ficando, e depois virou permanente?
- Inês era o nome dela. Outra muito louca. Mal chegou, começou a filmar as idas e vindas de um cônsul que os caras queriam sequestrar pra trocar por presos políticos.
- Lembro que por uns tempos ela ficou no quartinho da empregada, queria ficar isolada.
- Essa é a parte que eu não gostava no casarão, isso de não ter empregada. Rodízio pra faxina, rodízio pra lavar pratos. Uma geladeira só, nenhuma televisão.
- Mas tinha três aparelhos de som. A gente era contra novela de televisão, lembra?
- Contra tudo, contra o consumo, contra o capitalismo. As prateleiras dos livros, montamos nós mesmos, com tábuas abandonadas e caixas de pinho.

- Lembra do Aristides?
- Ele foi o último dos permanentes. Um cara atarracado.
- Exato, tinha vindo de Belém do Pará pra trabalhar no jornal. Foi ele que trouxe o violão. Também ensinou a Baixinha a preparar maniçoba.
- A essa altura eu achava que já tinha gente demais no casarão. Mas o Zé Eduardo disse que o Aristides não tinha onde morar, que era só por uns dias. Garantiu que ele só ficaria se todos fossem com a cara dele.
- Era a regra, mas o fato é que o Aristides já veio de Belém com tudo acertado pra ficar no casarão. Ele era do grupo do Zé Eduardo.
- Outra ingenuidade minha.
- Tinha muito entra e sai, lembra? Caras que ficavam só um dia ou dois.
- Aqueles argentinos assustados, que iam pra Cuba e pra Nicarágua.
- Esta era outra regra: a pessoa podia ficar até no máximo uma semana.
- Em nome da solidariedade.
- E haja solidariedade.
- Eu fazia aquele controle, lembra? Com risquinhos. Um dia desses fui olhar. Adivinhe quantos passaram pelo casarão naqueles sete anos?
- Sei lá, uns cinquenta?
- Quase o dobro disso. Exatamente noventa e duas pessoas, além dos permanentes.
- Lembra do casal de velhos que vieram do interior visitar o filho preso e não tinham onde pernoitar?
- Lembro.
- Passamos semanas rindo dos velhos. Ficaram alojados no quartinho da Inês, que tinha banheiro ao lado.
- A essa altura a Inês dormia mais comigo do que no quartinho dela.
- Lá vem você de novo.
- A Inês tinha esquecido de retirar aquele pôster dos dois rinocerontes trepando, com o bordão faça amor, não faça guerra. Os velhos levaram um susto.
- Se é que eles entenderam.
- Quando eles foram tomar banho é que o susto foi maior: o Zé Eduardo tinha deixado no varal do banheiro duas camisinhas recicladas, lavadas e salpicadas de talco, prontas pra usar, como era costume no casarão.
- A história das camisinhas ficou pra sempre.
- O nosso hino: ó camisinha por que estás tão triste? O que foi que te aconteceu?
- Estão na terceira Original.
- Agora cantam alto, em uníssono.
- Foi uma velha que me viu sozinha, sentiu tesão e desfaleceu... Oh camisinha, oh meu amor...

- Preciso mijar.

- Eu também.

Essaziadas as bexigas, voltam à mesa e às recordações do casarão.

- Do que eu mais sinto falta é das discussões políticas e das partidas de xadrez.

- E eu das trepadas.

- Lá vem você de novo.

- Verdade, cara. É que elas tinham alguma coisa de especial, um sabor de cumplicidade, uma espiritualidade. Sei lá, não sei definir.

- Lembra do dia em que apareceu aquele casal de argentinos apavorados, o Julio e a Vivian?

- Lembro. Eu nunca tinha visto portenhos tão calados. A maioria dos que passavam pelo casarão eram tagarelas, falavam até de intimidades que ninguém nem tinha perguntado. Mas esses dois não abriam a boca.

- O Julio era moreno bem escuro, de cabelos pretos lisos e barba rala, parecia mais peruano do que argentino, e a Vivian era uma loirona encorpada.

- O filho de quatro anos que eles tinham deixado com a tia em Tucuman e que ela pediu pra Brenda ir buscar... É disso que você está lembrando não é?

- Foi um choque. A gente já tinha visto de tudo no casarão, menos um pedido desse tipo.

- A Brenda ainda disse que o Richard viajava muito e que ela não podia deixar a Mary sozinha pra ir buscar o filho deles.

- E a Vivian desatou a chorar. Lembro que ela chorava baixinho, como quem não quer incomodar, mas aquele chorinho incomodava ainda mais.

- Você não acha que ela apelou? Aquilo de dizer que às vezes eles sequestravam os filhos ou ameaçavam maltratar a criança se os pais não se entregassem.

- Claro que apelou. Disse que eles podiam chegar ao endereço da tia a qualquer momento. Acho que foi isso que mexeu com a Brenda. E aí ela acabou topando.

- O pior é que levou a Mary junto.

- É como eu disse: fazíamos as maiores loucuras com a maior naturalidade.

- Mas depois valeu a pena. Lembra da festa quando a Brenda voltou com as crianças? Todo mundo se abraçando. Fizemos uma roda em volta da Brenda e ela contou as peripécias da viagem. Disse que o tempo todo pedia às crianças pra não abrirem a boca, pra que não desconfiassem que o Juan não era filho dela.

- Ela reclamou porque a Vivian não contou que o Juan tinha puxado o

pai. A Mary e ela loiras e ele escurinho.

- Mas as crianças se comportaram de modo admirável, deram-se as mãos como dois irmãozinhos e assim ficaram as catorze horas da viagem de trem e de ônibus.

- Lembro de ela contando que na estrada era uma barreira atrás da outra. Na última, subiu um soldado com um caderninho e começou a fazer perguntas e a anotar tudo. Ele só abordava os homens, mas demorava, e as crianças cada vez mais tensas e a Brenda sem saber o que fazer, dando biscoitinhos pra eles, e o ônibus parado, e o soldadinho parecia que não ia terminar nunca, escrevia com dificuldade.

- Igualzinho filme de terror.

- Por sorte, não abordaram a Brenda.

- A Vivian achou que eles procuravam alguma pessoa determinada, com certeza um homem.

- A Brenda disse que bastou sentar no avião em Foz do Iguaçu, a Mary desatou a chorar e não parou a viagem toda: berrava, berrava; era o desafogo depois de tanta tensão. O Juan manteve a boca fechada, num autocontrole impressionante.

- As crianças às vezes revelam mais sangue-frio e coragem do que os adultos.

- Naquela noite armamos uma puta festa, lembra? Enchemos a cara. Foi um desbunde.

- Você parece só recordar os bons momentos. O fim do casarão foi melancólico. A Brenda se separou do Richard e voltou pra Inglaterra com a Mary pra morar com a mãe.

- Eu lembro. A gota d'água foi ela ter ido pro Rio fotografar a filhinha de uma presa política que estava com a avó. Era pra acalmar a mãe, que estava meio louca na prisão, achando que o bebê tinha sido sequestrado pelos milicos.

- E você lembra se deu certo?

- Disseram que deu. Mas o Richard reclamou que ela pensava mais nos filhos dos outros do que na filhinha deles.

- Foi o começo do fim do casarão. A Brenda era o nosso superego, com a mania britânica dela de cada um cumprir o combinado e de não deixar que um invadisse a privacidade do outro.

- E sempre bem-humorada e com algum caso das suas viagens pra contar.

-A saída dela abalou toda a nossa estrutura de relacionamentos.

- Depois teve o racha no jornal.

- Desse racha eu lembro pouco.

- O Zé Eduardo descobriu que o Aristides estava dando uma de espião.

- Como assim?

- Ele assistia às reuniões do grupo do Zé Eduardo pra informar ao grupo adversário o que eles tinham discutido. O Zé se sentiu traído. Deu vinte e quatro horas pro Aristides sair do casarão.

- E o Richard, por fim, também voltou pra Inglaterra, pra ficar mais perto da filhinha.

- Eu também lembro que a Bia, com quem eu me dava melhor, entrou em depressão porque o pai reacionário continuou se recusando a falar com ela, mesmo depois de quase dois anos da sua volta do Chile. Muitas vezes flagrei a Bia chorando no quartinho de empregada.

- Ela não se internou?

- Isso foi depois, quando ela recebeu uma notícia ruim sobre uma amiga dela que tinha ficado no Chile. A mãe e um dos irmãos da Bia foram ao casarão e levaram ela embora. Depois disso, o Zé Eduardo decidiu entregar a chave da casa.

- Coincidiu com a decretação da anistia. Outros tempos, fim de uma era.

- Você sabe que outro dia, por acaso, eu passei em frente ao casarão?

- Não diga.

- Na verdade eu estava na avenida de cima, mas resolvi dar uma esticada até a alameda. Adivinha o que tem lá agora?

- Não faço ideia.

- Uma baita agência de propaganda. O jardim está todo aparado e florido. Bem diferente do matagal do nosso tempo, as paredes pintadas de acrílico.

- É curioso como um mesmo espaço pode ser palco de situações tão diferentes, conforme o momento histórico.

- E você sempre filosofando...

- Mas não é assim?

- Só sei que senti saudades, deu até um nó na garganta.

- Os melhores anos da tua vida.

- E foram mesmo. Nunca mais topei com tanta mulher legal. Além de bonitas, elas tinham personalidade.

- Acho que todos nós éramos melhores do que somos hoje, basta você ver os documentários da época. E mais bonitos...

- A Mazé, por exemplo, era de uma beleza rara. Lembra da Mazé?

- Não vá me dizer que você também teve um caso com a Mazé?

- Eu era vidrado nela, mas ela era do Zé Eduardo. O pessoal até chamava ela de Maria do Zé.

- Daí que veio o Mazé?

- Eu que inventei o Mazé. Achei melhor. Maria do Zé passava a ideia de propriedade. Além disso era uma ironia.

- Ironia por quê?
- Porque o Zé Eduardo raramente aparecia. Passava uma noite com a Mazé e sumia antes de amanhecer.
- Se eu bem me lembro, a Mazé engravidou do Zé Eduardo e depois houve algum problema.
- O problema foi que o grupo do Zé Eduardo proibia suas militantes de terem filhos. Mandaram a Mazé abortar, decisão do comando.
- Você sabe que esse tipo de assunto nunca me agradou. Acho que por isso vocês evitavam comentar na minha frente.
- O que aconteceu foi que a Mazé não acatou a ordem, disse que não pertencia à organização, que nunca tinha pertencido, por isso não precisava se submeter. Então insinuaram que o Zé Eduardo engravidou a Mazé de propósito, pra abandonar a luta.
- Tiveram a coragem de fazer isso com o Zé Eduardo? Custa a acreditar.
- Pois acredite. Eu mesmo ouvi isso de alguns dirigentes. O Zé Eduardo, indignado, forçou a Mazé a abortar.
- E ela obedeceu?
- Obedeceu.
- Caramba. Aposto que os dois se arrependeram.
- E muito. A Mazé nunca se recuperou. Até hoje sofre de enxaquecas diárias. Encontrei com ela algumas vezes. Mas esse assunto é tabu. Nunca se fala disso.
- De tudo o que aconteceu no casarão, o que ficou mais fundo na minha memória foi o Jair sair dizendo que ia comprar cigarros e nunca mais voltar.
- Nunca soubemos o que aconteceu.
- Nada?
- Nada.
- Os dois suspiram e parecem não ter mais o que dizer. Bebem aos poucos o resto da quarta Original. Pedem a conta e racham as despesas. Tudo devagar; estão meio inebriados.
- Você vai pra onde?
- Vou pegar o metrô pro centro.
- Te acompanho até a estação. Eu pego o metro pro bairro.
- Caminharam abraçados até o metrô e lá se separaram. Nenhum deles lembrou de perguntar se o outro estava bem de saúde, se tinha se casado ou não, se tinha filhos, o que andava fazendo da vida.

Alguma coisa está errada, tem alguma coisa errada, alguma coisa está errada, tem alguma coisa errada... Júlio repete o refrão a si mesmo a cada passo rumo a sua casa, como se quisesse se convencer da veracidade do que está dizendo, ou como se a reiteração cadenciada pudesse explicar o que está errado.

Mais um dia sem resposta. E pensar que foi o primeiro aluno da turma a receber oferta de emprego. Duas de uma vez. Uma da faculdade, outra do jornal. Teve que consultar o tio para se decidir. De repente, ninguém na faculdade conseguia localizar o professor Ernesto. O jornal deixou-o pendurado na linha mais uma vez, até que a ligação caiu. Amanhã completa um mês de espera... alguma coisa está errada, tem alguma coisa errada... ele volta ao refrão.

Júlio se formou com a nota máxima. O seu trabalho final causou sensação: uma reportagem investigativa que expôs a corrupção no Detran de Porto Alegre. Virou celebridade. A tevê gaúcha falou dele: um talento, um caso raro de vocação, de precocidade, disse o apresentador. É isso mesmo, Júlio lembra que com doze anos já escrevia em jornalzinho de estudante. Nunca mais parou.

Quando não sabe decidir, procura o tio Nunes. Não confia no pai nem nos outros tios, todos reacionários. Ao pai, só disse que recebeu dois convites para trabalhar, sem dar detalhes. O pai é advogado dos ricos, dos estancieiros e do Banco da Província. Só o tio Nunes, dos irmãos Saraiva de Carvalho, aderiu ao movimento pela legalidade lançado pelo governador Brizola para garantir a posse de Jango. Júlio mergulhou na campanha, percorreu os ônibus distribuindo os informes. O pai fechou com os antibrizolistas. Dois anos depois, o pai apoiou com entusiasmo o golpe militar. Foi quando pararam de se falar. O pai também não esconde seu desgosto com ele, “a nossa rês desgarrada”, diz. Não entende como o pai pode admirar heróis gaúchos – a ponto de ter dado o nome de Júlio ao filho em homenagem à República Juliana – e ao mesmo tempo fechar com os golpistas. Por um instante o pensamento de Júlio se desvia para o costume de batizar os filhos com nome de gente famosa. Nem bem se começa a viver e já se tem um problema de identidade.

Logo Júlio volta a refletir sobre o que o intriga. Alguma coisa está errada, tem alguma coisa errada. Será que na faculdade ficaram sabendo da oferta do jornal? Ou será que no jornal é que ficaram sabendo da oferta da faculdade? Foi o tio quem sugeriu acumular o jornal com um tempo parcial

na universidade; ele achou uma boa ideia. Seria pesado, mas compatível. Repórter só pega no batente na parte da tarde. O jornal lhe daria experiência, a universidade lhe daria prestígio, dissera o tio. Mandou uma papelada para a faculdade e outra para o jornal. Só depois disse ao pai, na mesa do jantar, que havia decidido combinar dois empregos, dando a explicação recebida do tio Nunes. O pai o ouviu em silêncio. Um grande avanço. Em outras ocasiões, teria interrompido e acusado o tio de irresponsável. Pelo jeito, pensou Júlio, ele concordou com o tio. Afinal, o trabalho era um valor fundamental para os Saraiva de Carvalho, e o saber universitário também, ambos sobrepujados apenas pelo culto à valentia gauchesca. Um Saraiva de Carvalho não engole desaforo, o pai sempre diz. Alguma coisa está errada, tem alguma coisa errada... Júlio continua encucado quando chega ao portão de casa.

À mesa do jantar, em que se tratam os assuntos sérios da família, Júlio expõe sua preocupação: entrou areia nos convites de trabalho que recebeu, diz. Nos dois. Estranho. Alguma coisa está errada. O pai, como da outra vez, ouve em silêncio, mas Júlio percebe que ele presta atenção e anota algo na caderneta que sempre leva no bolso de trás da calça.

Uma semana depois, de novo à mesa, a família reunida, o pai, antes da sobremesa, pigarreia. É o aviso de que vai falar.

- Júlio, meu filho, escute bem, eu procurei meus amigos do Governo, falei também com aquele delegado do Dops que uma vez eu livre de uma acusação infundada de prevaricação, não sei se você se lembra, e falei com o vice-reitor da universidade, que foi meu colega de chapa na campanha para a presidência da Ordem dos Advogados. O caso é o seguinte: você devia ter incluído na documentação um atestado de bons antecedentes. Como você fez o desaforo de ignorar essa exigência, eles foram se informar na polícia e viram a tua ficha com essas bobagens todas de estudante.

Pronto, lá vem a discussão de sempre, pensou Júlio. Ficou quieto, retesado, disposto a abandonar a mesa, o que constituiria grave infração da ordem familiar. Não mandou o atestado de propósito, por princípio, e porque sabia muito bem que ia vir um metro de papel com o registro de todas as vezes em que foi pego em passeatas.

O pai pigarreia de novo, sinal de que não tinha terminado.

- Acertei com eles de você escrever uma carta de próprio punho e assinada, declarando que não é esquerdista nem comunista, que repudia essas coisas todas. É uma espécie de retratação por não ter enviado o atestado. Você escreve essa carta e entrega a eles. Se quiser eu mesmo entrego, e está tudo resolvido.

Júlio sente o sangue lhe subir à face. Dá um murro na mesa, que chacoalha pratos e talheres, e diz:

- Essa carta, esses filhos da puta nunca vão ter.

A mãe e os dois irmãos encolhem-se nas cadeiras. Jamais um dos filhos soltara um palavrão na frente do pai.

Faz-se um silêncio pesado. De fisionomia crispada, o velho Saraiva de Carvalho pousa lentamente os braços na mesa e larga os talheres. Passam-se alguns segundos. Então sua fisionomia aos poucos se abrandando e a cabeça se inclina, como que se rendendo ao inevitável. E de cabeça ainda baixa, num tom que mistura orgulho e tristeza, ele diz, categórico:

- Muito bem, meu filho. De um Saraiva de Carvalho eu não esperava outra coisa.

Ao Ottoni Fernandes Filho

1.

- Meu filho, rezei tanto pra você não ser preso.

Era sua primeira visita ao filho tão querido e único, encarcerado havia um mês. Maltratado, mas inteiro de corpo, ele minimizou as manchas arroxeadas: já estão sumindo, ficaram do interrogatório. E escondeu seus medos todos, a solidão, o estar indefeso à mercê dos algozes. Preferia pensar no melhor; ia correr processo, então já não podiam sumir com ele. Melhor dizendo, sempre podiam, fizeram com alguns, inventando que tentaram escapar, mas era complicado, a mãe o estava visitando, muita gente o vira vivo e inteiro na passagem pelas celas. Lá fora ele vivia apavorado, sempre fugindo, trocando de esconderijo, escapando de raspão; nem era mais ele, nas ruas caminhava cabisbaixo, tão escondido de si mesmo que por vezes o abordaram, perguntando se estava passando mal. A prisão pusera fim ao terror permanente; também não precisava encarar ações, cobrir pontos. Era um preso político. Tinha status de preso político. Tinha advogado. Tudo somado, preso estava menos pior. Embora o coletivo exaltasse a resistência mesmo dentro da cadeia, no íntimo ele sabia que para ele tinha acabado; era o fim de um capítulo pesado de sua vida. Disse à mãe que estava bem, para não se preocupar, trazer cigarros na próxima visita.

2.

- Meu filho, eu rezo tanto pra te soltarem logo.

Fora condenado a dezessete anos, pena desproporcional se comparada à de outros, pegos com arma na mão. A mãe inconformada demandou redução; o filho não cometeu violência. Ficar quase vinte anos na cadeia é uma vida que não se recupera. Ele já cumprira dois anos. Quem sabe com outro advogado - e com as rezas - ela conseguisse redução para dez anos, ou talvez cinco. Aí ele sairia a tempo de retomar a faculdade, viver, casar, ter filhos.

O filho comporta-se; aderiu à greve de fome porque era de todos e vital. Também participa do coletivo, assiste às aulas de história e retribui ensinando física, que cursou até o terceiro ano; compartilha as comidas trazidas pela mãe. Mas evita contrabandear bilhetinhos e não debocha dos carcereiros; um preso político duplamente exemplar, para os companheiros e para a chefia do presídio. A prisão amadurece célere. A única coisa ruim de tudo, muito ruim mesmo, era a falta de mulher; suplício pior que os interrogatórios, porque humilhante e permanente. Disse à mãe que estava bem, mas precisava muito da redução de pena.

3.

Aquela era a sua primeira visita depois que sequestraram o cônsul da Suíça, exigindo a libertação de trinta presos políticos. Durante o rebuliço na cadeia, com a expectativa de quem entraria na lista e de quem não entraria, suspenderam as visitas.

O filho já estava preso havia três anos. Embora não fosse do grupo que sequestrara o cônsul, deram como certa sua inclusão na lista devido à enormidade de sua pena. Os trinta felizardos seriam enviados para a Argélia, e proibidos de voltar ao Brasil.

Fora o quarto sequestro para libertar presos políticos. A mãe, que acompanhava, zelosa, tudo o que saía nos jornais sobre a ditadura e os presos políticos, inclusive os artigos do Alceu Amoroso Lima, compusera uma lista dos que haviam sido libertados daquela forma. Depois, no passar dos meses, foi marcando com a cruz da morte os nomes dos que haviam regressado clandestinamente e apareciam nos jornais como desaparecidos, ou atropelados, ou atingidos em confronto. Trinta e duas cruzes. Era como se os militares já os estivessem esperando, tocaiados para vingar a humilhação que lhes havia sido imposta.

Ele disse à mãe que chegaram a incluí-lo na lista dos que seriam soltos em troca do suíço, mas depois deram preferência a um companheiro muito idoso. Estou bem, ele disse à mãe, como sempre dizia.

- Graças ao bom Deus, meu filho. Eu rezei tanto pra você não ser solto.

Subiu os degraus devagar, um a um, já preocupada com a volta, quando teria que descer e sentiria as agulhadas no joelho direito. Dez anos haviam passado. O tique nervoso na sobrancelha esquerda, reflexo condicionado das cacetadas, sumira com dois anos de divã, mas a lesão no tendão, de quando a penduraram no pau de arara ficou para sempre. Se soubesse da escadaria, não teria vindo.

A tal prima insistira muito. Apresentara-se ao telefone como filha única do irmão do seu pai, prima direta. Um absurdo não se conhecerem. Fazia questão absoluta de se encontrarem.

Ao saber que a prima também ficara viúva e que tinham quase a mesma idade, acedeu. Seria bom trocar ideias. E saber mais da família do pai. Ele nunca mencionou essa sua sobrinha; do próprio irmão falava pouco. Marcou para o dia seguinte. Era distante, no Jardim Tremembé.

Dirigiu direto da Pinacoteca, assim que terminou de montar a exposição da qual era curadora. Deixou-se conduzir pelo GPS. Surpreendeu-se ao chegar. O endereço era o de um palacete erguido na parte elevada de uma alameda tomada por chácaras. Estava circundado por um muro tão alto que mais parecia uma fortaleza. Ao toque da campainha, o portão abriu-se automaticamente, expondo a longa escada em diagonal.

Foi recebida no topo com um abraço efusivo. Então você é a Nair? Por que será que nossos pais nunca se encontravam? Devia ser briga de irmãos, mas nós não temos nada com isso, não é mesmo? Se não fosse a pesquisa na internet, eu nem ia saber de você. Venha, vou mostrar a casa. Depois a gente conversa com calma. Parecia se orgulhar do casarão.

- Quando o Oswaldo morreu, ficou tudo tão grande, tão vazio. O Oswaldo é meu falecido marido, que Deus o tenha.

Falava e ao mesmo tempo a empurrava casa adentro. A sala tinha móveis pesados e em excesso. Por todas as superfícies, espalhavam-se bibelôs de vidro e cerâmica, bonequinhas de plástico e jarras decorativas. Também havia muitas fotos de casamento em molduras brilhantes.

Nossa personagem nunca tinha visto tanto kitsch. *Nouveaux riches*, pensou. O canto era tomado por um pomposo bar de pseudojacarandá, com balcão de plástico marmorizado e prateleiras repletas de taças de vidro imitando cristal. Na passagem para a copa, pratos decorativos de louça pintados de ouro falso e carmesim pendiam da parede.

Os fundos abriam para um gramado seguido de um pomar. Viam-se abacateiros, uma mangueira gigante e bananeiras, muitas bananeiras. A

cozinha era ampla. No centro, um fogão a lenha fora de uso, de alvenaria e cimentado vermelho, servia de suporte a uma montagem inusitada, que nossa personagem achou muito bonita e original. Parecia uma instalação de arte antropofágica. Finalmente uma obra de bom gosto, pensou.

A peça era composta de cachos de banana carnudos e abundantes envolvendo um longo vergalhão de madeira envelhecida, erguido como um totem. Os bagos de banana iam do verde profundo ao dourado voluptuoso, passando pelo amarelo-ouro, o laranja, o marrom, um completo arco-íris tropicalista.

Curiosa, ela perguntou:

- E essa coisa tão bonita, o que é?

- São pencas de banana que eu deixo aí pra madurar.

- E aquela haste no meio?

- É lembrança do meu marido; é o pau de arara que o Oswaldo ganhou dos colegas quando se aposentou da polícia.

Ela sentiu um frio subindo pela barriga e logo o beliscar pesado dos tiques na sobrancelha.

Era um rapaz magro, de rosto chupado e miúdo, do qual só se viam o nariz, a boca e parte dos olhos, porque estava sempre encoberto por mechas de cabelo grossas, longas e um tanto ensebadas que lhe caíam testa abaixo. Devia ter vinte e poucos anos. Chamava-se Patrick. Por causa da cabeleira desgrenhada e da barba por fazer, que a ela se misturava, Patrick dava a impressão de que não lavara o rosto de manhã nem se banhara no dia anterior. Também não se vestia bem.

Aparências que enganam. Jovem como era, já havia publicado dois romances históricos, um deles, que eu lera, muito bom, sobre a submissão e quase extermínio dos aborígenes australianos pelos colonizadores ingleses. Por esse livro, ofereci-lhe minha casa quando anunciou que vinha ao Brasil por algumas semanas.

Ao vê-lo, achei que fazia o gênero hippie. Queria proclamar no corpo seu desprezo pela convenção e sua disposição rebelde. Queria chocar com a própria presença, testar reações. Eu não gostei. Aqui não havia hippies como na Inglaterra; esse tipo de visual confundia. Ele podia ser tomado por mendigo ou morador de rua, sofrer alguma agressão. Não lhe disse nada.

Patrick veio de Liverpool, mas era australiano. Disse que a Inglaterra o atraía por seu jornalismo engajado e de alto padrão. E ele precisava se afastar do pai, irlandês beberrão, violento e reacionário que dia sim, dia não, batia na mãe; quanto mais longe dele, melhor, disse.

O Brasil o atraía por estar na América Latina, o continente do realismo mágico de García Márquez, e pelos povos primitivos da Amazônia, alguns ainda na Idade da Pedra. Falava muito pouco português. Veio para ficar quatro semanas, com a missão de cobrir atrocidades contra os atroaris e outras nações indígenas, denunciadas com destaque na imprensa britânica.

Conhecia tudo o que se pode ler em livros e jornais sobre a violência contra os índios, mas, curiosamente para um engajado, pouco sabia das violências contra opositores da ditadura. A imprensa britânica não se incomodava com a ditadura, uma entre tantas, e até das mais brandas, o próprio Patrick pensava.

O garoto de Liverpool chegou num sábado e ficou na minha casa apenas quatro dias. Na quarta-feira, partiu para Belém do Pará de avião, de onde seguiria de ônibus para Altamira. Foi de mochila, à moda hippie. De Altamira, pegaria a Transamazônica, que estava sendo rasgada no meio da floresta. Queria escrever sobre os estragos provocados por sua construção na

vida natural dos indígenas. Esse era o plano.

Eu disse a ele que se falava da existência de um foco de guerrilha no Pará e que o Exército ocupara parte da região. Recomendei que não deixasse de passar pela delegacia da Funai em Altamira, mas ele retrucou que seu método de trabalho era evitar contatos oficiais.

Passaram-se as três semanas do prazo da volta de Patrick e nada do garoto de Liverpool aparecer. Eu já pensava em acionar algum conhecido em Belém do Pará quando, passados mais dois dias, ele surgiu no portão de casa, cabelos e barba ainda mais desgrenhados e compridos, olhos esbugalhados e marcas de machucados no nariz e nos braços. Tremia de modo descontrolado.

Levei-o pra dentro. Tomou um banho, comeu. Depois contou o que havia acontecido. Disse que o prenderam assim que desembarcou do ônibus na rodoviária de Altamira. Foi levado a um quartel e pendurado nu, num travessão, com mãos e pés atados. Queriam saber quem era o contato dele em Altamira. Ele nem entendia o que estavam perguntando e não adiantou dizer que era jornalista. Repetiam as perguntas e o espancavam com uma colher de pau nos pés, nas costas e nas nádegas. Quanto mais ele se confundia no português, mais eles achavam que estava escondendo informação e mais o espancavam. Então o jogaram num buraco de uns quatro metros de profundidade e lá o deixaram um tempo. De vez em quando o tiravam para mostrar fotografias ou fazer novas perguntas; depois o jogavam de volta. Até que não o tiraram mais dali. Passou frio e fome. Chegou a defecar e urinar ali mesmo, dentro do poço. Até que um dia passou por lá um oficial que tinha morado na Inglaterra e se convenceu de que ele era mesmo um jornalista. Devolveram parte do dinheiro dele e o mandaram embora com ordem de não abrir a boca, caso contrário sumiriam com ele. Viajou cinco dias de ônibus e caminhão, até chegar a São Paulo.

Na noite seguinte, o garoto de Liverpool embarcou de volta para a Inglaterra. Antes, passou pelo meu barbeiro e mandou fazer barba e cabelo completos, com corte bem rente.

Conheci o jovem português Joaquim Abranches quando cursávamos belas-
artes em Londres.

O Joaquim era tão gago que decerto sofreria menos se fosse mudo. Ele entrava em nossas conversas, compulsivamente, não porque tivesse algo importante a dizer; era como se tentasse mais uma vez derrotar a gagueira. Os ingleses escutavam, educados como são, torcendo para que conseguisse, mas na segunda sílaba sua fala sempre empacava, como se a língua tivesse sido fisgada por um anzol. Os colegas iam se afastando discretamente, um a um. Ao fim, só eu restava, único brasileiro na classe. Comigo ele falava português, mas gaguejava igual.

Então aconteceu o inverossímil. Certa manhã ele chegou à escola agitado e saltitante de alegria, falando sem parar e sem gaguejar. Estupefatos, fizemos roda para escutá-lo. Era 26 de abril de 1974, dia seguinte ao da Revolução dos Cravos em Portugal. Ele falava de tudo ininterruptamente, dos capitães revolucionários, do júbilo popular nas ruas de Lisboa e do Porto. Falou até do pai: queria ver a cara do velho, disse.

Teria a revolução curado sua gagueira? Seria possível? Impressionado, perguntei de quando era a gagueira. Desde sempre, ele disse, só recordava de si gago, não tinha outra lembrança. Desde miúdo, errava na fala. Cada vez que gaguejava, o pai o punia com um beliscão. A mãe não, só o pai. Mas a mãe era de fala resumida, comia metade das palavras, e isso, ele disse, também não ajudou.

A cada tropeço, mais o pai o castigava. Às vezes o punia não o deixando comer. Foi ficando com um medo crescente de gaguejar. Quando pensava em falar, o medo já o possuía, como se estivesse o tempo todo de tocaia na memória da garganta. Assim se formou a gagueira permanente.

Na escola, escrevia com a mão esquerda. Quando o pai soube, prendeu essa mão numa tipoia. Tanto fez o pai que ele acabou aprendendo a escrever com a mão direita, mas depois, quando saiu de casa, retomou a escrita com a esquerda. É por isso que hoje ele escreve e desenha com as duas mãos.

Desenhava melhor que os outros, aprendia história antiga melhor que os outros, mas por conta da gagueira o pai desfazia dele. Nunca esqueceu um bofetão do pai na saída da escola, sangue escorrendo do nariz. Ele completara o quarto ano primário e falou em fazer o liceu. Só por isso apanhou. O pai dizia que para gago cuidar das cabras não era preciso

estudo. E o proibira de ler em casa. Ele lia e desenhava escondido, embaixo da cama.

Naquela aldeia, ele disse, quem podia ia embora para o Brasil, para a França, para a Inglaterra. Por isso só tinha velho na praça. Velhos de boné jogando dama. E nas outras aldeias também; quem podia emigrava. O Governo deixava e não deixava. Nunca se sabia se dariam o passaporte ou não. Uma loteria. O sonho dele era ir embora para sempre.

Por força desse sonho ele enfrentou o pai e arranjou um emprego de meio período no Armazém. Com isso conseguiu fazer o técnico de belas-artes, sempre à revelia do pai. Seu dom para o desenho impressionava os mestres, mas não comovia o pai campônio.

Antes da guerra colonial era mais fácil sair, ele agora lembrava. Mas o velho não o deixara morar com o tio em Londres. Ele conseguira a bolsa da Fundação Guggenheim, o tio oferecera casa e comida em troca dele ajudar na lanchonete, mas o pai vetara. Parecia o Salazar falando, ele lembra, ou aquelas revistinhas que enalteciam a vidinha dos campônios, a família, a autoridade do pai. O pai era um Salazar caseiro.

Só conseguiu escapar com dezoito anos. Ao estourar a guerra colonial, Salazar negou de vez os passaportes aos jovens. Estudantes protestaram. Quatro anos de serviço militar era demais. Pela primeira vez ele viu um protesto e participou dele. Alguns foram presos, depois impedidos de estudar por muitos anos. Salazar era punitivo igualzinho ao pai. Em Portugal não se matava, como na Espanha ou no Ultramar, a isso não chegavam. Mas acabavam com as chances do sujeito.

Fez sua mochila e seguiu a rota clandestina que amigos haviam lhe revelado. Podia ser gago, mas não era idiota nem moleirão nem covarde. Se fosse tapado, não teria conseguido a bolsa. E se havia conseguido uma vez iria conseguir de novo.

A mãe lhe passou um dinheiro escondido. Não queria o filho morto em Angola. Também escreveu para o irmão em Londres, que já se dispusera antes a acolher o sobrinho. Ele lembra, sorrindo, que assim que chegou a Londres e abraçou o tio e a tia, pediu uma Coca-Cola. Até isso Salazar proibira. Bebeu devagar, saboreando. Os tios só observando. Depois lhes contou como fora a travessia, por Trás-os-Montes, Espanha, Pirineus, França, até chegar a Cherburgo. Lá pegou o cargueiro para Liverpool. Lembra que, ao terminar de contar, deu-se conta, espantado, de que não havia gaguejado nem uma vez.

Mas ao falar em seguida da família, do pai e da mãe, de Portugal, ou talvez por ter pensado na gagueira, ela voltou do jeitinho de antes. Total, aflitiva. E não o abandonou mais. Na lanchonete, servindo as mesas, ele não precisava falar muito. Mas na escola de belas-artes era impossível não

falar, conversava-se de política, de filmes, de rock, da ditadura na Espanha e em Portugal, dos atentados na Irlanda do Norte, da guerra no Vietnã.

Quando precisava se expressar em inglês, era pior. Os colegas sabiam que ele era português e ele sabia que os colegas sabiam, e sentia vergonha. Como um país em plena Europa podia ser tão atrasado? Não ter Coca-Cola, filmes serem censurados, até o nome dos heróis das histórias em quadrinhos eram trocados, para fingir que eram portugueses. Gaguejava de vergonha. Não por ser pobre ou trabalhar numa lanchonete; gaguejava de vergonha de ser português.

Isso ele só veio a descobrir naquela manhã de abril, quando a bbc de Londres anunciou a rebelião dos capitães portugueses que derrubou a ditadura. Os capitães haviam apelado à população para que permanecesse em casa, mas em todo Portugal o povo foi às ruas e às praças celebrar, sentir a liberdade. Uma explosão de liberdade.

Ele saiu às carreiras para juntar-se à multidão de imigrantes portugueses que gritavam vivas à liberdade na Trafalgar Square. Lá chegando, subiu no leão de pedra mais alto da praça e iniciou um longo e emocionado discurso de exaltação à liberdade, sem gaguejar uma única vez. Desde então nunca mais tropeçou nas palavras.

Toc, toc-toc, toc, toc-toc. O funcionário preenche à máquina o formulário de rescisão. De pé, rente ao balcão, Jacó aguarda e tenta entender. É a terceira vez. Mal esperam os trinta dias de experiência, demitem, como se ele não tivesse passado no teste. Mentira. Fizeram rodinha na ferramentaria para admirar a perfeição do estampo. No fundo, bem no fundo, Jacó sabe qual é o motivo, mas reluta em aceitar.

Na Brascomp demitiram uma semana antes do prazo. Ao se despedir, o encarregado balbuciara, envergonhado, que a ordem tinha vindo de cima. Na metalúrgica da Lapa, a mesma dispensa sem motivo. Não precisamos mais dos seus serviços, disseram de uma hora pra outra. Como não precisavam? Ele sabia que havia meses a metalúrgica procurava ferramenteiros com experiência. A ferramentaria é o coração de uma metalúrgica. Sem ela não tem estampas; sem estampas as prensas ficam paradas; se as prensas ficam paradas, não dão conta das encomendas e perdem os clientes para a concorrência. Essa é a lógica, não tem erro.

Jacó não está assustado nem muito preocupado. Além de mestre ferramenteiro, também é um bom mecânico, tem mão boa para muita coisa. Mas não se conforma. Bons ferramenteiros estão em falta desde que começou esse tal de milagre econômico, e ele sempre foi dos melhores, desde a escola técnica. Trabalha o aço como um escultor. Com prazer. Ama o ofício. Conhece os segredos da têmpera. Maneja o torno com precisão micrométrica. Ninguém afia uma broca como ele.

No primeiro emprego, na fábrica de rádio, não virou chefe porque não quis. Não gosta de mandar. Chefe às vezes tem que demitir. Não é com ele. Também não gosta de ser demitido, ninguém gosta de ser demitido, ainda mais se for competente. Jacó decide cutucar o funcionário que está datilografando a rescisão.

- O senhor poderia me dizer o motivo?
- Motivo de quê?
- Da demissão, ora.
- E precisa ter motivo?
- Claro que precisa, ninguém contrata pra demitir logo depois.
- Às vezes acontece.

O funcionário fala como se estivesse se desculpando. Jacó percebe e arrisca a pergunta:

- É a tal lista, não é mesmo?

O funcionário não responde. Jacó toma o silêncio por confirmação. Então

é verdade o que andam dizendo. Existe uma lista.

A caminho de casa, Jacó pensa no que vai dizer à mulher. Vai dizer a verdade, que tudo começou com a greve. E a greve ela sabe muito bem como começou: por atrasos no pagamento. Ela mesma reclamava: e vocês não fazem nada?

Davam um adiantamento mixuruca no dia 5 e deixavam o resto se arrastar. Depois, o adiantamento passou para o dia 10, depois para o dia 15. Quando se deram conta, estavam com dois meses de atraso no pagamento. Além do transtorno, tinha a perda com a inflação, de quase dez por cento ao mês.

Decidiram pela greve durante a pescaria. A turma de sempre. Proposta do Espanhol, o mais esquentado. O Bruno e o Jota foram conferir com a oposição sindical e retornaram com sinal verde. Aí o almoxarifado aderiu, a estamparia também. Só então ele entrou. Não é ligado em política, mas preza a lealdade, o companheirismo. A mulher achou arriscado fazer greve naquela situação. Falou dos filhos, do aluguel. Ele explicou: como é que você vai trabalhar numa fábrica, almoçar todo dia com o pessoal, tomar cerveja com eles, ir pra pescaria todo domingo, se na hora agá você dá pra trás? Depois, não é justo esse atraso. É roubo. Ela entendeu, mas implorou para ele não se expor.

Marcaram a assembleia da greve na sede do sindicato. Esse foi o erro. O sindicato estava sob intervenção. Mas iam se reunir onde? Pagavam imposto sindical para quê? Tinha sindicato para quê? No começo, a assembleia correu bem, o Bruno falou dos atrasos, depois o Jota reforçou, falou das condições de trabalho, das baratas no refeitório, da promessa de transporte quando a fábrica se mudou pro Jaguaré. Disse que os patrões procuravam extrair o máximo de lucro do trabalho dos operários, que o sistema capitalista era assim e que cabia aos operários organizados impedir esse abuso. Quando o Jota terminou, a turma, empolgada, aplaudiu.

O interventor devia saber que o Jota era da oposição sindical. Tomou o microfone e disse que a fábrica atrasava os pagamentos porque o dono era judeu, os judeus são gananciosos, estão sempre em busca do lucro fácil. Quando ouviu aquilo, o Jacó se enfezou e esqueceu os conselhos da mulher. Foi lá para a frente, pegou o microfone e disse que o interventor do sindicato estava querendo desviar a discussão e que os patrões eram todos iguais.

Faltou cautela. Mas, pensando bem, ele não ia deixar um filho da puta daqueles sem resposta. Nem a mulher dele, que era judia, ia gostar. O Jacó era só metade judeu, por parte de pai; a mãe, italiana, morreu quando ele ainda era bem pequeno.

Na saída do sindicato, assim que se separou da turma, colou nele o

sujeito de chapéu de feltro, o mesmo que acompanhara a assembleia sentado na última fileira. Jacó relembra como aconteceu:

- O senhor faça o favor de me acompanhar até o Dops.
- Até o Dops por quê?
- Não se preocupe, é só pra prestar esclarecimentos.

E lá foi ele, arrastado até o Dops. De fato não aconteceu nada, nem foi interrogado. O sujeito de chapéu de feltro anotou seu nome, identidade, endereço, largou-o numa cadeira no corredor e mandou esperar. Ele esperou, paciente. Levou um chá de cadeira de mais de quatro horas. A cada cinco minutos, passava um policial ou um investigador e o encarava. Anos depois ele entendeu: era para ver se o reconheciam de alguma outra greve ou reunião clandestina, ou sabe-se lá o quê. Noite avançada, foi mandado embora.

Ele tem certeza de que nesse dia botaram o nome dele na tal lista negra dos que fazem greve, porque nunca mais conseguiu completar trinta dias num emprego. Mas por que não olham a lista antes de contratar? Contratam pra depois demitir? Só agora, enquanto pensa na explicação que vai dar à mulher, Jacó mata a charada. Decerto a lista negra não fica nas empresas, deve ser muito secreta, não pode cair nas mãos de qualquer gerente, afinal são milhares de empresas. A checagem deve ser feita em alguma central, de tempos em tempos, de mês em mês, por exemplo, quando a relação dos contratados segue pro Ministério do Trabalho; por isso a demissão às vezes demora. Os patrões que precisam muito de um bom ferramenteiro tentam, mesmo porque, se um não contrata, o competidor pode contratar. Arriscam.

Vai ter que mudar de cidade; mas se a lista negra for da Federação das Indústrias, alcança o estado todo. Se for dos militares, nem de estado adianta mudar, porque aí a lista deve ser nacional. Talvez tenha que mudar é de profissão, virar mascate, como o pai. Jacó pondera as alternativas. Melhor abrir uma pequena oficina de ferramentaria e se tornar seu próprio patrão. De um jeito ou de outro, vai sentir falta das pescarias e das cervejas de fim de semana. Merda de ditadura.

Ao Paulo Campanario

Certo dia, eles chegaram uma hora antes do início da aula e o professor os convidou para jantar. Logo notou o descomunal apetite dos três e, em especial, a voracidade nada disfarçada da sandinista. Terminada a aula, sugeriu, como algo sem a menor importância, que na próxima sexta também viessem mais cedo, para jantarem juntos.

Assim nasceu o nutritivo ritual das sextas-feiras, que se prolongaria por dois anos. Os três alunos se apresentavam uma hora antes da aula e se fartavam. À mesa, discutiam política, a situação das ditaduras no Brasil e na Argentina, os rumos do governo Allende. Da comida não falavam - assunto sem a menor importância. Comiam.

Eram todos exilados políticos, inclusive o professor. Os dois rapazes tinham vindo de El Salvador, onde se travava sangrenta guerra civil. A mulher era uma combatente sandinista, sobrevivente da batalha de Pancasán, que quase exterminara seu batalhão. Carmem Ramirez, ela se chamava. Devia ter quase trinta anos. Viera ao Chile tratar dos ferimentos e ficou à espera de condições melhores para voltar a seu grupo na Nicarágua.

O professor, brasileiro, formado em matemática, se desencantara da luta armada logo no início. Para escapar da polícia, que já o procurava, preferiu o exílio à clandestinidade. No Chile, fora contratado por uma agência da ONU como perito em estatística e assim se tornou um privilegiado, um exilado com salário, modesto mas regular, e moradia subsidiada.

A proposta das aulas gratuitas de matemática e estatística partiu dele, para preencher de alguma forma o vazio do exílio, num tempo tão precioso da juventude. Sentia-se bem dando essas aulas, e mais ainda com o ritual dos jantares.

A sandinista Carmem o comovia em especial. Chamava a atenção por suas feições duras, quase masculinas, num corpo bem feminino, de seios fartos e cintura fina. Com ela, conversava mais do que com os outros. Mulher madura, tinha o que contar, em contraste com os dois rapazes ainda imberbes. Assim como o professor, Carmem era separada e tinha dois filhos. Trocavam confidências, comparavam notícias da luta armada no Brasil - que o professor considerava isolada e fadada à derrota - com a da Nicarágua, onde a frente sandinista conseguira atrair setores amplos, com chances de vitória.

Quando se deu o triunfo sandinista e a fuga do ditador Somoza, o

professor, que já havia se transferido para a Costa Rica, a trabalho da mesma agência da ONU, leu no jornal de San José que Carmem Ramirez, a sandinista das aulas e dos jantares de Santiago, havia se tornado ministra da Habitação.

Decidiu aproveitar dois dias de folga e visitá-la no país vizinho, para lhe dar um abraço fraternal, relembrar os tempos de dureza em Santiago, as aulas de matemática, as discussões acaloradas durante os jantares compensadores das sextas-feiras, enfim: felicitá-la pela vitória sandinista e saber como estavam ela e os filhos.

Desde o grande terremoto que arrasara Manágua quatro anos antes, a cidade ganhara um aspecto fantasmagórico. Poucas construções haviam restado de pé, entre elas alguns palacetes construídos como fortalezas ao sul do lago, que os ricos haviam abandonado ao fugir para Miami. Num deles fora instalado o Ministério da Habitação.

A ministra Carmem Ramirez despachava no salão principal do andar térreo, logo à entrada do palacete, protegida por um simples biombo. Uma secretária atendia as pessoas, levando à ministra, por trás do tabique, os pedidos de audiência ou as mensagens que chegavam, retornando com as respostas ou para conduzir alguém até a ministra.

O professor juntou-se a algumas pessoas que aguardavam sentadas. Havia um silêncio respeitoso, só quebrado pelo ruidoso vai e vem da secretária. Por isso, o professor pôde ouvir nitidamente o diálogo travado por trás do biombo entre ela e a ministra:

- *Aquí hay un brasileño, el señor Fernando Cintra, que dice que fue su profesor de matemática en Santiago y quiere saludarla.*

- *Fernando Cintra... Ah, sí, marque una cita en la otra semana.*

O professor não esperou a secretária retornar. Calmamente, levantou-se e saiu. Decidiu que aquilo não tinha a menor importância.

- Porra, caralho, como é que isso foi acontecer?

- Ele provocou, chefe, chegou esperneando, berrando, xingando todo mundo.

- Mas eu avisei que era peixe grande, que tinha muita informação, a ordem era me aguardar.

- Não deu tempo, chefe, ele cuspiu na minha cara, na cara do Braga, chutou o Júnior nos bagos, quem é que aguenta isso...

- Tinha que aguentar, caralho, era uma ordem, seus merdas.

- E agora, o que é que a gente faz?

- Tratem de limpar. E rápido.

- Indigente?

- Positivo. Na moita. Mas quero com papel passado, tudo certinho.

Atropelamento ou queda, como o doutor preferir. Vítima não identificada. Tratem de enterrar bem cedo, na nossa quadra. O papel vocês trazem pra mim.

- Tem um problema, chefe; aliás, dois.

- Desembucha.

- Os outros presos ouviram os gritos dele. Sabem que era ele.

- Digam que foi transferido, só isso; depois a gente elabora melhor. E qual o outro problema?

- A mulher dele, chefe, ficou lá com as crianças, três pirralhos e um bebê de colo.

- E vocês deixaram a mulher lá, dando sopa?

- É uma coitada, chefe, uma ignorante, analfabeta. A mulher anda descalça pela casa...

- Pois recolham essa mulher depressa, imagine a mulher agitando, perguntando pelo marido; quero ela isolada.

- E as crianças?

- Catem todos, não deixem ninguém lá. Eu falo com o diretor do abrigo; se ele der oquei, aviso pelo rádio e vocês deixam as crianças lá, nem trazem pra cá. Com ele morto, elas não servem pra nada. Entendido?

- Entendido.

- Lurdes, esses quatro já estão aqui há dez dias e a mãe não aparece. O bebê e o garoto do meio não param de chorar.

- No incêndio da favela Jaqueline, também trouxeram quatro irmãos de uma vez.

- Foi antes de eu ser contratada. E o que aconteceu?
- Ficaram quase uma semana, porque não tinham mais barraco...
- E choravam igual esses?
- Só no primeiro dia. A mãe ficava um tempão com eles, enquanto o pai procurava casa. Foram morar com uma tia.

- E onde estão os pais desses quatro?
- Então você não sabe?
- Como é que eu vou saber se vocês não me falam nada?
- Você jura que não conta pra ninguém?
- Eu não juro à toa. Nem sei o que é e já vou jurar?
- Eu te conto assim mesmo. Tô precisando, não quero só eu ficar sabendo disso.

- Fala logo, Lurdes, quanto mistério...
- É que o pai e a mãe deles são subversivos. Terroristas.
- Não diga...
- O pai parece que mataram logo no primeiro dia.
- E a mãe?
- Da mãe eles não falam, mas se trouxeram as crianças pra cá, você imagina... Coisa boa não é.

- Eles quem, Lurdes? Quem é que te contou tudo isso?
- Foi o diretor, pra eu ficar ciente. Diz que é um caso especial.
- E eles? Quem são eles?
- Aqueles dois oficiais que vêm seguido aqui, levam as crianças e depois trazem de volta.

- É por isso que nem abrimos ficha?
- Isso mesmo.
- Lurdes, não estou gostando. Vai acabar sobrando pra gente.
- E eu estou te contando por quê? Porque também não estou gostando.
- O certo é notificar o juizado logo que a criança chega. A gente é apenas assistente social, a gente apenas cuida, não temos autoridade. Tem que ter tutela, se não é a família, é o juiz.

- Mas dar ciência só agora, dez dias depois?
- Antes tarde do que nunca.
- Desconfio que o chefe também não está gostando. Disseram que era só por um dia ou dois e está se arrastando demais.

- Você sabe desses casos de adoção ilegal. Pode ser que esses oficiais que vêm pegar as crianças pra passear de carro estejam aprontando. Ainda mais que as crianças são brancas.

- O maior, esse de sete anos, me disse que obrigam ele a tocar a campainha nuns palacetes e pedir pra serem adotados. E no caminho vão dizendo pra eles que os pais deles não prestam, dizem que o pai é bandido

e a mãe é uma puta.

- Que loucura, Lurdes. O menino não está inventando?

- Então eu não sei quando é invenção?

- Mas isso não pode, Lurdes, o regulamento é taxativo: nunca se pode falar mal do pai e da mãe.

- Eu sei, por isso estou te contando.

- Será que esses dois milicos estão tentando empurrar as crianças pra alguma família rica assim no chute, tocando campanha? Ou é uma espécie de brincadeira de mau gosto? Ou eles estão com pena das crianças?

- Se fosse pena não falavam dos pais delas do jeito que falam. Acho que é um teste, mostram umas casas bonitas com piscina e perguntam se eles não gostariam de morar lá.

- E os meninos, o que dizem?

- Dizem que não, todos eles. Os dois garotos e a menina. O de sete anos, que nunca chora, é o líder, é quem manda. Ele amarra todos os irmãos à noite no berço com aquele pedaço de barbante.

- E por quê?

- Diz que é pra não separarem eles de noite.

- Tadinho. Lurdes, temos que fazer alguma coisa, eles devem ter algum tio, algum avô ou avó, não é possível que não tenham ninguém.

- É claro que eles têm, boba. Você não entendeu? É que ninguém sabe que mataram o pai deles e que fizeram sei lá o quê com a mãe. Como é que vão avisar a família, mandar vir buscar as crianças, sem dizer o que aconteceu?

- E eu que no começo pensei que esses militares eram parentes, tios, que vinham pegar as crianças pra tomar sorvete.

- Você é boba mesmo.

- Não me chama de boba.

- Tá, desculpa.

- Olha, Lurdes, o bebê não está bem, está com diarreia, corre o risco de desidratar. A gente podia falar do bebê, dizer que a situação é delicada, se tiver que internar não tem como fazer a guia, não tem documento nenhum, aí obrigamos o chefe a registrar.

- Boa ideia. Não suporto mais. Já vi de tudo nesse serviço, bebê em lata de lixo, menina estuprada pelo pai, todas as misérias da vida a gente é obrigada a ver, mas militar todo enfeitado mandar criança tocar campanha de palacete e pedir pra ser adotada, dizer que os pais são bandidos, isso eu nunca imaginei.

- Di, tô com medo.

- Pss... fala baixo.

- Mas eu tô com muito medo.

- Eu te protejo.
- Eu quero a mamãe.
- A mãe vem logo, é pra gente ficar sempre juntos.
- Di, o que é puta?
- Puta é palavra feia.
- Por que eles falaram que a mãe é uma puta?
- É mentira deles.
- Di, eu quero voltar pra casa.
- A mãe logo vem buscar a gente, e para de chorar na frente deles.
- Mas você me protege mesmo?
- Protejo.
- Então eu paro.

Trancado na saleta da radioescuta, como em todas as noites, exceto nas de sábado, o secretário de redação Simas, de fones nos ouvidos, sintoniza as ondas curtas da rádio Tirana. Anota à mão, o melhor que pode, as orientações do serviço brasileiro da rádio, transmitidas sempre na mesma ordem: primeiro a análise do cenário mundial, depois notícias da Albânia, também referida como “país farol do socialismo”, e por fim a avaliação da política brasileira, com diretivas da conduta que melhor serve aos interesses da classe operária.

Depois Simas datilografará as diretivas e as deixará com o diretor do jornal, Raildo Nogueira, que as lerá duas ou três vezes para bem memorizar as análises e palavras de ordem antes de convocar a reunião de pauta das dez da manhã. O próprio Raildo rasgará depois o relatório em pedacinhos diminutos e os fará desaparecer na descarga da privada.

Raildo é uma puta velha do jornalismo, como se diz no jargão da profissão, maneiro e calculista; deixa que outros, e não ele, proponham as matérias e seus enfoques na reunião de pauta. Quase todos são do partido, de modo que já conhecem a linha geral. Se alguém sugere uma pauta contrária às orientações em vigor, Raildo desvia a ideia habilmente, sugere que se adote um enfoque mais criativo, ou que se discuta a proposta de novo na semana seguinte, ou alega que o assunto, embora interessante, não tem a urgência daquele outro. Nunca diz não diretamente. Raildo cultiva a imagem do jornalista independente, intransigente no combate à ditadura.

Foi assim na reunião dessa quarta-feira, quando tudo começou. O editor de internacional, um dos poucos não pertencentes ao partido, comentou um massacre perpetrado em Angola pelas forças de Jonas Savimbi. Sugeri que se entrevistasse um especialista do departamento de história da usp sobre as acusações de que Savimbi vinha sendo usado e armado pela cia com o intuito de solapar o Movimento Popular de Libertação de Angola, de Agostinho Neto, sabidamente apoiado pelos russos.

O massacre fora um dos tópicos das diretivas da rádio Tirana daquela madrugada, Raildo havia memorizado: a posição correta é de apoio a Savimbi, que luta contra a influência do social-imperialismo na África. As acusações de massacre não passam de propaganda dos inimigos do socialismo e das lutas de libertação nacional dos angolanos. Social-imperialismo é o designativo da China para a influência da União Soviética na África. Dois subeditores, previamente alertados por Raildo, expressaram

dúvidas sobre a veracidade da acusação contra Savimbi e a pauta foi derrubada, para desgosto do editor de internacional, que fizera a proposta.

Além dele, quem não gostou do desfecho da reunião foi o “filósofo” do jornal, Abel Pompilho, assim chamado devido a seu hábito de ruminar palavras ininteligíveis e por sempre carregar uma pasta gorda repleta de livros. Ele próprio é um tanto gordo, movendo-se devagar, os olhinhos miúdos fitando ironicamente as pessoas que topa pelo caminho. Abel Pompilho lê o *Le Monde*, o *The Guardian*, sabe que o massacre aconteceu e que foi um dos piores da guerra civil angolana. Mas nada disse.

Na quinta-feira, o “filósofo” já tinha seu plano, que seria executado no dia seguinte, sexta, quando os editores principais relaxam os controles na pressa de fechar para começar logo a reunião semanal do núcleo do partido, que acontece a portas fechadas no último andar. O filósofo é responsável pela seção de notas, que ocupa uma coluna inteira do jornal, de alto a baixo na página 2. Naquele dia enfiou, entre as demais, a seguinte nota:

O guarda de fronteira da Albânia Mikhail Gluko matou ontem por estrangulamento a velhinha Irina Maria Drenava, de 82 anos, quando a anciã, que sofria de deficiência auditiva, recusou-se a mostrar seu visto de saída, insistentemente solicitado pelo guarda.

Como o filósofo previra, a nota passou incólume pelos controles e seguiu para a oficina. No sábado de manhã, em meio a tantas outras notas do jornal impresso, não chamou a atenção. Mas à tarde o nervosismo tomou conta da redação. O editor Raildo convocou os subeditores à sua sala e exigiu explicações, que nenhum deles conseguiu dar; o cochilo passara por todos. O que realmente preocupava Raildo era se aquilo fazia parte de algum complô interno armado contra ele por algum grupo dissidente do partido. Isso ele checaria depois, por outros canais.

No começo da noite, o velho José Tocantins em pessoa atravessou discretamente a redação rumo ao último andar. Presidente do partido e figura histórica do movimento comunista, fora veterano das brigadas internacionais, membro da Resistência francesa e da Constituinte de 1945. Sua presença no jornal expressava a importância que o partido dera à infame nota sobre o estrangulamento da velhinha por guardas albaneses.

O fechamento foi acelerado para que os principais quadros do jornal pudessem se reunir com Tocantins no último andar. A nota do estrangulamento desencadeara uma grave crise nas relações com o partido irmão da Albânia, ameaçando a sobrevivência do jornal e o projeto político de hegemonizar as esquerdas brasileiras, ligado a seu lançamento menos de seis meses antes.

Na reunião, José Tocantins não teve papas na língua. Acusou o redator

da nota de ser um agente provocador certamente a serviço da quarta internacional ou do social-imperialismo. O chefe da oficina, que veio à reunião de macacão, balbuciou, muito nervoso e emocionado: “Se for verdade o estrangulamento da velhinha, eu saio do partido”. Dois membros da direção do jornal corroboraram que o “filósofo” tinha fama de trotskista. Ficou claro que ele inventara a nota; tinham acabado de confirmar com o secretário Simas, que, excepcionalmente, fora à radioescuta num sábado, e ali ainda se encontrava.

Raildo explicou a Tocantins que o sujeito só fora contratado porque era bom demais na escrita e aceitara os salários “de militância” do jornal. Além disso, era preciso dar uma aparência pluralista ao jornal, que vendera cotas a inúmeros jornalistas de todo o país, apresentando-se como o primeiro diário independente e dirigido por jornalistas. Tanto assim que dois outros contratados, o editor de internacional e o chefe de distribuição, também não eram membros do partido.

O editor de esportes, previamente instruído por Raildo, propôs a imediata demissão do filósofo. Mas o subeditor argumentou que seria danoso ao jornal demitir um profissional muito popular na categoria e famoso por seu sarcasmo e capacidade infinita de ironizar. Alguém lembrou também a possibilidade de sua demissão gerar outras em protesto, o que transformaria um incidente individual numa crise mais geral, com graves repercussões para um jornal ainda não consolidado.

Ainda discutiam o que fazer quando Simas irrompe nervoso na sala, agitando um papel e gritando frases entrecortadas: “Assaltaram o edifício da Rádio e Televisão de Tirana... multidões... exigem o fim do regime de partido único... Nas fronteiras com Montenegro e Kosovo, muitas pessoas, inclusive anciãos, foram pisoteadas e mortas na tentativa de atravessar os controles...”.

Subiram todos para a sala da radioescuta. Nunca mais falaram do caso do filósofo. O jornal ainda durou um mês.

- Pai, por que o Tio André foi morar tão longe?
- É o jeito dele, filho, ele gosta de ficar longe das pessoas.
- Eu, não. Eu gosto de ficar perto dos meus amigos.
- Eu sei, filho, todos gostam, mas o tio André é diferente.

José Moura conduz o filho pela mão. Caminha devagar por causa dos passos curtos do menino. Tenta imaginar como estará o irmão, metido no mato feito eremita; pior, feito tatu com medo de sair da toca. Visita o irmão uma vez por ano, no aniversário. Tornou-se um ritual e um segredo entre os dois. Hoje o irmão completa quarenta anos. José Moura decidiu levar o Ricardinho.

- Pai, por que o tio André é diferente?
- É que ele tem medo das pessoas.
- Eu só tenho medo do Marcão.
- E o que você faz?
- Eu saio correndo.

O Marcão é o valentão do grupo escolar. Já bateu no Ricardinho.

O céu continua limpo, dia bom para pescaria, pensa José Moura. Ele tinha dito ao filho que o tio André o levaria para pescar. Deu a Ricardinho o caniço telescópico, que o menino agora leva na mochila, junto com a latinha de minhocas catadas na véspera, no quintal. A estrada de terra, larga e poeirenta, estende-se a perder de vista. O sol não está a pino, mas já incomoda.

- Pai, tô com sede.
- Aguenta um pouco, filho, na vendinha a gente toma um guaraná.

José Moura lembra da última vez que levou Ricardinho para ver o André. Precizou carregar o menino nos ombros um bom pedaço da estrada. Calcula mentalmente: ele devia ter três anos. Agora tem oito e caminha como gente grande. Interessante, pensa José Moura, o menino não vê o tio há cinco anos, nem deveria se lembrar de como ele é, mas fala do tio André todos os dias. O André deve ser um dos heróis do mundo imaginário do Ricardinho, talvez o mais importante.

- Pai, o tio André quer ficar longe de mim também?
- Não, filho, ele gosta muito de você. É da polícia que ele quer ficar longe.
- Por quê, pai? O tio André matou alguém?
- Não, filho, o tio André nunca fez mal a ninguém, ele não mata nem formiga.

- Então, pai, por que ele tem medo da polícia?
- Porque uma vez a polícia bateu nele.
- Pai, por que a polícia bateu no tio André se ele não é bandido?
- A polícia às vezes faz isso.
- Então a polícia é do mal?

José Moura não sabe o que responder. Não quer dizer que a polícia é do mal, mas também não quer mentir. Nunca mentiu ao Ricardinho.

- Não, filho, a polícia é do bem, ela persegue os bandidos, que são do mal, mas antigamente, na época em que bateram no tio André, a polícia era igual aos bandidos, era do mal como eles.

- E quando foi antigamente, pai?
- Foi antes de você nascer. O tio André estava na faculdade, tinha só dezenove anos.
- Quantos anos mesmo ele faz hoje, pai?
- Quarenta.
- Pai, olha a vendinha ali.
- Vamos lá.

Haviam caminhado desde a rodoviária, quase um quilômetro. José Moura calcula que ainda faltam uns seiscentos metros até o beira-rio, onde o irmão ergueu um solitário barraco. Vive dos peixes que pega; se alguém vem pescar nos domingos, ele toma conta do carro, lava, às vezes aluga o barquinho. Mas é raro.

Todo ano José Moura deixa ao irmão quinhentos reais em notas de dez, para a comprinha da semana, o café, o açúcar, o pão de fórmula. No ano anterior, tinham erguido outro barraco perto do André, uns cem metros adiante. Moura lembra que o irmão ficou nervoso.

O pequeno empório é refrescante. Pai e filho sentam-se em torno da única mesinha e repartem uma tubaína.

- Pai, antes de antigamente, onde o tio morava?
- Morava comigo no alojamento dos estudantes, no mesmo quarto.
- E depois de antigamente?
- Depois ele morou em muitos lugares, vivia mudando, não parava nem três meses num lugar.
- Pai, por que ele mudava tanto?
- Era medo de descobrirem onde ele estava morando, de levarem ele de novo e de baterem nele de novo.

Lembra que André não dava seu endereço a ninguém, nem a ele, único irmão. Quando pegava carona, pedia para parar numa esquina e esperava o carro se distanciar para tomar o rumo de onde morava.

- Pai, posso pegar uma cocada?
- Por favor, uma cocada pro garoto. E me dê também uma garrafa de

água sem gás, gelada, pra eu tomar no caminho.

Ele paga e os dois retomam a caminhada. O menino para de fazer perguntas, como se estivesse processando o que o pai dissera. José Moura também medita. Era ele que a polícia queria, não o André. O irmão nem sabia que ele era da organização; ele fazia questão de não envolver o André, sempre protegeu o irmão menor. Na segunda vez levaram o André para pressionar.

- Pai, falta muito?

- Não, filho, naquela curva a gente pega a trilha que vai dar no rio.

- Pai, será que o tio André vai gostar do presente?

- Claro, o tio André gosta muito de música, não podia ter presente melhor.

Havia comprado um radinho de pilha dos bons, marca japonesa, e quatro jogos extras de pilhas. O irmão curtia música e poesia. Não era muito extrovertido, mas gostava de contar histórias, de dizer como tinha sido o dia, quem ele havia encontrado, o que tinha feito, os casos que ouvira. Como se estivesse escrevendo o rascunho de um conto. Naquela época o André estudava literatura brasileira. Queria ser escritor e tinha mania de recitar poemas em voz alta. Depois da segunda prisão, enfiou-se em casa e não voltou mais para a faculdade. Quase não falava. Passava horas trancado no quarto de cima, vigiando a rua. Se aparecia o cobrador da Light, o carteiro, qualquer pessoa de uniforme, ele fechava as persianas e se encolhia num canto do quarto. Um dia, correu pro quintal, pulou o muro dos fundos e fugiu. Ao que parece, tinha visto um policial; também procurou formicida e não encontrou.

O que aconteceu na cadeia, o André nunca contou e ninguém.

- O tio André era um sonhador, Ricardinho.

- Ele não acordava pra ir pra escola?

- Sonhador não é isso; sonhador é quem fica imaginando coisas mesmo acordado.

- Então eu sou sonhador como o tio André, porque agora mesmo estava imaginando como vai ser a pescaria. O peixe bem grande que eu e o tio André vamos pegar e depois eu contando pros meus amigos da escola.

Atingem a trilha e entram por ela. Já se divisa o rio. Mais alguns metros, surge o barraco do irmão. De longe, em meio ao mato alto, tem aspecto lúgubre, um ar de abandono. De perto, parece habitado e bem cuidado. Ao seu redor, o chão de terra batida está varrido. Dois vasos ladeiam a entrada, um de alecrim, outro de arruda.

Janela e porta estão fechadas. José Moura bate forte na porta, grita.

- André, é o Zé, teu irmão!

Espera alguns segundos e grita mais uma vez:

- Andrezinho, é o teu irmão, o Zé. Abre a porta!

Espera mais um pouco, depois passa a bater forte na porta, com os punhos fechados.

Do outro barraco, vem se aproximando um caboclo, atraído pelos gritos.

- Ele não aparece desde anteontem - diz o caboclo -, está esquisito. O senhor é mesmo irmão dele?

- Sou.

- Ah...

- O senhor viu se ele saiu? - pergunta José Moura.

- Às vezes ele some por um dia, depois volta. Faz uns dias eu vi ele voltando com a sacola da vendinha, depois não vi mais, não...

- Pai, tô com medo... E se a polícia levou o tio André?

- Aqui não vem polícia nenhuma, guri - diz o caboclo. - Só quem veio no começo da semana foi o fiscal das águas. Apareceu com umas varetas, se fazendo de importante, de bota e capacete, medindo sei lá o quê.

- Pai, aquele não é o barco do tio André?

- É o barco dele, sim - diz o caboclo. - Pescar ele não foi. Ou entrou no mato pra pegar algum pedaço de lenha, ou se trançou aí dentro. Vai ver adoentou.

José Moura cola o rosto numa fresta entre as tábuas e sente um odor desagradável. Grita de novo, bem perto da madeira:

- André, abre, sou eu, teu irmão. Estou aqui com o Ricardinho, viemos te visitar.

- Pai, tô com medo...

- Calma, filho, espera lá perto do barco que eu vou derrubar esta porta.

José Moura leva o filho para junto do barco, retorna, posiciona-se a dois passos do barraco e desfere um forte pontapé na porta, que se abre pela metade com um rangido.

Na cama estreita forrada por um resto de colchão, jaz o corpo do irmão, mirrado e rígido, o rosto sem vida, os olhos esbugalhados.

- Empacotou -diz o caboclo.

José Moura escancara a porta do barraco e abre sua única janela. Depois fita o corpo demoradamente, inclina-se e fecha as pálpebras do irmão. Vê abaixo do estrado a latinha de formicida e a garrafa de guaraná pela metade.

Ricardinho ainda espera lá fora junto ao barco. Súbito corre até o barraco, entra e se agarra na cintura do pai.

- Pai, o tio André está sonhando?

- O tio André morreu, filho.

- Pai, foi a polícia que matou o tio André?

Por uns segundos ele pensa na resposta. Ele nunca mentiu ao filho.

- Foi, filho, foi a polícia que matou o tio André.

Você me pergunta se eu conheço o Carlão, se dá pra acreditar em tudo que ele diz. Conhecer eu conheço, muitos conhecem o Carlão, mas ninguém sabe de fato quem ele é. Ele diz que viu teu pai preso no Dops? Eu é que pergunto: o que é que ele estava fazendo no Dops? O Carlão nunca foi preso. Ele próprio se gaba disso. Nem preso nem fichado. E olhe que ele começou no Partidão muito antes do golpe. Depois se meteu naquele atentado a bomba no aeroporto de Guararapes, lembra? Só não explodiram o Costa e Silva porque deu pane no avião e o cara foi de carro pra Recife. Mas morreu gente. Depois disso o Carlão sumiu. Foi pra Angola. É uma figura esse Carlão, vou te contar como conheci o Carlão e você tira as conclusões. Foi quando o Maciel lançou a revista. O Carlão às vezes aparecia na reunião de pauta dos sábados. Dava na vista, porque era muito mais velho do que nós e usava suspensórios. O que mais me atraiu nele foi o olhar vigilante; achei que o sujeito tinha crânio. O Maciel disse que ele era um empresário progressista chamado José Carlos e que se dispusera a ser o avalista do aluguel. A gente ia pra reunião de pauta com o cu na mão e dava umas voltas no quarteirão antes de entrar.

O Carlão sempre chegava bem depois de começar, sentava ali por cinco ou dez minutos, acompanhando as falas, como se quisesse sentir se estava quebrando algum pau muito feio, mas não abria a boca. Cutucava o Maciel e os dois iam pros fundos. Dez minutos depois voltavam e o Carlão ia embora, dando um tapinha nas costas de um ou outro. Um dia o Maciel me disse: o José Carlos quer falar com você, ele precisa de alguém de confiança pra tomar conta de uma loja, e eu expliquei que você cuidou da loja do teu pai por uns tempos e devia ter alguma experiência. Também falei que você acabou de se formar em filosofia e está sem emprego. Eu pensei: a revista não era emprego, era uma mistura de bico e militância; uma grana regular cairia bem. Se o patrão fosse camarada e eu pudesse escrever nas horas vagas, melhor ainda. Peguei o número do Carlão e liguei. Fui atendido por uma tal de Neusa, toda melosa, que marcou pra eu ir lá no dia seguinte e me deu o endereço. Depois me arrependi, devia ter me informado antes sobre o Carlão, assim como você está fazendo agora. Bom, mas isso já foi. Voltando à história... O endereço era na Mooca - loja de eletrodomésticos e televisores. O escritório do Carlão ficava num mezanino improvisado; ao subir a escada de madeira, percebi que nos fundos, separado da loja por um tapume, havia um espaço enorme, entupido quase até o teto de pilhas de caixas de papelão. A Neusa, como bem imaginei pela voz molhada no

telefone, era uma morena que exalava sexo, de corpo cheio, os seios quase estourando na blusa de malha colante, calça jeans também justa. O senhor é que é o filósofo?, ela disse, e foi me levando pelo braço, toda sorrisos, o doutor Carlos está esperando. O Carlão parecia impaciente; batia com um lápis no tampo da escrivaninha e foi direto ao assunto. Então você é o Medeiros? O Maciel disse que você já cuidou de uma loja. Cuidei, mas não era de eletrodomésticos; era de móveis, eu respondi. É quase a mesma coisa, ele falou. Mas não importa, a loja tem gerente, o Alcides, você não precisa se preocupar com a loja; eu quero alguém pra cuidar do estoque, você já deve ter visto o tamanho do depósito. Eu disse que sim, que até tinha achado exagerado pra uma lojinha daquele tamanho e num bairro decadente. Nesse momento a Neusa entrou, toda gostosa, com café e água gelada.

O Carlão esperou ela sair, depois explicou que tinha várias lojas na cidade abastecidas por aquele depósito. Vai chegar muita mercadoria e preciso de alguém pra cuidar só disso. As peças vêm da Zona Franca de Manaus, entram e saem com meia nota. Eu tinha que conferir e dar baixa, ele falou. Combinou o pagamento, que era bem bom, depois descemos, ele me apresentou ao Alcides e mandou ele me explicar como funcionava tudo, os horários, o abre-fecha da loja e do depósito. Esse Alcides tinha uma cara bexiguenta e sotaque baiano. Ele me mostrou o depósito. Os fundos davam numa rua larga e morta, com casas só de um lado e linha de trem do outro. Depois me passou as planilhas de controle e explicou que os caminhões chegavam de manhã, entre oito e nove horas.

Naquela mesma tarde, conferi o estoque com os números da planilha. Estava tudo nos conformes. Logo começou a chegar uma quantidade descomunal de mercadoria. O caminhão descarregava a mercadoria toda, depois carregava a parte que devia ser distribuída pras lojas. O Carlão mal aparecia. Era como na reunião da revista: chamava o Alcides lá pra cima, conversavam dez ou quinze minutos, depois desciam os dois e o Carlão ia embora. Me cumprimentava de passagem e fazia o sinal de quem pergunta se está tudo bem.

Assim que completei meu primeiro mês no depósito, também recebemos os atrasados da redação. O Maciel chamou um por um e pagou em dinheiro vivo, uma nota em cima da outra. Explicou que a campanha de venda de assinaturas entre os deputados da oposição tinha sido um sucesso acima da conta. Isso foi numa segunda-feira, dia meio morto no jornal. À noite, fomos todos ao Degas comer e encher a cara. Eu devia ter desconfiado desse dinheiro vivo... Como é que a campanha de vendas de assinaturas, que ia de mal a pior, de repente virou um sucesso? O Carlão também me pagava em dinheiro vivo. A Neusa trazia a grana num envelope e eu assinava um

recibo por serviços prestados. Até aí tudo bem. Mas olha o que aconteceu. Um dia descobri que uma das lojas de destino das mercadorias não existia. Foi por acaso, o motorista do caminhão veio com as ordens de entrega e eu percebi que o endereço era na rua da minha tia Flora, no Cambuci. Lá não tem loja nenhuma, é uma ladeira só com prédios de apartamentos. Caralho, pensei, vai ver que tudo isto aqui é um embuste, que essas lojas não existem.

Cheguei a abrir algumas caixas, desconfiando de coisa pesada, armas, drogas, sei lá o quê, pensei. Mas eram eletrodomésticos mesmo. Para onde será que ia tanta mercadoria? E se eu me enroscasse em alguma falcatura grossa? E as caixas não paravam de chegar, setembro, outubro, o Natal se aproximando e o depósito cada vez mais atulhado. Então dei uma de detetive e chamei o Martins, que tinha uma moto - lembra do Martins? -, e seguimos um dos caminhões. Adivinhe onde é que eles descarregaram a mercadoria? Naquele dia era uma carga de televisores. Deixaram numa loja da rua Santa Ifigênia. Depois o Martins descobriu que o dono dessa loja tinha mais três na Santa Ifigênia, com nomes diferentes, uma simulando competir com a outra.

O Martins, que já conhecia o Carlão de outros tempos, ficou intrigado com a dimensão do esquema. Era muita grana. Sugeriu que a gente procurasse o Sidney, que tinha sido o pau pra toda obra do Partidão e conhecia o Carlão e um tal de Takao, que também tinha militado com o Carlão. O plano era juntar as peças, como num quebra-cabeça, para tentar entender qual era a do cara. Nessa altura, eu estava fascinado pelo Carlão, e nem era mais por causa dos riscos que eu podia estar correndo no emprego; eu queria era entender aquele personagem.

Num domingo à tarde, sentamos os quatro num boteco da Lapa que fazia uns bolinhos de bacalhau maravilhosos, numa das esquinas da rua Coriolano, e cada um foi soltando o que sabia sobre o Carlão. O Takao falou do caso dos cristais da Tchecoslováquia, revelado pelo próprio Carlão numa noite de tempestade em que os dois estavam indo pro Rio num fusquinha. Naquela época eles trabalhavam quase sempre em dupla. O Carlão era o doleiro do Partidão, isto de mandar dinheiro, trazer dinheiro, essa a tarefa dele. A história, em resumo, é que o pessoal de Moscou tinha mandado um lote de cristais da Boêmia pro porto de Buenos Aires como bagagem não acompanhada de uma família que havia se mudado pro Brasil. O contrabando era pra financiar o partido e ajudar as famílias dos que estavam na cadeia ou tinham sido mortos. Encarregaram o Carlão da operação: achar um laranja que morasse num casarão, contratar o transporte por caminhão de Buenos Aires pra São Paulo, cuidar das guias de aduana, tudo. Só que não era uma simples mala ou um baú; era um

contêiner, e o Carlão contou que teve uma trabalhadeira enorme, se gabando do êxito da operação. Depois o Sidney deu uma informação impressionante: que o Carlão tinha uma morte nas costas e que ele tinha ouvido isso do próprio Carlão na época em que estavam armando o atentado de Recife. Ele duvidou que o Carlão tivesse colhões pra participar do atentado, ainda mais gordo como era, então o Carlão respondeu que pra quem já tinha uma morte nas costas aquilo era fichinha. O Sidney não perguntou mais nada. Como eu disse, a gente não ficava perguntando. Mas essa história ficou gravada na cabeça dele.

Aliás, vou te contar uma coisa sobre esse atentado que pouca gente sabe. Um dos padres presos estava com o mapa desenhado pelo Carlão, e mesmo assim não pegaram o Carlão. Ninguém soube o porquê. Bom, voltando ao esquema dos eletrodomésticos... O Sidney matou a charada na hora. Não era só meia nota, era o golpe do sumiço, por isso chegava tanta mercadoria na véspera do Natal: ele ia passar tudo pro varejo e fechar o depósito sem pagar os importadores da Zona Franca. A meia nota era pra impedir os fornecedores de reclamar ou de chamar a polícia. Golpe de milhões, calculou o Sidney. Essa conversa me convenceu a cair fora do depósito. Esperei o fim do mês, recebi, dei um amasso de despedida na Neusa e deixei um bilhete de demissão pro Carlão. Inventei que minha mãe tinha ficado doente e disse a mesma coisa no jornal, pra não ter contradição.

Depois as coisas se precipitaram. Fiquei sabendo pelo Anselmo, que você deve conhecer, um que até hoje anda de colete pra evitar crises de dor na coluna por causa do tempo que ficou no pau de arara; ele disse que o Carlão apareceu na redação num meio de semana munido de uma chave de roda pesada e berrando que ia acabar com o Maciel. Quebrou portas, cadeiras. O Maciel conseguiu pular o muro dos fundos, escapulindo pela casa vizinha. Foi coisa feia. O Carlão tinha passado uma grana gorda pro Maciel pagar aluguéis atrasados, mas o dinheiro foi usado pra ajudar um pessoal do partido do Maciel a fugir pro exterior. A Justiça botou o Carlão no pau, ele não podia mais sacar dinheiro nem usar talão de cheque. Ficou puto, e com razão, não é mesmo? Imagine, você faz o favor de ser fiador, paga os aluguéis que o outro é que tinha que pagar e ainda fica com as contas bancárias bloqueadas? Ele quase matou o Maciel.

Mas a história não acaba aí. O melhor ainda está pra chegar. Você sabe que, dois anos depois da revista fechar, eu fui trabalhar num jornal de economia e negócios. Pois bem, logo de cara me escalaram pra entrevistar o presidente de uma nova estatal criada pelos milicos pra fabricar o primeiro computador comercial brasileiro. Era um modelo simples de computador, de bordo, desenvolvido pra equipar blindados encomendados pelo Iraque.

Antes da entrevista, estudei tudo sobre o projeto, como é o meu jeito de trabalhar, mas não me preocupei com o perfil do presidente que eu ia entrevistar, um tal de j. c. Neuerbach; pelo nome esquisito, imaginei que fosse algum general aposentado – você sabe, os presidentes de estatais eram todos generais de pijama. Pois eu chego em Brasília, me apresento na sede dessa estatal, lá no setor de autarquias, e adivinha quem é a secretária? A Neusa, a gostosa da Neusa, vestida naquele estilo das secretárias de Brasília, toda empetecada, de terninho justo e cabelo engomado. Aí eu entro na sala, e adivinha quem é o presidente da estatal? O Carlão, o próprio. Ele me recebeu sem paletó, de suspensórios e com um olhar irônico. Gabou-se, mostrou os relatórios que recebia dos serviços secretos que funcionam em todos os ministérios e autarquias, disse que todo presidente de estatal recebe esse tipo de documento; é do protocolo. Dei uma olhada, tudo com carimbo de secreto. Então ele falou das mordomias, dos lugares reservados pelas companhias aéreas, dos esquemas de embarque sem check-in, dos jatos da Aeronáutica sempre à disposição, dos jetons que ele recebia por participar nos conselhos de quatro outras estatais, disse que todos participavam de uns quatro ou cinco conselhos, e o salário, assim, quase dobrava, e tudo legal. Eu fingia naturalidade, mas escutava estupefato. Os milicos tinham criado uma casta de privilegiados, uma *nomenklatura* igual à dos países comunistas, e o Carlão era um deles.

Bem, essa é a história que eu queria te contar... Agora, voltando à tua pergunta: dá pra acreditar que o Carlão viu teu pai preso no Dops? Você diz que a história dele bate com o pouco que se sabe, o dia, o lugar da prisão. Pode ser que ele tenha visto mesmo ou que alguém da *nomenklatura* viu e passou pra ele. Você não tem escolha, precisa agir como se fosse verdade. Mas não se iluda, porque a dica do Carlão pode não passar de um estratagema pra te desgastar, pra impedir que você leve adiante a denúncia de que mataram o teu pai. Depois me conte o que você descobriu, porque um dia, quando tudo isso acabar, eu vou escrever uma novela, e esse caso pode ser a chave do enigma Carlão.

DOIS CENTOS EXTRAS

Capivari ficou para trás. Próxima parada, Monte Mor. Faz calor. A estrada corta por monótonas lavouras de cana e um ou outro rancho abandonado. Quase não há sítiantes depois da Lei da Concentração Fundiária Obrigatória. Mata de sombra também rareia. O sargento Vallejo resmunga. Estradinha pior que tábua de raspar mandioca. A kombi sacoleja feito britadeira. Vallejo tenta evitar a ressonância dirigindo pelas beiradas. Para essa missão tinha que ser um Ford, ou que fosse um jipão, pensa, sentindo o corpo moído.

Alegaram que a kombi branca disfarça melhor. De fato, se perguntam ele diz que é da profilaxia. A maioria responde, ah... bom. Sempre perguntam, gente curiosa. Não sabem o que é profilaxia, mas a palavra impõe respeito. Povo ignorante. Se alguém mais enxerido quer saber do quê, diz que é geral, de tudo. É federal, ele arremata. Ai, ninguém pergunta mais nada.

A missão do sargento Vallejo é ultrassigilosa. O codinome é Operação Capela, mas de tão secreta não tem nada escrito. As ordens são todas de boca. Cada expedição dura vinte dias. O duro é ficar longe de casa, almoçando cada dia feijão de outro tempero, dormindo onde dá. Também não gosta da missão, preferia a tropa. Entrou no exército para ser soldado, não para ser espião. Mas o major insistiu, missão importante, disse. E tinha gratificação por fora. Vallejo não simpatiza com os utopistas, mas não gostou do que fizeram com a madre. Ficou abalado. Uma freira é quase uma santa. Está certo que prometer uma sociedade sem dinheiro e sem exército é estupidez, mas não era o caso de fazer o que fizeram.

Esta é sua quinta sortida. Com o tempo descobriu que leva jeito. Talvez porque estudou em colégio de padre. Muito jeito. O major elogiou. De toda a força-tarefa, ele estava se saindo o melhor, disse. São doze, escolhidos a dedo. Cada um fica com uma região.

Vallejo foi selecionado porque sabe tudo de religião. Quando era moço pensou em ser padre. Era o desejo da mãe. Não deu certo. Agora, o destino o colocou de volta dentro das igrejas. Já conhece um punhado de padres. Conseguiu recrutar dois, o padre Gonçalo, de Itupeva, e o padre Laércio, de Rio Pardo. Também descobriu que o dominicano de Bofete era utopista. Dele devem ter arrancado o nome da madre superiora. Sente um pouco de culpa...

O sargento Vallejo trabalha com duas listas, ocultas no fundo do alforje, junto ao revólver e os envelopes de dinheiro. A lista base, como chamam, é a de todas as paróquias e padres que rezam missa e exercem o sacramento

da penitência. São mais de noventa na sua área. Nunca pensou que tivesse tanto padre nesse interior largado e pobre de tudo. É uma lista pormenorizada e de aparência inocente. Foi preparada pelo arcebispo. Diz a que ordem o padre pertence ou se é secular, quanto tempo está na paróquia, idade, de onde veio. Se um deles morre ou é transferido, é riscado, se é novo e não está na lista, é acrescentado. A outra relação é a dos delegados de polícia, para os quais tem que entregar os envelopes. Todo o resto é memorizado. No retorno, reporta.

Depois que Vallejo desenvolveu seu método, a missão ficou fácil. Ele chega do meio para o fim da missa e procura o genuflexório mais perto do altar, caminhando com passadas firmes, barulhentas, fazendo-se notar, preocupado e contrito, o chapéu nas mãos juntas, em sinal de humildade e respeito. Terminada a missa dirige-se ao confessionário.

Na primeira confissão cuida de não se precipitar. Faz-se um pouco de bobo. Diz que o demônio está tentando o filho, o rapaz meteu-se numa turma que ataca as autoridades e volta tarde para casa, e nessa turma mistura homem e mulher; pede perdão por não ter educado os filhos no caminho da fé e da Santa Madre Igreja, e pergunta o que fazer. É basicamente essa a primeira conversa. Pela reação do padre, faz uma primeira classificação. Os carismáticos reagem com severidade, acusam o filho de ofensa grave a Deus e de estar no caminho da perdição. Exigem que ele force o filho a abandonar as más companhias. Os padres simpáticos aos utopistas desconversam, alguns se atrapalham um pouco; a maioria diz que jovens são assim mesmo, Cristo também se voltou contra os fariseus e por isso foi crucificado; nada disso é pecado. Recomendam trazer o filho à liturgia. Absolvem sem prescrever penitência.

Tanto num caso como no outro, o passo seguinte é o contato com o delegado. Por causa disso a kombi branca é boa. Se fosse só para se confessar na igreja podia ser qualquer carro, até uma moto servia. Entrega ao delegado o envelope com a gratificação e pede visto na lista e a data. Essa parte não faz parte da Operação Capela. Por isso tem recibo. Todos os delegados estão no programa por ordem superior.

Tem um ou outro, como o doutor Junqueira, de Chaves, que finge colaborar mas não passa nada. Vallejo já se queixou dele pra fábrica. A maioria ajuda, dá a ficha toda. Ele fica sabendo se o padre é devasso, como o de Rio Pardo, se já foi acusado de pedofilia ou se tem caso com mulher, ou alguma acusação pendente, ou se já chegou corrido de outra paróquia.

Esses padres, Vallejo traz pro programa fácil, é falar da ficha, eles se apavoram. Foi assim com o padre Laércio e com o padre Venâncio, de Mairinque, flagrado forçando uma beata na cama. O bispo abafou os dois casos, mas o delegado tinha as fichas. Esse delegado, o doutor Gumercindo,

é dos melhores. O envelope dele é o mais gordo. Merecido. Padres bem conservadores, Vallejo consegue trazer para o programa mesmo não tendo ficha. É só falar das igrejas incendiadas pelos anarquistas na Espanha. Aprendeu isso no treinamento.

Se o padre é simpático aos utopistas, a diretiva é descobrir quem são seus amigos e se a paróquia oferece curso de alfabetização ou costuma abrigar forasteiros. Mas isso tudo é incumbência do delegado, não é mais com ele. Cabe também aos delegados plantar os olheiros na missa para anotar se os sermões são subversivos. E mandar relatório para a fábrica.

Não deixa de ser divertido, pensa o sargento Vallejo, ao se lembrar da cara do padre Laerte quando ele falou dos meninos do coro. Odeia esse tipo de padre. Fazem voto de castidade, mas são impostores e perversos, só usam batina em vez de calça pra tirar o pau pra fora mais fácil. Com esses, não tem contemplação.

A estrada segue esturricada e poeirenta. Já se avista o campanário de Monte Mor, encimando o amontoado de casas. Vallejo se lembra da mãe, católica praticante. Deus a tenha. Ela não ia gostar da missão. Pensando bem, não é mesmo coisa boa. Vallejo sente o corpo quebrado depois de tanta trepidação. De fato, a mãe não ia gostar. Nem um pouco. Pensar que entregou aquele dominicano de Bofete, um garoto ainda. O rosto redondo e rosado do rapaz não lhe sai da cabeça.

Vallejo estaciona a kombi numa sombra da pracinha e se aboleta num boteco, para tomar uma cerveja. Ainda é cedo para a missa das seis. Da porta do boteco divisa a estrada perdendo-se ladeira abaixo, até atingir o pé do morro, depois subindo morro acima, e sumir num fio. Ali é um morro depois do outro. Lavoura mesmo tem pouca. Terra cansada. Muito cupim, isso sim. E os alambiques. Ali tinha sido terra de gente antiga e pinga boa. Pena que veio essa lei e expulsou a maioria.

O corpo quebrado requer cachaça, pensa Vallejo. Depois da cerveja, pede uma dose dupla. Pra matar o bicho, diz. Nada de 51 ou Velho Barreiro. Pinga de alambique. Servem uma pinga de Cabreúva. Ele emborca a dose dupla e mais outra, e a terceira. Da porta do boteco, acompanha o sol se pondo, as sombras se alongando, a estrada se desvanecendo no lusco-fusco. Aqui nem pensão de viajante tem, vou ter que pousar em Sumaré ou Hortolândia, calcula.

Merda de missão especial. Não fosse o relatório dele, o dominicano não seria preso e não pegariam a madre. O sino da igreja toca as badaladas das seis. Vallejo deixa passar vinte minutos, paga e entra na igreja. A missa está pela metade. Com esse padre já se confessou uma vez. Lembra de ter ficado confuso. Não soube classificar. Não parecia da ala carismática nem simpático aos utopistas. Também não era moço nem velho, uns quarenta e

poucos anos. Esses são os mais difíceis de classificar.

Fez como sempre. Acabada a missa foi se confessar. O padre disse o de costume, confesse seus pecados meu filho que Deus te perdoa. Então, aconteceu. Deu um chique no sargento Vallejo e ele confessou mesmo tudo, falou da Operação Capela, do dominicano delatado, falou da fábrica, como era, como liquidavam uns e outros. Falou até do estupro da freira. Quando terminou estava exausto e suava frio. Na igreja não havia mais ninguém.

O sacerdote saiu do confessionário e o contornou. Ergueu o sargento Vallejo pelo ombro e conduziu-o, amparado, até a sacristia. Não trocaram palavra. Vallejo, ainda tonto, compartilhou com o padre um caldo de galinha e broas de milho. Depois deitou-se ali mesmo, de comprido, no banco largo de madeira forrado com um acolchoado. Logo caiu em sono profundo. O padre então tirou as botinas do sargento, devagar, para não acordá-lo. Depois o cobriu com uma manta.

Naquela noite o sargento Vallejo respirou pesado. Ao despertar sentiu ter dormido o sono dos justos. Pensou no que fazer. O padre, sentado do outro lado da mesa, nada dizia. Não o admoestava, nem o acarinhava. Só observava. Sobre a mesa, uma coalhada, as broas de milho, e as duas listas estendidas, como se o padre as tivesse decifrado.

O café exalava cheiro forte. Vallejo tomou uma xícara, devagar. Foi aos poucos clareando o pensamento. O padre só olhando. Vallejo tirou da sacola os envelopes com os nomes dos delegados. Em cima da mesa foi abrindo um por um. O dinheiro, amontoava e os envelopes, rasgava. Depois separou as notas em dois montinhos iguais, uma aqui e outra ali, uma aqui, outra ali. Pediu ao padre mais café. Terminou de dividir. Um dos montinhos, empurrou para o padre. É o óbolo, disse.

O outro montinho enfiou no bolso da calça. Sua bênção, padre. Deus te abençoe, meu filho, disse o padre. Vallejo levantou-se, apanhou as listas e as rasgou em pedacinhos. Na porta da sacristia ainda se deteve e deu um aceno de despedida. Depois montou na kombi e pegou a estrada. Tinha que achar uma funilaria para pintar o carro. Não sei se vendo ou se aproveitou para abrir um negócio qualquer de ambulante. Kombi é carro bom pra fazer pastel em feira, pensou. Entrou em São Paulo, alta madrugada, pela Lapa de Baixo. Ao cruzar uma esquina escura parou, desceu da kombi e atirou seu revólver num latão de lixo.

A sala é escura e desprovida de janelas, como se fosse um depósito. Também não tem porta. Dá para o corredor por uma abertura larga na parede. O ar, viciado, fede cigarro. Sobre uma mesinha encardida há alguns copos, uma garrafa de pinga, outra de água mineral e um cinzeiro repleto de bitucas. Numa pia, nos fundos, um jovem negro, robusto e alto, ensaboa as mãos e o rosto. Num sofá torto e encardido, um mulato careca e gordo esparrama-se, de pernas abertas. Seu rosto é bexiguento. Suas olheiras enormes sugerem uma noite em claro. Parece muito cansado. Fuma. Um rapaz magrela, de cara macilenta, barba rala e cabelos longos loiros está sentado de pernas abertas numa das cadeiras. Com a mão esquerda no tampo da mesinha, envolve um copo com pinga pela metade. Também parece cansado. Os três vestem calças jeans e camisas amarrotadas.

- O chefe mandou limpar a sujeira toda - diz o gordo em voz alta, dirigindo-se, assim parece, ao negro que lava as mãos, mas sem lhe voltar o olhar.

- Acabamos de limpar - responde o negro.

- E a papelada dele, os documentos?

- Tá tudo no cofre.

- Estou pregado - diz o magrela loiro.

- E eu então, que trabalhei o cara a noite inteira - diz o gordo.

No momento em que ele diz isso, surge um militar com a insígnia de coronel na abertura do corredor, alto, magro e ligeiramente estrábico.

- Trabalhou errado! - diz o militar. - Levamos um baile de um ano para identificar o cara e o endereço da mãe e na primeira noite vocês põem tudo a perder! E sem arrancar uma palavra!

- Que é isso, chefe? O cara é durão. Tanto assim que deu a zebra que deu.

- Vocês tinham que ter dado os intervalos. Quantas vezes eu expliquei que sem o intervalo de quatro em quatro horas pro sangue circular pode dar gangrena?

- Mas o doutor liberou, disse que podia continuar.

- É outro incompetente. E relapso. Quando deu a merda nem estava mais aqui.

Nesse momento surge atrás do coronel um sargento:

- Chefe, tem uma pessoa no telefone querendo falar com alguém, é do hospital.

- O que ele quer?

- Diz que precisa uma autorização.

- Deixa que eu cuido disso.

O oficial retira-se. Demora-se alguns minutos. Quando retorna, parece pensativo.

- O que foi, chefe? - pergunta o gordo.

- Querem amputar a perna direita. A família precisa autorizar porque ele está inconsciente. Dizem que se não amputar ele não dura dois dias.

- O que o senhor acha, chefe?

- Vocês é que fizeram a cagada. Vocês é que deviam achar. Se ele voltar, vocês garantem que ele fala?

Ninguém responde.

- Eu fiz uma pergunta, quero saber o que cada um de vocês acha - o coronel repete, fitando um, depois outro.

- Você, Baiano, você primeiro, o que você acha?

- Eu acho que não adianta - diz o gordo esparramado no sofá. - Depois de tudo o que fizemos, a noite inteira pendurado, não é agora que o filho da puta vai falar.

- E você Tição, o que você acha?

O negro acabou de lavar as mãos e está se enxugando numa toalha encardida, pendurada num prego.

- Talvez sem uma perna ele mude a ideia de tudo.

- E você, Picolé?

- Sei não - diz o magricela. - O cara é durão.

- O Mangabeira também trabalhou ele? - pergunta o coronel.

- Também.

- Veja se ele ainda está aí.

O magricela, que eles chamam de Picolé, levanta-se de má vontade, larga o copo de cachaça na mesinha e sai pelo corredor. Um minuto depois volta com um rapaz moreno, de cabelo crespo, alto e encorpado, trajando calça de ginástica e tênis. Está suado e com uma toalha enrolada no pescoço.

- O que você acha, Manga?

- O que eu acho do quê?

- Do cara dessa noite, porra. A merda que deu.

- Mais merda? Não tô sabendo de nada.

- Deu gangrena. O hospital está dizendo que precisa amputar. Ou cortam fora a perna direita ou ele já era. Você acha que se pendurar de novo ele fala?

- Duvido. É fita ruim. O cara é uma mula, durão mesmo.

O coronel medita um pouco. Depois diz, em tom resolutivo:

- Três a um. Então, está decidido. Sargento, ligue de volta pro hospital e

diga que nem o nome dele nós sabemos, muito menos endereço ou telefone da família.

O jornalista e professor Bernardo Kucinski, nascido em 1937, em São Paulo, descende de uma família de judeus imigrantes da Polônia. Seu pai, Majer Kucinski, foi escritor e crítico literário da língua iídiche.

Graduado em física pela Universidade de São Paulo, cedo Bernardo tornou-se jornalista. Foi editor-assistente da revista *Veja* e do jornal *Gazeta Mercantil*, correspondente no Brasil dos jornais ingleses *The Guardian* e *Latin America Political Report*, e cofundador de vários jornais alternativos, entre os quais *Amanhã*, *Opinião*, *Movimento* e *Em Tempo*, e do site *Carta Maior*.

No exterior, trabalhou na BBC de Londres e foi correspondente de *Opinião*, *Bondinho* e *Gazeta Mercantil*. É autor de livros sobre economia, política e jornalismo, entre eles *A síndrome da antena parabólica* (Fundação Perseu Abramo), *Jornalistas e revolucionários* (Edusp) e *Abertura, história de uma crise* (Brasil Debates). Seu livro *Jornalismo econômico* (Edusp) foi vencedor do prêmio Jabuti em 1997. Várias de suas obras foram publicadas no exterior, entre as quais *Ditadura da dívida*, *Carnaval dos oprimidos* e *Lula e o Partido dos Trabalhadores* (as três em colaboração com Sue Branford). Entre 2003 e 2006, trabalhou como assessor especial do presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, para quem redigia um informe analítico diário.

Após se aposentar como professor titular da USP, em 2007, passou a se dedicar à literatura, publicando contos na *Revista do Brasil*. K., seu primeiro livro de ficção, foi originalmente lançado em 2011 (Expressão Popular). Finalista dos prêmios São Paulo de Literatura, União Brasileira de Escritores e Portugal Telecom (todos de 2012), até 2013 o romance já havia sido traduzido para o inglês, o espanhol, o catalão, o alemão e o hebraico. Foi reeditado pela Cosac Naify em 2014.

AGRADECIMENTOS

Muitos contribuíram para o aperfeiçoamento dos textos aqui publicados, lendo versões preliminares. Agradeço em especial a Zilda Junqueira, Julián Fuks, Cláudio Cerri, Rogério Christofolletti, Venício Lima, Nivaldo Manzano, Avraham Milgram, João Almino, Débora K. Goldemberg, Enio Squeff, Carlos Knapp e à minha mulher, Mutsuko Yamamoto Kucinski, que leu todos eles. [B. K.]

© Cosac Naify, 2014

© Bernardo Kucinski, 2014

Coordenação editorial MARTA GARCIA

Assistentes editoriais ANA PAULA MARTINI, RAQUEL TOLEDO

Projeto gráfico original PAULO ANDRÉ CHAGAS

Revisão THIAGO LINS, CARLOS A. INADA

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

Produção de ePub FABIAN J. TONACK

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kucinski, Bernardo [1937-]
 Você vai voltar pra mim e
 outros contos: Bernardo Kucinski
 São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0734-0

Contos brasileiros I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros: 869

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em abril de 2014,
com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Leitura, Tungsten
SOFTWARE Adobe InDesign e Sigil